

COORDENADORA GERAL E ORGANIZAÇÃO  
**DRA. SARA M.A.G. BERNARDES**

# ACADÊMICA

A REVISTA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR LATINO-AMERICANO

VOLUME VIII  
NOVEMBRO, 2020





Revista  
ACADÊMICA



# Revista

## ACADÊMICA

BELO HORIZONTE  
NOVEMBRO  
2020



## REVISTA ACADÊMICA v.8

### **Diretora Fundadora:**

Sara Maria Alves Gouveia Bernardes

### **Coordenação Científica**

Sara Maria Alves Gouveia Bernardes

Joaquim José Miranda Júnior

Cilas Bernardes Rosa

Eugenio R. Zaffaroni

Ricardo Rabinovich-Berkman

Raphael Silva Rodrigues

Enrique Coscarelli

Amélia Imbriano

José Luis Fliguer

Kaminsky Mello

Manoel Felizardo

Mario Secchi

Nicolás Rodríguez León

Monica Pinto

Marta Biagi

Teodora Zamudio

Renato Rabbi-Baldi Cabanillas

Eduardo Sisco

Manuel Vial Dumas

Javier Baños

### **Conselho Editorial:**

Sara Maria Alves Gouveia Bernardes

Joaquim José Miranda Júnior

Cilas Bernardes Rosa

Eliane Bernardes Rosa de Miranda

Francis Albert Cotta

Josinaldo Leal

Manoel Felizardo

Thiago Perez

Valéria Fernandes

### **Pareceristas:**

Sistema IESLA Double Blind Peer Review

Luis Fernando Pires Machado (DF); Sara Maria Alves Gouveia Bernardes (MG); Kaminsky Cholodovskis; Joaquim José Miranda Júnior(MG); Raphael Silva Rodrigues(MG); Rafael Machado (MG); Nicolás Rodríguez León(AR); José Luis Fliguer(AR).

### **Editor Responsável:**

Dr. Cilas B. Rosa

### **Diagramação e Revisão Textual:**

Thiago Florêncio



### **2020 Editora Edições Superiores**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, e videográficos. (Lei n. 9.610, de 19.02.1998).

Av. Miguel Perrela, 698 - Castelo - Belo Horizonte /MG CEP: 31.330-290

<http://edicoessuperiores.com.br/>

Impresso no Brasil/ Printed in Brazil

Os trabalhos divulgados nesta edição são de responsabilidades exclusiva dos autor

R454

Revista Acadêmica. / Belo Horizonte: IESLA – Instituto de Educação Superior Latino-Americano – v. 1, Set. 2013 – Belo Horizonte: Edições Superiores, 2020.

v. 8, n. 1, nov. 2020.

ISSN: 2318-258X

Bílingue: Português e Espanhol

1. Genética. 2. Saúde. 3. História. 4. Psicologia. 5. Ciência da Informação. 6. Multi-disciplinar . 7. Educação

CDU: 34



edições  
**SUPERIORES**



# EDITORIAL

A Revista Acadêmica foi criada em 2011 como iniciativa nossa enquanto fundadores do Instituto de Educação, cuja gestão esteve sempre voltada à consolidação do Grupo Educacional como espaço para uma “nova experiência de interdisciplinaridade acadêmica”.

Reunindo diferentes áreas do conhecimento em torno da tarefa de preservar e difundir o conhecimento por meio da Acadêmica, um importante passo no sentido de levar para além dos muros da universidade toda a efervescência de ideias e debates que vem marcando toda a trajetória acadêmica e científica da nossa comunidade acadêmica.

O que pretendemos – ou em última análise vamos perseguir – é resgatar para a universidade um debate crítico, mais atual e comprometido, que fuja do discurso acadêmico convencional, que nesse sentido fica muitas vezes distanciado das grandes questões que a sociedade brasileira enfrenta e que devem ser naturalmente objeto das ciências.

Fruto desse desafio, a Acadêmica enfrentou alguns interstícios e hiatos de incertezas durante este ano que, no entanto, nunca chegaram a distanciá-la da linha editorial traçada. A cada nova etapa da publicação, pelo contrário, novas discussões e temas permitiram que ela se mantivesse como espaço de um diálogo profícuo e necessário entre academia e sociedade, marcado especialmente pela interdisciplinaridade.

O desafio que se coloca para essa edição da Revista Acadêmica é permanecer cumprindo sua missão de ecoar as ideias e discussões que acontecem no terreno das Ciências Humanas, Ciências da Saúde, Letras e Linguística, Ciências Biológicas para um público cada vez mais amplo e diversificado, buscando, por meio desse processo, oferecer um debate qualificado e relevante para a conjuntura e sociedade contemporânea, sem abrir mão da densidade científica de suas publicações. Você constará tal rigor ao ler o artigo intitulado Ecologia de Mídia de Marshall McLuhan, escrito por Altemar de Araújo Freire, apresenta de forma assertiva e didática, a teoria que levou um dos maiores estudiosos da mídia de massa a compreender sobre como os novos processos de relação humana propendem a excluir postos de trabalho, mesmo que novas funções no meio midiático fossem criadas.

Escrito por Cristienne Gonçalves Pereira, o artigo Panorama Patológico de nosso tempo numa perspectiva dos processos Intra e Intersubjetivos, apresenta uma reflexão sobre o panorama patológico e suas origens da sociedade atual.

Em Análise da Ergonomia Cognitiva em discentes em escolas da região Centro-Oeste de Minas Gerais, o autor Euclides Maluf apresenta uma análise da atuação dos profissionais da educação em três escolas, situadas na cidade de Bambuí, sendo duas da rede pública estadual e uma da rede privada, tendo como base, a qualidade de vida, a ergonomia ou fatores humanos.

Motivação para alcançar reflexões sobre a perspectiva da religião na sociedade individualizada. Este é o foco principal que motivou Franklin dos Santos Moura a escrever seu artigo. O autor desenvolveu uma revisão da literatura se baseando no conceito da religião, abordando aspectos sociais.

Já em Abayomi: momento precioso, Maria José dos Santos Vertuan, descreve de forma clara e objetiva, maneira de como os negros buscavam entreter seus filhos por meio da criatividade no período de trajetória África-Brasil, apresentando o real significado das bonecas Abayomi.

Desenvolvido por Karine Emanuely Mascarenhas Romano e João Auricelio Souza Silva, o artigo O ato de ser psicólogo: experiência hospitalar apresenta o desenvolvimento e crescimento da psicologia atrelada a vivência de estágio no decorrer da graduação em um aspecto em desenvolvimento da psicologia, ou seja, a Psicologia Hospitalar.

Os autores Paula Moreira Tavares e Oséias da Silva Iapechino desenvolveram o artigo Conflitos e resoluções de conflitos em ambientes administrativos hospitalares buscando analisar e entender o significado de negociação, apresentando como objetivo central a Negociação Hospitalar.

Ganha, assim, quem se dedica à leitura de temas tão bem pesquisados. Parabéns aos renomados autores.

Boa leitura!

Profa. Sara M. A. G. Bernardes  
Reitora e Pós doutora em Direito

# SUMÁRIO

ECOLOGIA DE MÍDIA DE MARSHALL MCLUHAN  
*Altemar Freire*

15

PANORAMA PATOLÓGICO DE NOSSO TEMPO NUMA PERSPECTIVA  
DOS PROCESSOS INTRA E INTERSUBJETIVOS  
*Cristienne Gonçalves Pereira*

41

ANÁLISE DA ERGONOMIA COGNITIVA EM DISCENTES EM ESCOLAS  
DA REGIÃO CENTRO-OESTE DE MINAS GERAIS  
*Euclides Maluf*  
*Dânica Monique Alves Mendes*  
*Gabrielle Barreto da Silva*

55

REFLEXÕES SOBRE A PERSPECTIVA DA RELIGIÃO NA SOCIEDADE  
INDIVIDUALIZADA  
*Franklin dos Santos Moura*

73

*ABAYOMI: MOMENTO PRECIOSO*  
*Maria José dos Santos Vertuan*

97

*O ATO DE SER PSICÓLOGO: EXPERIÊNCIA HOSPITALAR*  
*Karina Emanuely Mascarenhas Romano*  
*João Auricelio Souza Silva*

111

*CONFLITOS E RESOLUÇÕES DE CONFLITOS EM AMBIENTES  
ADMINISTRATIVOS*  
*Paula Moreira Tavares*  
*Oséias da Silva Iapechino*

127



# ECOLOGIA DE MÍDIA DE MARSHALL MCLUHAN

*Altemar de Araújo Freire<sup>1</sup>*

## RESUMO

Marshall McLuhan (1911-1980), foi um dos maiores estudiosos da mídia de massa e de seu impacto na transformação social, cuja análise trouxe à tona uma nova ótica sobre as tecnologias e seu impacto imediato no cotidiano das pessoas, o que vai além de simples invenções, mas algo significativo para uma sociedade que se reinventa, o que deu origem a sua obra de 1962 “A Galaxia de Gutenberg”, bem como a concepção da “Ecologia de Mídia”.

Com a automatização dos processos e a incorporação da tecnologia aos meios e modos de fazer as coisas, assim como na maneira como nos comunicamos, levou McLuhan a entender como certo que novos esquemas de relação humana tendem a eliminar postos de trabalho, ainda que por outro lado, viesse a criar novas funções que a precedente tecnologia mecânica havia destruído.

Temos que, desde a invenção da imprensa nossa motivação de pensamento se dava em linhas retas e ordenadas, cuja percepção de mundo vinha em compatibilidade com a ordem visual da página impressa. No entanto, desde o final do século XIX, as novas aplicações da eletricidade, do telégrafo, do telefone, da televisão, nos ensinaram a reordenar as nossas percepções de mundo em formas compatíveis com o protocolo do ciberespaço.

---

<sup>1</sup> Doctorando em Ciencias Empresariales Y Sociales – UCES (CABA – Argentina), Pós-Graduado em Gestão Empreendedora (FIP-PB) e MBA em Negócios Financeiros (FGV-RJ), Graduado em Ciências Econômicas (FIP-PB). Trabalha no Banco do Brasil S.A desde 1987 - Gerente Geral de Agência há 20 anos, educador corporativo da UniBB – Universidade Banco do Brasil. Contato: [altemarfreire@gmail.com](mailto:altemarfreire@gmail.com)

Percebemos já há algum tempo que o conteúdo segue a forma e as tecnologias incipientes dão lugar a novas estruturas de pensamento e sentimento, de onde cambiamos da idade do visual e entramos na idade da audição e do tátil. Somos como a tela da televisão, levamos toda a humanidade como nossa pele.

Assim, pretendemos discorrer sobre seus relevantes e múltiplas ideias, relacionando-as com o cotidiano moderno no que concerne ao impacto das novas tecnologias nos processos mentais, sentidos, opiniões e conceitos afetos a seu uso cada vez mais intenso.

**Palavras-chave:** Ecologia; mídia; meios de comunicação; tecnologia.

## RESUMEN

Marshall McLuhan (1911-1980), fue uno de los mayores estudiosos de los medios masivos y de su impacto en la transformación social, cuyo análisis trajo a la luz una nueva óptica sobre las tecnologías y su impacto inmediato en el cotidiano de las personas, lo que va más allá de que es una simple invención, pero algo significativo para una sociedad que se reinventa, lo que dio origen a su obra de 1962 “La Galaxia de Gutenberg”, así como la concepción de la “Ecología de Medios”.

Con la automatización de los procesos y la incorporación de la tecnología a los medios y modos de hacer las cosas, así como en la manera como nos comunicamos, llevó a McLuhan a entender cómo ciertos nuevos esquemas de relación humana tienden a eliminar puestos de trabajo, aunque por otro lado, venía a crear nuevas funciones que la anterior tecnología mecánica había destruido.

Tenemos que, desde la invención de la prensa, nuestra motivación de pensamiento se daba en líneas rectas y ordenadas, cuya percepción del mundo venía en compatibilidad con el orden visual de la página impresa. Sin embargo, desde finales del siglo XIX, las nuevas aplicaciones de la electricidad, el telégrafo, el teléfono, la televisión, nos enseñaron a reordenar nuestras percepciones de mundo en formas compatibles con el protocolo del ciberespacio.

Hemos percibido desde hace algún tiempo que el contenido sigue la forma y las tecnologías incipientes dan lugar a nuevas estructuras de pensamiento y sentimiento, de donde cambiamos de la edad del visual

y entramos en la edad de la audición y del táctil. Somos como la pantalla de la televisión, llevamos a toda la humanidad como nuestra piel. Así, pretendemos discurrir sobre sus relevantes y múltiples ideas, relacionándolas con lo cotidiano moderno en lo que concierne al impacto de las nuevas tecnologías en los procesos mentales, sentidos, opiniones y conceptos afectos a su uso cada vez más intenso.

**Palabras clave:** Ecología; mídia; medios de comunicación; tecnología.

## INTRODUÇÃO

Os escritos de McLuhan (1911-1980), considerado por muitos um ícone da tecnologia das mídias, o chamado “filósofo da era eletrônica”, contribuiu significativamente para a transformação do pensamento social sobre a mídia, demonstrando como ao longo do tempo os meios impactaram significativamente o modo como as pessoas se relacionam com a realidade, passando pelo alfabeto, a escrita, a imprensa, a locomotiva, o rádio, dentre outras, mostrando o modo de vida social e a nossa relação com o espaço, o trabalho e o lazer.

McLuhan considera como meio todo dispositivo que mantém uma relação com o *sensorium* humano, tais como a roda, o vestuário, a estrada, que como meios de comunicação se tornaram prolongamento das funções relacionais com efeitos sociais e psicológicos relevantes. Assim as mídias de modo muito intenso ampliou as variadas formas de comunicação como a escrita e a fotografia, ao mesmo tempo que abandona os mais variados meios antes considerados imprescindíveis, a exemplo daqueles mais antigos, como as cartas, o telegrama, as livrarias, ou os mais modernos, inclusive os que já integram a cultura digital, onde já se percebe um arrefecimento nos chats, blogs e correio eletrônico.

Podemos sobre esta ótica considerar que tecnologias como o facebook e o Instagram de certo modo pode ser visto como um antigo costume interiorano, quando as pessoas ficavam nas calçadas a comentar a vida cotidiana da cidade ou do bairro que hoje vai muito além, pois ainda que virtual, comenta-se de parentes e amigos residentes em outros continentes sobre notícias on line de vídeos, fotos, skyper, o que de certo modo tem tornado as pessoas carentes de conexões reais, ainda que essa reconexão traduza o sentido literal da visão de McLuhan sobre uma aldeia global, comprovando suas ideias mais de quarenta anos depois.

A aldeia global popularizou-se e os meios de comunicação se amplificaram planetariamente, onde o olhar tecnológico se acentua a cada dia, surgindo inovações midiáticas verdadeiramente extensivas ao corpo, como facebook, twitter, whatsapp, skyper, e-mail, cujo meio, o celular, porta todas as mídias – o rádio, o livro, o jornal, a revista, a música e claro, o telefone e a TV, cuja mensagem se propaga de forma exponencial, de um canto do mundo ao outro, tornando as distâncias continentais à um passo do agora, uma verdadeira aldeia global.

## O MEIO É A MENSAGEM

O homem de uma sociedade letrada e homogeneizada já não é sensível à diversa e descontínua vida das formas, mas adota uma postura de preferências de conteúdo e de visão mais elaborada daquilo que lhe torna mais aprazível, cuja comunicação e a capacidade de reação está relacionada ao meio ou veículo de comunicação.

Neste sentido, McLuhan (1996), cita a luz elétrica como informação pura, profundamente integral e ante centralista do mesmo modo que a máquina era fragmentária, centralista e superficial com as relações humanas, sendo um meio sem mensagem. Implica este fato, que é característico de todos os meios, que o conteúdo de todo meio é outro meio.

A visão do efeito relacional dos meios é o que importa, ou seja, o seu conteúdo, e nesse ótica, cita a General Eléctrica Company – GE e uma certa miopia, pois ainda não havia percebido que sua essência não é produzir lâmpadas ou sistemas de iluminação, mas primordialmente transportar informação, sendo o seu negócio tão relevante quanto a AT&T.

Assim, a alusão de McLuhan (1996) aos meios e a forma como nos relacionamos com o factual é para dizer que esta é amplamente alterada pela tecnologia, a exemplo da concepção do sistema ferroviário, onde a locomotiva modificou significativamente o feitio como as pessoas conviviam com o espaço, pois as distâncias, antes inalcançáveis através de charretes, passou a estar ao alcance de algumas horas, tornando-se um novo meio e uma nova mensagem: uma nova forma de se relacionar com o espaço.

Voltando a um ícone da mensagem temos o cinema, cujos filmes nos transportam para um mundo de configurações criativas, onde a mensagem deste meio nos permite transitar para um mundo de ilusões e sonhos triunfantes que nenhum dinheiro seria capaz de comprar.

Nesse momento de cultura altamente alfabetizada e mecanizada do cinema, surge o Cubismo, considerado a mais radical construção feita pelo homem em uma tela colorida que deixa claro que de fato o meio é a mensagem, uma percepção sensorial e instantânea de todo um conjunto.

Sobre o Cubismo, Marshal citando Gombrich (1996):

Ao propiciar a apreensão total instantânea, o cubismo como que de repente anunciou que o meio é a mensagem e surge as questões: não foi isto que aconteceu tanto na Física como na pintura, na poesia e na comunicação?

Onde os segmentos especializados da atenção deslocaram-se para o campo total, e é por isso que agora podemos dizer, da maneira a mais natural possível: “O meio é a mensagem” (p.20).

Então que a mensagem era o “conteúdo”, como costumavam dizer as pessoas ao perguntarem sobre o que significava um quadro e nunca se lembravam de perguntar do que tratava uma melodia, ou uma casa ou um vestido, onde as pessoas sempre conservavam um certo senso de integralidade, de forma e função como unidade.

Nesse mister, McLuhan (1996) esclarece como reagiu um grande general em resposta ao Cardeal Newman que disse de Napoleão:

Ele compreendeu a gramática da pólvora” e Napoleão dedicou alguma atenção a outros meios também, especialmente ao telégrafo semafórico, que lhe deu grande vantagem sobre seus inimigos e cuja declaração ficou estampada, a declaração de que “três jornais hostis são mais de temer do que mil baionetas (p.21).

Tocqueville (1997), estudando a Revolução Francesa explicou que a palavra impressa, dado os princípios tipográficos de uniformidade, da continuidade e da linearidade, liderada por bacharéis e literatos, contribuiu para tornar a nação francesa mais igualitária, homogênea, sem distinção entres sulistas e nortistas, enquanto que na Inglaterra, as tradições orais do direito cotidiano, no conservadorismo do parlamento, a nova cultura impressa não prevaleceu na sua completude.

Os padrões americanos fincados na escrita como tecnologia, extensível a todos os níveis da vida social, do governo, da indústria e da educação, passaram agora a ser ameaçados pela tecnologia elétrica, ora dentro dos muros, ainda que muitos continuem insensíveis, míopes e surdos ao choque com a tecnologia de Gutenberg, onde o modo de vida americano fora moldado, cuja resposta aos meios e veículos de comunicação é o de que efetivamente importa é o modo como são usados.

Desse modo, o efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu conteúdo é um outro meio. O conteúdo de um filme é um romance, uma peça de teatro ou uma ópera. Arnold Toynbee (1973) aclarou a temática do poder transformador dos meios e da eficiência crescente em qualquer tecnologia. Entende que a resposta advinda de opiniões é que é significativo na relação e no resultado dos meios e da tecnologia na sociedade, o que pode decorrer do feitiço tipográfico.

## MÍDIA QUENTE E MÍDIA FRIA

O princípio básico que distingue uma mídia quente de uma fria pode ser explicitada nos exemplos do rádio e o telefone, do cinema e a televisão respectivamente, sendo a mídia quente aquela que é capaz de estender um sentido em alta definição, que transborda informação, como uma fotografia que, visualmente, é de alta definição.

Todavia, as mídias quente são de baixa participação, enquanto os frios tem uma interação mais intensa, a exemplo das escrituras hieróglifo, tendo este meio frio efeito muito distinto a do meio quente e explosivo do alfabeto fonético, cuja palavra impressa, de intensidade especializadora rompeu os vínculos entre os monastérios e as irmandades corporativas, criando monopólios sumariamente individualistas, cuja inversão se deu com o fim dos monopólios e o retorno das corporações com uma visão impessoal de amplo impacto social.

As mídias ao longo do tempo provocaram transformações sociais significativas, a exemplo da chegada da imprensa, quando muitas formas de interação social já arraigadas foram eliminadas da vida e da arte e muitas outras introduzidas com inovações estranhas e intensas.

Robert Theobald (1961) em seu livro “The Rich and the Poor”, apresenta um exemplo de impacto perturbador de uma tecnologia quente que sucede a outra fria. Quando os missionários entregaram machados de aço aos aborígenes australianos, desmoriou sua cultura de uso do machado de pedra, então um símbolo da relevância e da masculinidade do homem tribal.

Como os machados de aço foram entregues as mulheres e jovens, os homens tiveram de pedir emprestados as esposas, provocando nestes sensação de impotência que mais tarde provocou o colapso da dignidade masculina, revelando que uma hierarquia tribal tradicional se colapsa rapidamente ao se deparar com qualquer mídia quente do tipo mecânica, uniforme e repetitivo, enquanto as mídias do dinheiro, das rodas ou da escritura ou qualquer outra mídia especializada de intercâmbio e informação leva a fragmentação.

Por outro lado, uma grande aceleração, como a que produziu a eletricidade, pode restabelecer as pautas de intensas implicações, como ocorreu na Europa com a introdução da rádio na América do Norte, com a televisão, ou seja, a tecnologia especializada destrabaliza e a elétrica não especializada retribaliza, o que se constitui em um processo perturbador acompanhado de um forte atraso cultural em que as pessoas se veem compelidas a considerar as situações novas como se fossem as antigas.

Kenneth Boulding citado por McLuhan (1996) tocou no assunto em *The Image* (“A Imagem”), ao dizer:

O significado de uma mensagem é a mudança que ela produz na imagem. O interesse antes pelo efeito do que pelo significado é uma mudança básica de nosso tempo, pois o efeito envolve a situação total e não apenas um plano do movimento da informação (p. 31).

No princípio, o efeito da tecnologia elétrica provocou angústia e na atualidade há uma sensação de que vem concebendo o tédio, com uma tripla travessia a realizar — alarma, resistência, exaustão, estágios que caracterizam um stress vital individual e coletiva, amenizada nos países subdesenvolvidos que mostraram pouca permeabilidade à cultura mecânica e especializada, estando estes em muito melhores condições para enfrentar e entender a tecnologia elétrica.

Muito se lamenta o fato de a sociedade ter de mudar depressa demais para acompanhar a máquina. Há uma grande vantagem em caminhar rápido, se você caminha de maneira completa, se as mudanças sociais, educacionais e de recreação estejam de passos acertados, o que leva a Lewis Mumford e o seu *The City in History* (“A Cidade na História”), que se mostra favorável às cidades frias e informalmente estruturadas, contra as cidades quentes e densamente povoadas.

Torna relevante saber se um meio quente é utilizado numa cultura quente ou fria. O rádio, meio quente, aplicado a culturas frias ou não letradas, provoca um efeito violento, contrariamente ao que acontece, por exemplo, na Inglaterra e na América, onde o rádio é considerado divertimento. *“Uma cultura fria, ou pouco letrada, não pode aceitar como simples divertimentos os meios quentes, como o rádio e o cinema. Estes meios são tão perturbadores para elas como o meio frio da televisão acabou por se mostrar em nosso mundo altamente letrado”* (McLuhan, 1996, p. 35).

Desse modo, podemos estabelecer a diferença entre os empregos dos “meios quentes e frios”.

(...)

Comparando e opondo a transmissão de um concerto sinfônico e de um ensaio sinfônico, como os espetáculos da CBC com Glenn Gould na gravação de recitais de piano e a apresentação de Igor Stravinsky, com regência da Sinfonia de Toronto – Canadá, sendo as mensagens bem engendradas mais pertinentes aos meios quentes, como o rádio e a vitrola (McLuhan, 1996, p. 35).

Nesse mister, Francis Bacon, comparando quase sempre a prosa fria e a prosa quente, escreveu com métodos ou “embalagens completas” e insurgia-se quanto a escrever por aforismos ou por observações simples, a exemplo de “A vingança é uma espécie de justiça selvagem”.

## REVERSÃO DO MEIO SUPERAQUECIDO

Mcluhan (1996), inicia este capítulo analisando o uso do meio nas relações diplomáticas entre Washington e Moscou, naquilo que ficou conhecido no meio jornalístico como “linha quente”. A revista *times* noticiou que o acordo entre as duas nações criava uma de linha de comunicação direta para casos de emergência em que demandasse intervenções ou posicionamento das duas potências.

Tradicionalmente o Ocidente inclina-se para a forma impressa, amparada na impessoalidade desse meio frente ao telefone, onde as implicações da forma impressa são antagônicas em Moscou e em Washington, o que se repete com o telefone, onde a predileção dos russos por este instrumento, tão de acordo com suas tradições orais, deve-se ao rico envolvimento não-visual que ele propicia. O russo utiliza o telefone para os mesmos efeitos que nós associamos a uma ansiosa conversa cara a cara.

Mcluhan (1996) constata que:

O telefone, assim como o teletipo são amplificações de tendências culturais inconscientes de Moscou e Washington, o que se converte em autêntico convite aos mais terríveis desentendimentos. Os russos entendem como muito natural a espionagem por via auditiva, mas se sentem ultrajados pela espionagem visual, que eles não consideram nada natural quanto aos americanos (p. 37).

Essa estrutura reversa se manifestou também logo nas primeiras utilidades destinadas a “poupar esforços” - tostadores, lavadoras ou aspiradores, que em lugar de poupar trabalho, os eletrodomésticos provocaram um novo comportamento no lar, a de que cada qual faça seu próprio trabalho. “*O que o século XIX delegara a servos e empregadas, agora executamos nós mesmos, característico na era da eletricidade*” (Mcluhan, 1996, p 38).

Na nova Era da Informação elétrica e da produção programada, os próprios bens de consumo assumem cada vez mais o caráter de informação, embora esta tendência se manifeste principalmente nas progressivas verbas publicitárias, sendo significativo que os bens de consumo mais usados na comunicação social — cigarros, cosméticos e sabonetes — sejam também os maiores responsáveis pela manutenção dos meios de comunicação em geral.

À medida que aumentam os níveis da informação elétrica, praticamente toda e qualquer espécie de material atenderá a qualquer espécie de necessidade ou função, obrigando mais e mais o intelectual a investir-se no papel de comando social e de serviço da produção.

Atualmente é a rodovia que ultrapassa seu limite de ruptura transforma as cidades em autoestradas, enquanto estas mesmas vão adquirindo um caráter urbano contínuo. Outra reversão característica do limite de ruptura rodoviário é que o campo deixa de ser o centro de todo trabalho e a cidade deixa de ser o centro do lazer. O progresso das estradas e dos transportes provocou a reversão da antiga estrutura: as cidades se tornaram centros de trabalho, os campos passaram a servir ao lazer e à recreação.

Primitivamente, o aumento de tráfego propiciado pelo dinheiro e pelas estradas conduziu à liquidação do estado estático tribal segundo Toynbee, que chama a cultura de nômades em busca de víveres.

De outro lado, o homem sedentário e especializado é dinâmico, explosivo e progressista.

Uma nova ordem se apresenta, onde a inovadora cidade mundial e magnética será estática e icônica ou inclusiva. No mundo antigo, a consciência intuitiva dos limites de ruptura como pontos de reversão e irreversibilidade estava incorporada na ideia grega de hubris, que Toynbee apresenta em seu Estudo de História, sob os títulos de “A Nêmesse da Criatividade” e “A reversão dos papéis” (Mcluhan 1996, p. 40).

Desse modo, temos evidência de que uma das causas mais comuns de ruptura em qualquer sistema é o cruzamento com outro sistema, como aconteceu com a imprensa e a prensa a vapor, ou com o rádio e o cinema (gerando o cinema falado). Nos dias atuais, com o microfilme e os microcartões, para não falar das memórias eletrônicas, a palavra impressa de novo assumiu muito do caráter artesanal de um manuscrito.

## OS MEIOS COMO TRADUTORES

As tecnologias são meios de traduzir uma espécie de conhecimento para outra, como observou Lyman Bryson, ao declarar que “tecnologia é explicitação”. A tradução é, pois, um desvendamento de formas do conhecimento, onde a mecanização é uma tradução da natureza, e de nossas próprias naturezas, para formas ampliadas e especializadas.

O poder da tecnologia transformou significativamente as relações tradicionais e trouxe à tona a visão de que todos os meios são metáforas ativas em seu poder de traduzir a experiência em novas formas, onde a palavra falada foi a primeira tecnologia pela qual o homem pôde desvincular-se de seu ambiente para retomá-lo de novo modo, uma vertente da recuperação da informação que pode abranger a alta velocidade, a totalidade do ambiente e da experiência.

Com a era da eletricidade, nós percebemos mais engajados em termos de informação, rumo à extensão tecnológica da consciência, justamente como almejado significar quando dizemos que, a cada dia que passa, sabemos mais e mais sobre os nós mesmos, ou seja, traduzir para nós mesmos cada vez mais em outras formas de expressão que nos superam.

Mcluhan (1996) cita George Herbert e seu pensamento de que o homem é uma forma de expressão da qual se espera, tradicionalmente, que se repita a si mesma para ecoar o louvor ao Criador. “*A oração é a tempestade revertida*”, tendo o homem o poder de fazer reverberar o trovão divino pela tradução verbal (p. 53).

As recentes tecnologias, mesmo sem percebermos, impulsiona o nosso corpo físico para dentro de um sistema nervoso prolongado, mediante os meios elétricos, nós deflagramos uma dinâmica pela qual todas as tecnologias anteriores — meras extensões das mãos, dos pés, dos dentes e dos controles de calor do corpo, e incluindo as cidades como extensões do corpo, parecem traduzidas em sistemas de informação.

Há uma ampla e longa revolução pela qual os homens buscaram traduzir a natureza em arte, ainda pouco acostumados a conhecer como conhecimentos aplicados, cujo processo Mcluhan (1996) discorre:

Para os que se interessam por este extraordinário processo do conhecimento aplicado na civilização ocidental, Shakespeare fornece um bom material para meditação com seu *As You Like It* - o mundo dourado do bem-estar, sem emprego ou ocupação, de sua floresta de Arden, um processo de tradução a que agora dar início através do portal de automação elétrica (p. 54).

Shakespeare fala de um mundo em que, como que por programação, pode-se fazer reverter os materiais do mundo natural numa variedade de níveis e intensidades de estilo, estando próximos disso, em escala maciça, nos tempos eletrônicos que correm, conhecida como a imagem da Idade de Ouro, de completas metamorfoses ou traduções da natureza em arte.

O poeta Stephane Mallarmé, citado por McLuhan (1996) achava que o mundo existe para acabar num livro, quando na realidade o momento é de ir além, transferindo todo o espetáculo para a memória de um computador, pois o homem, como observa Julian Huxley, dife-

rentemente das criaturas simplesmente biológicas, possui um aparato de transmissão e transformação baseado em sua capacidade de armazenar experiência, cuja capacidade de armazenamento, semelhante a própria linguagem, torna-se um meio de transformação da experiência.

Por outro lado, há que se dosar a intensidade dos meios, do contrário, seremos levados a confrontar-se com o dilema do ouvinte que telefona para a emissora de rádio e questiona o excesso de informações sobre o tempo e grita: *“desliguem, estou mim afogando”*, o que nos retorna ao momento do homem tribal, onde os rituais são mágicos meios de conhecimento aplicado e assim, em lugar de traduzir a natureza em arte, o nativo esquecido procura dotar a natureza de energia espiritual (Mcluhan, 1996, p. 55).

Na ideia freudiana é possível que se encontre uma chave para alguns desses problemas, de que tentamos recalcar a experiência ou acontecimento que não conseguimos traduzir em arte consciente, o mesmo mecanismo que serve para entorpecer-nos em presença daquelas extensões de nós mesmos.

Do mesmo modo que a metáfora transmite e transforma a experiência, assim fazem os meios, onde um convite não é apenas um daqueles gestos casuais de que possamos fazer pouco, pois não corresponder, pode provocar a mesma frustração que um espetáculo interrompido.

Falando no presente, Mcluhan (1996) nos apresenta que:

Nos dias atuais o computador-tradutor Mark II se propõe traduzir as obras-primas de qualquer literatura para qualquer língua, traduzindo desta forma as palavras de um crítico russo sobre Guerra e Paz, de Tolstói, o que torna evidente que toque e contato não se referem apenas à pele, mas ao jogo recíproco dos sentidos: manter contato ou estabelecer contato é algo que resulta do encontro frutífero dos sentidos — a visão traduzida em som e o som em movimento, paladar e olfato (p.56).

Agora é possível programar os sentidos que se aproximem da condição da consciência, tal como a roda é uma extensão dos pés em rotação, prolongando nosso sistema nervoso central em tecnologia eletromagnética, na sequência, seguimos com o processo que transfere nossa consciência para o mundo do computador, onde poderemos, desse modo, programar a consciência, de forma a que ela não ceda ao entorpecimento e à alienação narcísica provocada pelas ilusões do mundo do entretenimento.

## A PALAVRA FALADA

A palavra falada envolve todos os sentidos intensamente, embora as pessoas altamente letradas tendam a falar de maneira tão concatenada e natural quanto lhes é possível, os caracteres francamente divergentes das palavras escrita e falada podem hoje ser mais bem estudados, graças ao contato mais íntimo que hoje temos com as culturas pré-letradas.

Um nativo, o único alfabetizado de seu grupo, falando da sua função de leitor de cartas para os outros, “*disse que se sentia impelido a tapar os ouvidos com os dedos, durante a leitura, para não violar a intimidade das cartas. Trata-se de um testemunho interessante dos valores da intimidade alimentados pela pressão visual da escrita fonética*” (Mcluhan 1996, p. 67).

Bergson sugere que, sem a linguagem, a inteligência humana teria permanecido totalmente envolvida nos objetos de sua atenção. A linguagem é para a inteligência o que a roda é para os pés, pois lhes permite deslocar-se de uma coisa à outra com desenvoltura e rapidez, envolvendo-se cada vez menos. Enquanto a linguagem projeta e amplia o homem, mas também divide as suas faculdades, a consciência coletiva e o conhecimento intuitivo ficam diminuídos por esta extensão técnica da consciência que é a fala.

## A PALAVRA ESCRITA

Para alguns ocidentais, a palavra escrita ou impressa se tornou um assunto melindroso. Indubitavelmente hoje se escreve, imprime e lê mais do que antes, mas há também uma nova tecnologia elétrica que ameaça esta antiga tecnologia construída sobre o alfabeto bi fonético.

A tecnologia elétrica parece favorecer a palavra falada, inclusiva e participativa, e não a palavra escrita especializada, onde nossos valores, baseados na palavra escrita, têm sido consideravelmente afetados pelos meios elétricos, tais como o telefone, o rádio e a televisão, tendo muitas pessoas altamente letradas encontrando dificuldade em analisar esta questão sem evitar um pânico moral.

Sobre o poder do alfabeto, McLuhan (1996) nos apresenta que:

O alfabeto significou o poder, a autoridade e o controle das estruturas militares e quando combinado com o papiro, o alfabeto decretou o fim das burocracias templárias estacionárias e dos monopólios sacerdotais do conhecimento e do poder. Diferentemente da escrita pré-alfabética, com seus inumeráveis signos de difícil assimilação, o alfabeto podia ser apreendido em poucas horas, o que o tornou acessível, visto que o papiro transportável, barato e leve, produziu a transferência do poder da classe sacerdotal para a classe militar (p. 70).

## TIPOGRAFIA

Antes de Gutenberg desenvolver seus tipos moveis de imprensa, muita impressão sobre papel já fora executada, utilizando-se a xilogravura, onde talvez a forma mais popular desta impressão de textos e imagens tenha sido a da Bíblia Pauperum, a Bíblia dos Pobres. Estes impressores xilográficos precederam os impressores tipográficos. embora não se possa precisar de quanto tempo, porque essas publicações baratas e populares, desprezadas pelos eruditos, não foram preservadas.

A grande lei da bibliografia se manifesta nesses trabalhos gráficos pré-Gutenberg: “Quanto mais havia, menos há.” Ela se aplica a muitos outros itens, além da matéria impressa, aos selos e os primeiros receptores de rádio (Mcluhan 1996, p. 125).

Os manuscritos e os primeiros livros impressos eram lidos em voz alta e a poesia era cantada ou declamada, estando estreitamente conectados com a literatura, música, oratória. No mundo das iluminuras, de maneira especial, as letras ganhavam uma ênfase plástica que as aproximava da escultura.

Millard Meiss ao estudar a arte de Andrea Mantegna, diz que, nas margens floridas e ramadas da página, as letras de Mantegna se erguem como monumentos de pedras, sólidos, finamente entalhados. Palpavelmente implantadas e maciças, elas saltam audazes do fundo colorido, sobre o qual, muitas vezes, projetam a sua sombra.

## A IMPRENSA

Antes de mais nada, essas revistas noticiosas apresentam, sob forma em mosaico, imagens corporativas da sociedade em ação e não simplesmente janelas para o mundo, como as velhas revistas ilustradas, enquanto o espectador de uma revista ilustrada é passivo, o leitor de uma revista noticiosa se envolve na formação de significados para a imagem corporativa da sociedade.

A imprensa é hoje não apenas um mosaico de todas as tecnologias da comunidade, mesmo na seleção dos que fazem notícia, a imprensa prefere aqueles que já alcançaram alguma notoriedade no cinema, no rádio, na TV e no teatro. A diagramação da imprensa, seu formato, isto é, suas características estruturais foi utilizado de maneira bastante natural por poetas depois de Baudelaire, para evocar uma consciência inclusiva.

As palavras se constituem assim em sistemas complexos de metáforas e símbolos que traduzem a experiência para os nossos sentidos manifestos ou exteriorizados, tornando a tecnologia da explicitação, da tradução da experiência sensorial em símbolos vocais, onde a totalidade do mundo pode ser evocada e recuperada, a qualquer momento.

## A MÁQUINA DE ESCREVER

A escola tradicional ainda a mantém à margem, como um brinquedo que atrai e distrai, mas poetas como Charles Olson proclamam eloqüentemente o poder da máquina de escrever em ajudar o poeta na indicação exata da respiração, das pausas, das suspensões, margem, das sílabas, e da justaposição.

Em 1882, anúncios proclamavam que a máquina de escrever podia ser usada como auxiliar no aprendizado da leitura, da escrita, da pronúncia e da pontuação. A escola tradicional ainda a mantém à margem, como um brinquedo que atrai e distrai, mas poetas como Charles Olson proclamam eloqüentemente o poder da máquina de escrever. A mesma espécie de autonomia e independência que Charles Olson atribui à máquina de escrever em relação à voz do poeta, era atribuída pelo elemento feminino dos escritórios, há 50 anos atrás. *“Dizia-se que as mulheres inglesas haviam ganho uma aparência de 12 libras, assim que as máquinas de escrever começaram a ser vendidas a 60 dólares”* (Mcluhan 1996, p. 199).

## O TELEFONE

A invenção do telefone foi um incidente no esforço maior que se efetuou no século passado no sentido de tornar a fala visível. Melville Bell, o pai de Alexander Graham Bell, passou a vida toda elaborando um alfabeto universal, que fez publicar em 1867, com o título de *A Fala Visível*. *“Além do escopo de tornar todas as línguas imediatamente acessíveis sob uma forma visual única, os Bells, pai e filho, estavam empenhados em aliviar a situação dos surdos. A fala visível parecia a promessa de uma imediata libertação da prisão da surdez”* (Mcluhan 1996, p. 207).

A palavra “telefone” surgiu em 1840, antes do nascimento de Alexander Graham Bell. Era aplicada a um dispositivo destinado a transmitir notas musicais através de bastões de madeira. Na década de 70, muitos inventores estavam tentando descobrir processos de transmissão elétrica da fala. e o American Patent Office recebeu, no mesmo dia, dois projetos de telefone, um de Elisha Gray e outro de Graham Bell, mas este com a vantagem de uma ou duas horas.

O telefone se destinava a oferecer serviços ao público em 1877, paralelamente à telegrafia. O grupo telefônico era insignificante em comparação com os vastos interesses do telégrafo, e a Western Union logo se movimentou para estabelecer controle sobre os serviços telefônicos.

Quando a imagem auditiva é de alta definição, como acontece com o rádio, visualizamos a experiência ou a completamos com o sentido da visão. Quando a imagem visual é de alta definição ou intensidade, nós a completamos com o som. o que explica a profunda perturbação artística que ocorreu quando se acrescentou a trilha sonora ao filme.

A canção *All Alone by the Telephone*, muito popular na década de 20, despertou algumas questões atinentes a relação com esse meio, tais como: Por que um toque de telefone num palco cria uma tensão imediata? Por que essa tensão é bem menor para um telefone que não se atende, numa cena cinematográfica? A resposta para todas essas questões é: o telefone é uma forma participante que exige um parceiro, com toda a intensidade da polaridade elétrica.

## O TELÉGRAFO

No princípio o telégrafo estava subordinado à ferrovia e ao jornal — extensões imediatas da produção e do mercado industriais. Quando as ferrovias começaram a cortar o continente, a sua coordenação passou a depender em grande parte do telégrafo, a ponto de as imagens do chefe da estação e do telegrafista se identificarem no pensamento dos americanos.

Foi em 1844 que Samuel Morse inaugurou a linha telegráfica entre Washington e Baltimore, graças aos 30.000 dólares obtidos do Congresso. Como sempre, a empresa particular aguardou que a burocracia administrativa esclarecesse a visão e os objetivos da nova operação.

Quando esta se mostrou lucrativa, a fúria da promoção e da iniciativa privada se tomou impressionante, a ponto de provocar episódios selvagens. Nenhuma tecnologia nova, nem mesmo a estrada de ferro, apresentou um crescimento tão rápido quanto o telégrafo.

## A FOTOGRAFIA

William Henry Fox Talbot em 1839, tinha plena consciência de que a fotografia era uma espécie de automação que eliminava os procedimentos sintáticos da pena e do lápis e a fotografia refletia automaticamente o mundo externo, fornecendo uma imagem visual exata e repetível.

Foi esta qualidade suprema da uniformidade e da repetibilidade que produziu a ruptura gutenberguiana entre a Idade Média e a Renascença, tendo a fotografia um papel quase semelhante na ruptura entre o industrialismo meramente mecânico e a era gráfica do homem eletrônico, cujo passo da mudança da era do Homem Tipográfico para a era do Homem Gráfico foi dado com a invenção da fotografia. A revista *Life* (14.06.1963), tem a capa ilustrada por uma fotografia da Catedral de São Pedro, denotando o quanto a fotografia de fato representa momentos isolados no tempo, sem transmitir um aspecto ou momento isolado, mas o contorno, o perfil icônico e a transparência.

A consciência do poder de transformação da fotografia muitas vezes transparece nas estórias populares, como a da mulher que exclamou: “Mas que amor de criança!” — para ouvir da mãe a seguinte resposta: “A senhora tinha de ver uma fotografia dela” (Mcluhan 1996, p. 146).

Eis por que, na era da fotografia, a moda se tornou algo como a colagem na pintura, quando um século atrás, a mania inglesa pelo monóculo parecia dar ao usuário o poder de uma câmara que fixasse as pessoas com um olhar superior, como se elas fossem coisas. Eric Von Stroheim se tornou famoso com o seu monóculo, ao criar a figura do ativo oficial prussiano.

Tanto o monóculo como a câmera fotográfica tendem a transformar as pessoas em coisas; a fotografia estende e multiplica a imagem humana em proporções de mercadoria produzida em massa, sendo os astros e estrelas de cinema e os ídolos nas matinês são levados ao domínio público pela fotografia.

## A IMPRENSA

O livro é uma forma privada e confessional que induz ao ponto de vista, já o jornal é uma forma confessional de grupo que induz à participação comunitária, o que dar uma coloração aos acontecimentos, utilizando-os ou deixando de utilizá-los, mas é a exposição

comunitária diária de múltiplos itens em justaposição que confere ao jornal a sua complexa dimensão de interesse humano.

A forma do livro não é um mosaico comunal ou uma imagem corporativa, mas uma voz particular, sendo que um dos efeitos inesperados da TV sobre a imprensa foi o grande aumento de popularidade das revistas Time e Newsweek, de maneira inexplicável para elas próprias e sem maior esforço de granjear assinaturas, suas circulações mais do que dobraram desde o advento da TV.

Por fim, Macluhan (1996), mostra que a página de jornal comum de hoje não é apenas simbolista e surrealista num sentido de vanguarda, como também foi a primeira inspiração do simbolismo e do surrealismo na arte e na poesia, como qualquer um pode descobrir lendo Flaubert ou Rimbaud.

## O RÁDIO

O rádio possui o seu manto de invisibilidade, como qualquer outro meio, manifestando-se ostensivamente numa franqueza íntima e particular de pessoa a pessoa, embora seja, real e primeiramente, uma câmara de eco subliminar cujo poder mágico fere cordas remotas e esquecidas.

Mais do que o telégrafo e o telefone, o rádio é uma extensão do sistema nervoso central, só igualada pela própria fala humana. Não é digno de meditação que o rádio sintonize tão bem com aquela primitiva extensão de nosso sistema nervoso central, aquele meio de massas aborígene.

Mais do que o telégrafo e o telefone, o rádio é uma extensão do sistema nervoso central, só igualada pela própria fala humana, onde nossos adolescentes dos anos 50 começaram a exhibir alguns dos estigmas tribais. Hoje, o rádio propicia intimidade ao jovem, juntamente com os estreitos laços tribais do mundo do mercado comum, da canção e da ressonância.

Comparando ao olho neutro, o ouvido é hiperestésico. O ouvido é intolerante, fechado e exclusivo, enquanto o olho é aberto, neutro e associativo. As ideias de tolerância só começaram a aparecer no Ocidente depois de dois ou três séculos de cultura letrada e visual gutenberguiana.

## CONCLUSÃO

O estudo nos leva a concluir que McLuhan, o chamado “filósofo da era eletrônica”, ao descrever os meios desde o alfabeto, a escrita, a imprensa, a locomotiva, o rádio, dentre outras, mostra que qualquer tipo de tecnologia tem reflexo na maneira como nos relacionamos com a realidade, alterando significativamente o modo de vida social e a nossa relação com o espaço, o trabalho e o lazer.

As mídias de modo muito intenso amplia uma série de ações sociais relacionadas a outras formas de comunicação como a escrita e a fotografia, ao mesmo tempo que torna obsoleto vários meios que se destinavam à interação social e à comunicação, a exemplo daqueles mais antigos, como as cartas, o telegrama, as livrarias, ou os mais modernos, inclusive os que já integram a cultura digital, onde já se percebe um arrefecimento nos chats, blogs e correio eletrônico.

As novas tecnologias, como o Facebook, de certo modo, traduz um antigo costume de cidade interiorana, dos coretos, das praças, onde se focava sobre a vida no bairro, numa relação virtual que ainda que aproximando pelas fotos digitais, skyper, parentes e amigos vivendo em outros estados e continentes distantes, tem tornado as pessoas carentes de conexões reais, ainda que essa reconexão traduza o sentido literal da visão de McLuhan sobre uma aldeia global, comprovando suas ideias mais de quarenta anos depois.

Assim, passados tantos anos, seu olhar tecnológico nunca foi tão real para as mídias atuais, a exemplo do Facebook, twitter, whatsapp, Skyper, e-mail, hoje verdadeiramente extensões do próprio corpo, cujo meio, o celular, carrega todas as mídias – o rádio, o livro, o jornal, a revista, a música e claro, o telefone e a TV, cuja mensagem se propaga de forma exponencial, de um canto do mundo ao outro, tornando as distâncias continentais à um passo do agora, uma verdadeira aldeia global.



## REFERÊNCIAS

MCLUHAN, Hebert Marshall. **Comprender los medios de comunicación – las extensiones del ser humano.** Barcelona: Paidós Ibérica SA, 1996.

MCLUHAN, Hebert Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

THEOBALD, Robert. **The Rich and the poor.** Chicago. American Library, 1961.

TOYNBEE, Arnold. (1973). **A Sociedade do futuro.** Rio de Janeiro: Editora Zahar.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **O Antigo Regime e a Revolução.** Trad. Yvonne Jean. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.



# PANORAMA PATOLÓGICO DE NOSSO TEMPO NUMA PERSPECTIVA DOS PROCESSOS INTRA E INTERSUBJETIVOS

*Cristienne Gonçalves Pereira<sup>1</sup>*

## RESUMO

O presente trabalho trata de algumas considerações teóricas a cerca dos processos de desenvolvimento psicológico, intra e intersubjetivos do sujeito, e apresenta, numa perspectiva fenomenológica existencial, uma reflexão sobre o panorama patológico da sociedade atual, bem como as origens dessas patologias. Aborda a teoria da normose e suas implicações no adoecimento do ser humano. Assim também, de forma objetiva, faz uma análise de aspectos da mitologia grega, associando o mito de Prometeu ao cansaço físico e mental da sociedade moderna. Seu principal objetivo é favorecer uma reflexão e colaborar com pesquisas já existentes no que tange à compreensão desse panorama social, numa diferenciação entre o doente e o saudável.

**Palavras-chave:** Panorama Social; Processos Intersubjetivos; Intrasubjetivos.

## RESUMEN

El presente trabajo aborda algunas consideraciones teóricas sobre los procesos de desarrollo psicológico, intra e intersubjetivo del sujeto, y presenta, desde una perspectiva fenomenológica existencial, una reflexión sobre el panorama patológico de la sociedad actual, así como los orígenes de estas patologías. Aborda la teoría de la normosis y sus

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia pela UCES – Argentina, pós-graduada em Psicologia Social pelo CRP 18º Região/MT, em Psicologia do Trânsito – FACIMA (Faculdade da Cidade de Marceió) e no Enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes – PUC/PR.

implicaciones para la enfermedad humana. Así también, de manera objetiva, analiza aspectos de la mitología griega, asociando el mito de Prometeo con el cansancio físico y mental de la sociedad moderna. Su objetivo principal es fomentar la reflexión y colaborar con las investigaciones existentes sobre la comprensión de este panorama social, en una diferenciación entre los enfermos y los sanos.

**Palabras clave:** Panorama social; Procesos intersubjetivos; Intrasubjetivo.

## INTRODUÇÃO

Narrativas sobre as origens do mundo e o sentido existencial tem sido feitas, ao longo da história da humanidade sob vários aspectos (Frankl, 2011), e dessa forma, a filosofia, através da mitologia grega nos fornece informações valiosas e abre um campo para compreensões e profundas considerações. Neste sentido, será abordado, de forma reflexiva e pontual, o panorama patológico da sociedade moderna numa perspectiva mecanicista de rendimento e de alto desempenho.

Assim também, consta neste trabalho a construção dos processos intra e intersubjetivos do sujeito, numa perspectiva individual, grupal e contextual, abordando o fenômeno da personalização do indivíduo e suas inferências num contexto dialógico com o outro.

Considerando o homem um ente social por estar em constante diálogo com seus pares, com a família, leis ou cultura de um determinado lugar (Stein-Sparvieri, 2018), este trabalho aborda uma epistemologia dialógica fundamentada em argumentações que surgem quando se está em diálogo com o outro, em hipóteses que vão se formando, em juízos de valores ou juízos acerca daquilo que é verdadeiro, implicando necessariamente em um marco mais abrangente de processos de pensamento cujas raízes se embasam no inconsciente e pré-consciente do indivíduo, como também na intersubjetividade e não apenas no indivíduo como produto coletivo.

## O PANORAMA PATOLÓGICO DA SOCIEDADE MODERNA

Segundo a perspectiva do filósofo Han (2017), vivemos hoje o que se denomina sociedade do cansaço, ou fadiga (p. 11). O autor em questão traz à tona uma reflexão baseada no Mito de Prometeu, comparando-o com a sociedade atual composta por sujeitos de rendimento, mecanicistas, sem contato próprio consigo.

Nesse sentido, o mito dos irmãos Prometeu e Epimeteu, contado por Stone (2005), na perspectiva do filósofo Platão, apresenta a história da criação do homem. Nesta história, quando os deuses gregos criaram o homem e os animais da Terra, todos como seres vivos, os titãs receberam da parte de Zeus, a missão de entregar ao homem e aos animais as habilidades necessárias para a sobrevivência de cada um.

Essas habilidades foram distribuídas aos seres vivos de acordo com as suas necessidades, de maneira a dotar uns com força, outros com velocidade, armas e assim, permitir a sobrevivência da criação. Nesta versão do filósofo Platão, Epimeteu não projetou todas as habilidades em todos os seres vivos, deixando o ser humano sem nenhuma, o qual permaneceu nu e sem proteção.

O autor prossegue dizendo que quando Prometeu percebe o erro do seu irmão Epimeteu, resolve cometer um roubo, retirando do Olimpo o fogo e a sabedoria para que fossem entregues ao homem e garantir que sua criação não fosse extinta da Terra. Dessa forma, o homem começou a se desenvolver e a adquirir o conhecimento necessário para a sua sobrevivência. Contudo, ao perceber Zeus que o fogo havia sido roubado do Olimpo, irou-se e retirou o fogo do homem, deixando-o a passar frio e fome novamente. Assim também, Zeus se ira com Prometeu e o manda prender no cume de um monte, onde diariamente aparecia-lhe uma águia e devorava o seu fígado. O órgão de Prometeu era regenerado todas as noites, assim acontecia por longos anos (p. 72).

Quando Han (2017) compara o mito descrito nos parágrafos anteriores com a sociedade atual, refere-se às cenas do aparato psíquico na qual o indivíduo agride a si próprio, entrando em guerra consigo mesmo. A águia que devora o fígado de Prometeu remete-se ao próprio ego com o qual está em constante conflito. De igual forma, acontece com o sujeito mecanicista que acredita estar em liberdade, mas “encontra-se tão acorrentado como Prometeu” (p.11).

A vida moderna revela o quão acorrentado o indivíduo se encontra, preso na busca por altos padrões de rendimento que ocasiona uma hiperatividade constante e busca por melhores e maiores resultados.

Nesta mesma direção, apresento aqui alguns aspectos do filme “O preço do amanhã” cuja sinopse propõe: “Num futuro próximo, o tempo virou moeda, e as pessoas param de envelhecer aos 25 anos. Os ricos conseguem ‘ganhar’ décadas de uma só vez, podendo até se tornar imortais. Os outros têm de pedir esmolas, pegar emprestado ou roubar mais horas para chegarem vivos até o final do dia...” (2011). O diretor retrata o disparate da sociedade moderna em busca por vida cuja existência é baseada no tempo cronológico.

A película nos remete à ideia de que o tempo é a principal moeda de troca pela sobrevivência, nos conduzindo à reflexão de que o tempo literal é a própria vida. Portanto, os dois extremos, tempo e falta de tempo, culmina na representação de vida e morte, respectivamente.

Em contra ponto, voltando à mitologia grega, a dor do fígado que é regenerado todas as noites trás a tona o cansaço, e Prometeu, visto como um sujeito de auto exploração, se encontra num cansaço infinito, segundo a punição de Zeus. Assim também acontece com o homem moderno, cuja vida mecânica encontra-se nesse mesmo panorama psíquico mental (Han, 2017).

O panorama social atual nos leva a perceber uma sociedade na qual os indivíduos se encontram em dois extremos, sendo um, uma condição sã em perfeito estado de saúde, e o outro, uma condição enferma, num estado comprometido e adoecido. Este pensamento nos conduz ao entendimento de introjeção das normas sociais as quais o indivíduo se submete ao longo da vida.

No que se refere a estas normas, o conceito de normose para Weil, Leloup y Crema (2014), é definido “como o conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir, que são aprovados por consenso ou pela maioria em uma determinada sociedade e que provocam sofrimento, doença e morte (p.22)”. Em síntese, refere-se às normas sociais ditas normais, mas que são patológicas ao indivíduo.

Para os autores supracitados, as normas sociais deveriam ter a função de manter o equilíbrio emocional, físico ou mental do sujeito,

numa atmosfera de harmonia e qualidade de vida. Contudo, a patologia da normalidade significa que as normas sociais ditas normais, ou o próprio indivíduo com características normais, podem ser patogênicos e letais, sem ao menos, aquele que comete tal norma ter consciência dessa natureza doentia. Neste sentido, a normose pode desenvolver um sofrimento no qual o indivíduo não consiga ser quem ele realmente gostaria de ser, ou seja, o consenso ou senso comum impede o desejo de se manifestar, gerando assim falta de sentido existencial.

Para Jáuregui (2018), a falta de sentido existencial pode ser percebida através de diversas patologias, por exemplo, depressão, ansiedade, estresse, transtorno do déficit de aprendizagem, transtorno limítrofe de personalidade, síndromes de desgaste ocupacional, síndrome de burnout, etc, as quais proporcionam esgotamento e fadiga.

Não obstante, nessa sociedade atual e global parece ter desaparecido a alteridade e a estranheza, aparecendo o idêntico, o hiperconsumismo e um excesso de positividade, hiperatividade e negação dos limites, cujo panorama patológico coloca o sujeito tanto como vítima, como transgressor (Jáuregui, 2018).

Nessa mesma direção, Han (2017) pontua que a sociedade deste século não é disciplinada como atribuída anteriormente pelo filósofo Foucault, mas sim uma sociedade de rendimento e de alto desempenho, cuja maior produção, melhor será o desempenho e melhores serão os resultados. Os indivíduos que compõem esta sociedade são sujeitos empreendedores de si mesmos, os quais aderem ao verbo “poder” sem limites (p. 25-26). O autor afirma: “esta sociedade de rendimento produz depressivos e fracassados” (p.26).

Em suma, o sentimento de cobrança, de responsabilidade, dever e obrigação parecem ser mais evidentes que o prazer, a satisfação e a alegria da conquista. Assim também, o sentimento de tristeza geralmente vem ocasionado pela frustração, e de igual forma o fracasso pela intensificação da frustração. Desta forma, o indivíduo entra num ciclo de dor, tristeza, frustração e fracasso.

Han (2017) afirma: “O excesso de trabalho e rendimento aguça e se converte em auto exploração. Esta é muito mais eficaz que a exploração por outros, pois vem acompanhada de um sentimento de liberdade” (p.31). É neste contexto que o sujeito se torna tanto vítima quanto carrasco, ou seja, o explorador é ao mesmo tempo o explorado e ambos não conseguem se diferenciar. Esse sentimento de liberdade desenvolve-se de forma paradoxal, pois as necessidades de obrigação se transformam em violência cujas cenas fazem do sujeito, vítima de si próprio.

Dado isto, essa agitação constante vivida em tempos hodiernos gera um tédio profundo, que segundo Han (2017), de alguma forma, além de gerar esse tédio, não gera nada de novo, apenas conduz o homem a repetir e reproduzir o que já existe, tanto seus comportamentos quanto suas emoções (p.35). Isto nos mostra que o indivíduo, ao se entediar vivendo esta sistemática de padrões de comportamento, tenderá a caminhar de um lado para outro, sempre atrás de uma ou outra atividade.

Esta ideia nos remete ao panorama vivenciado por muitos nos dias atuais, indivíduos conectados com o mundo virtual, mas que não se conectam consigo próprio, que não vivenciam emoções, apáticos, inertes emocionalmente e, sobretudo, que “desaprenderam” de sentir e aprenderam a racionalizar na maioria das situações e circunstâncias diárias e rotineiras.

## CONSTRUÇÃO INTRA E INTERSUBJETIVA DO SUJEITO

Ao observar a construção do sujeito, que se encontra em sociedade, Sauri (1989) fala sobre o fenômeno de personalização o qual consiste numa vasta gama de ações e processos, referindo-se à prática constitutiva de um fazer (p.39). Isto significa que esta prática da personalização associa-se com uma atividade de produção sob a qual diz respeito o rendimento, base da sociedade contemporânea.

Neste sentido, o autor supracitado considera a intencionalidade e o sentido desse processo de tornar-se pessoa, afirmando: “ser pessoa

não se reduz a fazer, mas é evidente que ela, mais que um ente estático, é um caminho a percorrer, uma rua a andar, uma peregrinação a realizar e nisto participa o fazer” (p.39). Deve-se considerar neste intento, o projeto e o trajeto pelos quais se concretiza o sentido, principalmente porque existem inúmeros fenômenos associados a esse fazer.

Nesta mesma direção, mas numa perspectiva psicanalítica, Freud (1921) em seu trabalho sobre a psicologia das massas, preconiza que o indivíduo não é uma entidade separada, e sim, se torna naturalmente um nexos único, e mesmo que sozinho há em si a presença do outro, sendo indissociável do social e a interação acontece em todos os momentos. Isto significa que o indivíduo não existe fora do campo social, não são senão os outros que podem reconhecê-lo em sua totalidade, sendo portadores de desejos que podem garantir seu lugar na dinâmica social.

Para o autor supracitado, há na vida mental do indivíduo algo a mais, ou seja, existem posições ou lugares psíquicos que o outro pode ocupar conforme as vicissitudes pulsionais. Isto significa que o outro passa a ser considerado de forma regular como um modelo, um objeto, um auxiliar, ou um rival, mostrando que, de um modo ampliado, porém inteiramente justificável, a psicologia individual é ao mesmo tempo psicologia social. Isto nos mostra que as relações sociais, vista por uma perspectiva psicanalítica, podem ser entendidas como um fenômeno social com sentido e significado peculiar (Freud, 1921).

Neste sentido, Maldavsky (1991, p. 46-47) ao falar sobre as investidas posicionais postuladas por Freud, preconiza que o surgimento e a diferenciação dos desejos são sobrepostos à constituição e articulação das investidas, ou seja, a relação do eu sujeito com o modelo ou ideal tem a ver com o desejo de ser, a relação do sujeito com o rival associa-se com o desejo hostil de ter e dominar, já a relação com o ajudante ou auxiliar tem a ver com o prazer por perder e aniquilar, enquanto que a relação do eu sujeito com o objeto tem a ver com o desejo libidinoso de fazer. Numa família, cada membro manifesta esta articulação posicional de forma complexa, porém muito peculiar.

Freud (1921) apresenta duas possibilidades para explicar o convívio do grupo, sendo a primeira, que o instinto social pode não ser primitivo, insuscetível de dissociação; e a segunda é que pode ser possível descobrir os primórdios de sua evolução por meio de um círculo mais estreito, tal como o da família.

Sendo assim, o sujeito se compõe pelo contato com a diferença, sendo este complexo, com momentos de sofrimento, de amor, de inveja, ciúmes e competição, de maneira que, o envolvimento do sujeito com o outro se apresenta, portanto, nas relações sociais.

Considerando a perspectiva dos parágrafos anteriores, nas relações do indivíduo com o outro, esse indivíduo recebe influência desse outro o qual desperta no sujeito um significado distinto, e desta forma, esse outro adquire uma capacidade de influenciar a vida psíquica desse sujeito, às vezes de maneira até decisiva e permanente.

Neste contexto, os aspectos intra e intersubjetivos do indivíduo dão-se no nível individual, grupal e contextual (Jáuregui, 2018). Estes aspectos intrasubjetivos associam-se aos traços e à estrutura da personalidade, ou seja, tem a ver com o interior do sujeito, com a maneira como esse sujeito relaciona-se consigo próprio. Quanto aos aspectos intersubjetivos, associam-se aos vínculos com os outros, seja família, pares, trabalho, massas, etc.

Nesta perspectiva de massa, Le Bom (1954) retrata que existem sentimentos que se manifestam somente quando o indivíduo encontra-se ligado a uma massa psicológica. Considera-se que essa massa é composta por elementos heterogêneos, modos de vida diferentes, caráter ou inteligência diferente, e quando esses elementos se unem entre si por meio da junção dessas características, estas desenvolvem um novo ser com características diferentes das individuais, assumindo neste momento, características coletivas.

Na construção dessa intersubjetividade, para o indivíduo, em si próprio, vale o repensar enquanto membro de uma massa, de uma

cadeia ou de um conjunto de pessoas as quais influenciam o seu desenvolvimento e alteridade. Isto costumeiramente acontece nesta sociedade, tida por tantos pensadores como sociedade mecanicista, de alto desempenho e com tendência a levar o indivíduo a uma construção intrasubjetiva deficiente, enferma e quase letal.

## CONCLUSÃO

Considerando a psicologia individual a que toma o homem individualmente e compreende os caminhos pelos quais o mesmo busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais, é importante destacar que por outro lado, quando este indivíduo se encontra sob condições específicas, ele pode se perceber em posição de desprezar as suas relações com os outros.

Neste aspecto, o panorama patológico de nosso tempo, em sua grande parte, está associado às patologias da psique e dos processos de desenvolvimento da sociedade em geral, que para alguns, reflete o tédio e a fadiga. De forma comparativa e metafórica, encontramos na mitologia grega contribuições significativas para compreensão das mazelas e enfermidades.

No mito de Prometeu, histórias como a conquista do fogo para a humanidade, o Prometeu acorrentado ou a águia que devorava o fígado do titã tiveram repercussões de cunho psicológico nas interpretações de inúmeros pensadores, cujas conotações levaram às ideias de conquista da liberdade, da luta do homem com seu próprio ego, numa relação de auto exploração, ou até diria, de auto sabotagem, num percurso infinito de violência do indivíduo contra si próprio.

Essa luta do homem consigo próprio reflete num desenvolvimento intrasubjetivo doente, haja vista que na personalidade do sujeito passa a se desenvolver e manifestar defesas contra a angústia e a culpa, por exemplo, a dissociação, a negação e/ou a onipotência, tornando esse indivíduo cada vez mais enfermo.

Os aspectos intersubjetivos do indivíduo, numa sociedade de alto rendimento e com comportamentos autistas, comprometem-se tanto quanto os aspectos intrasubjetivos, pois mesmo o ser humano sendo um ser social participante de uma sociedade, as relações vinculares, numa grande parte, encontram-se doentes, fragilizadas, cujo propósito principal tem passado a ser a conquista e (des) valorização do tempo.

Assim, sem esse contato consigo e com a construção saudável dos aspectos intrasubjetivos, o sujeito 'são' desaparece, sai de cena, evidenciando, portanto o enfermo, característica muito peculiar da sociedade atual da qual fazemos parte.

Em síntese, refletir sobre o panorama patológico de nosso tempo nos conduz a perceber o quanto tem surgido o esgotamento, a fadiga e a asfixia frente a uma superabundância de objetivos, bem como o surgimento de uma carência de vínculos levando a uma progressiva fragmentação individual e atomização social, cujo oposto seria, de forma bem singular, a valorização do tempo e da vida.

## REFERÊNCIAS

FRANKL, E. V. **A vontade de sentido – fundamentos e aplicações da logoterapia** (1ª Edição ampliada com um novo posfácio do autor). São Paulo: Paulus, 2011.

FREUD, S. **Psicologia de grupo e a análise do ego**. FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. XVII, 1921.

HAN, B. C. **La Sociedad del cansancio**. Buenos Aires: Herder 2017.

JÁUREGUI, P.I. **Processos intra e intersubjetivos**. Aula apresentada no terceiro módulo do Doutorado em Psicologia, UCES, Buenos Aires, Argentina, 2018.

LE BON. **Psicologia das Multidões**, Rio de Janeiro: F. Briguet, 1954  
MALDAVSKY, D. **Procesos y estructuras vinculares. Mecanismos, erogeneidad y lógicas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991.

SAURI, J. **Persona y personalizacion**. Buenos Aires: Carlos Lohlé, 1989.

STEIN-SPARVIERI, E. **Representaciones psicosociales. Un aporte a la teoria y la investigación en psicología social**. UCES, 2018.

STONE, I. F. **O Julgamento de Sócrates**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WEIL, P. LELOUP, J. Y. y CREMA, R. **Normose – A patologia da normalidade**. Campinas/SP: Vozes Editora, 2014.



# ANÁLISE DA ERGONOMIA COGNITIVA EM DISCENTES EM ESCOLAS DA REGIÃO CENTRO-OESTE DE MINAS GERAIS

*Euclides Maluf<sup>1</sup>*

*Dânica Monique Alves Mendes<sup>2</sup>*

*Gabrielle Barreto da Silva<sup>3</sup>*

## RESUMO

No campo da educação a aplicação da ergonomia é direcionada pela investigação dinâmica dividida em três: sujeito, atividade e o contexto como um todo. O objetivo geral do presente estudo é analisar a atuação de profissionais da educação em três escolas, sendo duas dessas, da rede pública estadual e uma da rede privada, situadas na cidade de Bambuí, Minas Gerais. No que se refere à qualidade de vida no trabalho, a ergonomia, ou fatores humanos, desempenha um papel de grande importância. Para Ferreira (2000) os aspectos que definem a ergonomia cognitiva (EC) estão relacionados ao esforço ao qual o indivíduo se submete. Com base nos dados coletados, não há professores que adoeceram em detrimento da função que exercem.

**Palavras-chave:** Escola; Engenharia Ergonômica; Professores; Aspectos Cognitivos; Educação.

---

1 Professor do Departamento de Ciências Gerenciais e Humanas no Instituto Federal de Minas Gerais - IFMG e-mail: euclidesmaluf@gmail.com

2 Graduanda em Engenharia de Produção pelo Instituto Federal Minas Gerais - IFMG

3 Graduanda em Engenharia de Produção pelo Instituto Federal Minas Gerais - IFMG

## RESUMEN

Ningún campo de la educación para la aplicación de la ergonomía está dirigido por una investigación dinámica dividida en tres: tema, actividad y contexto en su conjunto. El objetivo general de este estudio es analizar el desempeño de los profesionales de la educación en tres escuelas, dos del sistema público estatal y una del sistema privado, ubicadas en la ciudad de Bambuí, Minas Gerais. No es que se refiera a la calidad de vida no laboral, la ergonomía o los defectos humanos, juegan un papel muy importante. Para Ferreira (2000), los aspectos que definen la ergonomía cognitiva (CE) están relacionados con el esfuerzo o esfuerzo en el que se involucra el individuo. Según los datos recopilados, no hay profesores que amen en detrimento de su función.

**Palabras clave:** Escuela; Ingeniería ergonómica; Maestros; Aspectos cognitivos; Educación.

## INTRODUÇÃO

No campo da educação a aplicação da ergonomia é direcionada pela investigação dinâmica dividida em três: sujeito, atividade e o contexto como um todo. Ou seja, o seu conhecimento é voltado para o desenvolvimento centrado dentro de um contexto. No ambiente escolar é atualmente caracterizado por lacunas de aplicações e melhorias ergonômicas. Com isso, o tema abordado é de extrema significância, visto que a defasagem de informação e conhecimento sobre o tal intervêm na consciência social.

O objetivo geral do presente estudo é analisar a atuação de profissionais da educação em três escolas, sendo duas dessas, da rede pública estadual e uma da rede privada, situadas na cidade de Bambuí, Minas Gerais. A análise em questão, tem como base os princípios de Ergonomia, na área Cognitiva, com a finalidade de identificar, qualificar e propor soluções e melhorias para possíveis problemas a serem encontrados.

Justifica-se o estudo devido a importância que o espaço escolar apresenta na vida de professores e alunos. Tal espaço está voltado para a prática de pesquisa, debates, desenvolvimento pessoal, interações sociais e divertimento. Sendo assim, é necessário que satisfaça as condições que garantem a qualidade de vida no ambiente escolar, tanto para os profissionais quanto para os alunos.

## ERGONOMIA

No que se refere à qualidade de vida no trabalho, a ergonomia, ou fatores humanos, desempenha um papel de grande importância, pois possibilita o aumento na produtividade, melhora a convivência entre colaborador e organização, estimula o bem-estar no ambiente trabalho, reduz o número de afastamentos por meio da adaptação de condições favoráveis à saúde e prevenção de doenças. Assim, resultando na melhoria da qualidade de vida do trabalhador.

A Associação Brasileira de Ergonomia (ABERGO), desde o ano 2000, afirma que a ergonomia corresponde à ciência que se dedica a interação das pessoas com o sistema em que estão inseridas, seja ele o ambiente de convívio, a tecnologia envolvida ou até mesmo corporação em que atuam. Tal ciência tem como finalidade melhorar a qualidade de vida do indivíduo e suas atividades laborais, bem como, garantir a otimização do desempenho do sistema.

Partindo da análise do posto de trabalho é possível verificar consequências do processo de labuta como fadiga, estresse, erros e acidentes. O foco principal do estudo dos fatores humanos é a garantia de condições adequadas de saúde, segurança e o bem-estar do trabalhador, adaptando o trabalho ao homem. A Norma Regulamentadora 17 (NR 17) abrange critérios que possibilitam a modificação das condições de trabalho adaptando-as ao trabalhador, condicionando o meio para melhor satisfazer e proteger o colaborador, facilitando sua eficiência. Contudo, “O problema da adaptação do trabalho ao homem nem sempre tem uma solução trivial, que possa ser resolvida na primeira tentativa.” (IIDA, 2005).

Segundo a ISO 9241-11 de 1998, ergonomia refere-se à “medida pela qual um produto pode ser usado por usuários específicos para alcançar objetivos específicos com efetividade, eficiência e satisfação em um contexto específico.” (CHAMMAS, 2011). Em suma, o estudo da ergonomia busca formas de corrigir as consequências causadas pelo trabalho, promovendo o aumento da eficiência humana, contudo, os fatores humanos não se referem somente ao encargo e nem se estabelecem somente aos parâmetros físicos.

De acordo com Vidal (2010), a interação do homem com “os diversos componentes do sistema de trabalho: com os equipamentos, instrumentos e mobiliários, formando interfaces sensoriais, energéticas e posturais, com a organização e o ambiente formando interfaces ambientais, cognitivas e organizacionais.”. Devido a isso a ciência dos

fatores humanos é dividida em física, organizacional e cognitiva. A ergonomia física, ou operacional, resulta na interação do homem com o trabalho por meio dos aspectos da fisiologia, anatomia e biomecânica. A ergonomia organizacional, refere-se ao sistema da organização ao qual o trabalhador se insere, está ligada a fatores como a cultura e clima organizacional, gestão de recursos humanos, desenvolvimento do trabalho em equipe e trabalho cooperativo, gestão da qualidade e intercomunicação.

## ERGONOMIA COGNITIVA

Para Ferreira (2000) os aspectos que definem a ergonomia cognitiva (EC) estão relacionados ao esforço ao qual o indivíduo se submete, como “[...] esforço visual/auditivo e atenção concentrada para detectar, decodificar, estocar, conservar, evocar e tratar as informações que resultam da interface com a informática para planejar e tomar decisões sobre a sua conduta no processo ensino-aprendizagem.”, associados a sua carga mental. O autor ainda completa que o trabalho fornece uma estrutura para o “funcionamento e desenvolvimento cognitivo.”

Ademais, a EC (Abergo, 2007; IEA, 2007) toma como parâmetros:

*Processos mentais, tais como percepção, memória, raciocínio e resposta motora conforme afetem as interações entre seres humanos e outros elementos de um sistema. Os tópicos relevantes incluem o estudo da carga mental de trabalho, tomada de decisão, desempenho especializado, interação homem computador, stress e treinamento conforme esses se relacionem a projetos envolvendo seres humanos e sistemas (ABERGO, 2007; IEA, 2007).*

No mercado de trabalho atual, um número significativo de atividades promove uma maior dependência aos aspectos cognitivos do que aos físicos. Os aspectos associados à cognição estão voltados para o raciocínio, em sequência o armazenamento da experiência conquistada e por fim a utilização das informações obtidas para a realização do trabalho.

## ATUAÇÃO DOS PROFESSORES E ERGONOMIA COGNITIVA

A formação de valores morais, éticos e culturais compõe a função exercida pelos docentes. Para Mediano (1991), há uma relação entre as ações educacionais e o processo de aprendizagem, fundamentado a partir de relações prévias entre a capacitação do profissional e a teoria abordada nesse processo. Contudo, existe uma associação entre carga mental advinda do exercício do cargo, bem como da responsabilidade de assumir o compromisso de executar tal papel no processo educacional. Resultando em problemas relacionados à ergonomia cognitiva, pois o estresse provocado pela interação entre planejamento das ações pedagógicas e a atividade docente, podem afetar a saúde cognitiva do profissional.

Através da análise literária (Liciane et al, 2016) discorrem em seu estudo:

Uma revisão sistemática da literatura internacional, envolvendo estudos qualitativos sobre o estresse ocupacional, constatou que a categoria docente considera a sobrecarga de trabalho, a falta de controle sobre o tempo, os problemas comportamentais dos estudantes, a burocracia excessiva, a implementação de novas iniciativas educacionais e a dificuldade de relacionamento com os supervisores como os principais fatores de desgaste no trabalho (MAZZOLA, SCHONFELD & SPECTOR, 2011).

Além disso, também é possível associar a fatores como a falta de disciplina dos discentes, a inadequação dos materiais didáticos e a falta de assimilação de conteúdo por parte dos alunos.

## METODOLOGIA

Para a elaboração do presente artigo, foi utilizada a metodologia de pesquisa bibliográfica, pois tem como base o “levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (FONSECA, 2002). Para Gil (2007, p. 44), os principais exemplos desse tipo de pesquisa estão relacionados às investigações ideológicas ou análises de posições divergentes a cerca de um determinado conteúdo. Além disso, consiste em uma pesquisa de campo, com um estudo descritivo e exploratório à cerca dos aspectos cognitivos da ergonomia que tangem o meio da docência.

Configura-se um estudo de caso, pois baseia-se na observação dos fatos e sua ocorrência espontânea. Visto que, para Fonseca (2002), a pesquisa de campo consiste na busca por informações através da coleta de dados junto a pessoas, utilizando recursos de outros tipos de pesquisa, como, pesquisa etnometodológica que é baseado na observação direta, entrevistas, observação participante. Ou seja, são analisadas ações da vida cotidiana. Ademais, trata-se de um estudo descritivo devido a sua análise qualitativa e quantitativa do ambiente de atuação do profissional e os riscos oferecidos ao mesmo, respectivamente. Por fim, refere-se a um estudo exploratório, pois possibilita o desenvolvimento da pesquisa à cerca da influência dos aspectos cognitivos sobre o ser humano, nesse caso, professores.

Por fim, foi utilizada a técnica de análise cognitiva da tarefa (ACT) que tem as principais etapas elicitación do conhecimento (obtenção de informação sobre o que e como as pessoas sabem, as estratégias, o conhecimento e as habilidades que sustentam a performance); descoberta dos significados (identifica as questões centrais e seus significados); representação do conhecimento (identificação dos principais achados, tornar visível e compreensível os achados.), o método de decisões crí-

ticas-CDM, mapas conceituais, *think-aloud*<sup>4</sup>, observação. A ACT tem como finalidade “capturar o que as pessoas estão pensando, o que eles estão prestando atenção, estratégias que estão usando para tomarem decisões e detectarem problemas, o que elas estão tentando realizar e o que elas sabem sobre a maneira como o trabalho funciona” (CRANDALL, KLEIN, HOFFMAN, 2006, p. 9).

Os métodos utilizados no presente estudo visam reconhecer os fatores que influenciam diretamente ou indiretamente na produtividade e na qualidade de vida e saúde do colaborador, e conseqüentemente os resultados devem ser visados através de propostas buscando a melhoria do ambiente e profissionais.

## ANÁLISE E RESULTADOS

As escolas analisadas, denominadas A, B e C, permitiram a coleta de dados e a observação do ambiente de trabalho. Os dados coletados serão apresentados no decorrer do texto. A tabela 1 representa as características gerais dos professores das três escolas analisadas.

TABELA 1 – MÉDIA DAS CARACTERÍSTICAS GERAIS

SEXO	Média das idades (anos)		Média das alturas (m)		Média dos pesos (kg)	
	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO
ESCOLA A	43	46	1,61	1,80	69,78	99,00
ESCOLA B	41	39	1,66	1,80	67,00	86,20
ESCOLA C	47	32	1,62	1,82	78,50	120,00

Fonte: Os autores (2018)

4 Protocolo utilizado no recolhimento de dados.

Na escola A, onde atuam aproximadamente 50 professores, 28 se dispuseram a responder. Onde, 27 são do sexo feminino, dessas 51,85% são casadas, 22,22% são solteiras, 22,22% são separadas e 4,41% não responderam, 14,81% canhotas e 85,18% são destros. O único representante do sexo masculino é separado e canhoto.

No entanto, a escola B, com aproximadamente 30 professores ativos, dos quais 13 se dispuseram a responder o questionário, resultando em 8 professoras do sexo feminino, dessas 50% são casadas, 37,5% são solteiras e 12,5% são viúvas, 100% são destros; E 5 representantes do sexo masculino, 20% são casados, 40% são solteiros, 20% são separados e 20% não responderam, 40% são canhotos e 60% são destros.

Por fim, na escola C, há aproximadamente 12 professores ativos e apenas 3 se dispuseram a responder. Onde, 2 são do sexo feminino, dessas 100% são casadas, 100% são destros. O único representante do sexo masculino é solteiro e canhoto.

Todos os professores das escolas A, B e C possuem o ensino superior completo, ou seja, 100% da amostra obtida.

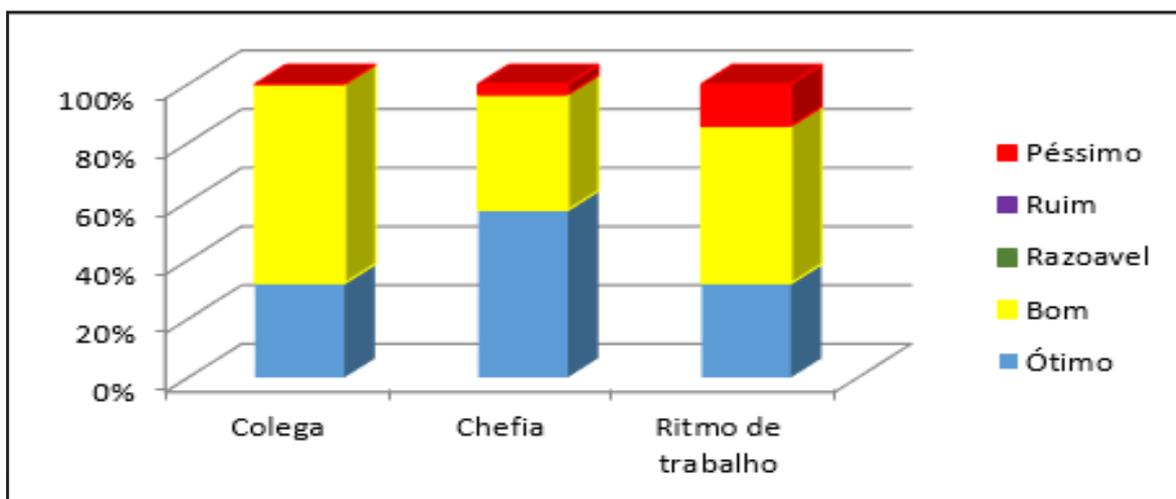
No que tange as condições do ambiente de trabalho, foram analisados o relacionamento interpessoal entre os professores, colegas e chefia, bem como o ritmo de trabalho dos mesmos. Além disso, foram averiguados alguns aspectos pessoais que se relacionam com o trabalho desenvolvido pelos profissionais. Por fim, uma análise acerca da interferência do meio onde se desenvolve o trabalho.

A respeito do relacionamento interpessoal, os aspectos verificados foram o bom relacionamento com os demais profissionais e com os superiores. Além disso, a forma como o ritmo de trabalho interfere nessas relações.

Através da observação do ambiente, foi possível verificar que na escola A, devido o número de profissionais e o porte da escola se comparada as demais escolas analisadas, há uma maior incidência de conflitos devido o estresse causado pela própria atividade executada. Contudo,

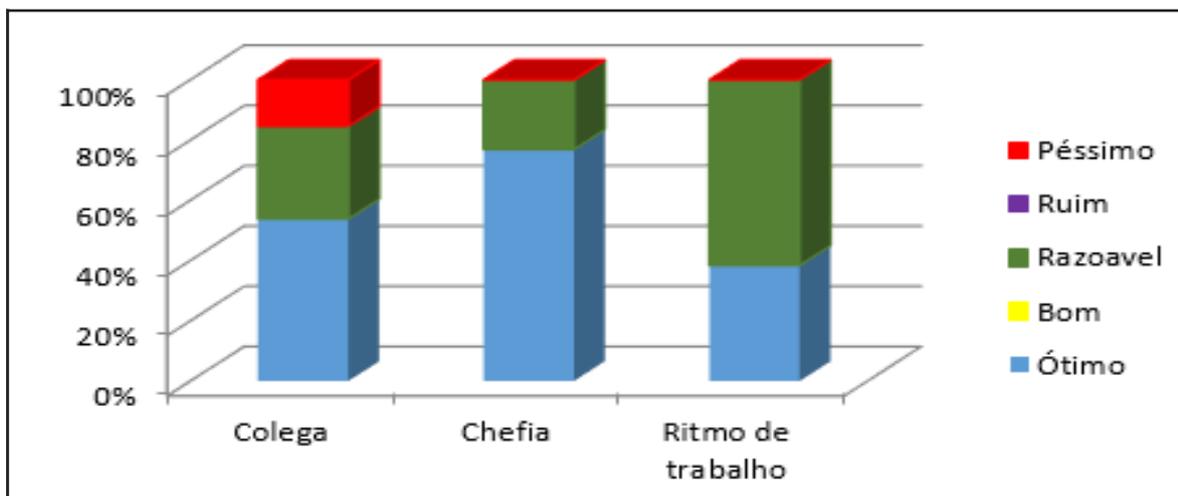
as relações se mantêm em harmonia na maior parte do tempo, o que qualifica o ambiente como bom, pois não gera danos nocivos à saúde cognitiva dos professores. Enquanto na escola B, as relações pessoais não são tão próximas e conseqüentemente não tão harmônicas. Ainda assim, não foi registrado nenhum caso de adoecimento na área da saúde mental. Por fim, a escola C apresenta o clima mais harmônico dentre as escolas analisadas. As visitas no local, possibilitaram a observação das relações, que de fato se mostraram satisfatória e não promotoras de doenças ligadas a fatores cognitivos. As análises gráficas obtidas por meio do questionário aplicado estão dispostas abaixo.

**GRÁFICO 1 - RELACIONAMENTO INTERPESSOAL E RITMO DE TRABALHO DA ESCOLA A**



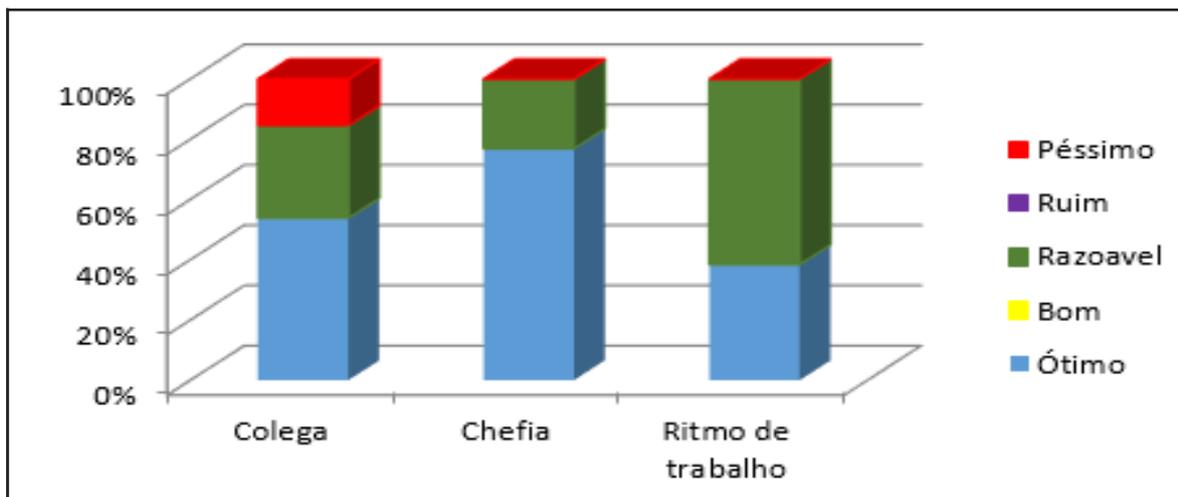
Fonte: Os autores (2018)

**GRÁFICO 2 - RELACIONAMENTO INTERPESSOAL E RITMO DE TRABALHO DA ESCOLA B**



Fonte: Os autores (2018)

**GRÁFICO 3 - RELACIONAMENTO INTERPESSOAL E RITMO DE TRABALHO DA ESCOLA C**



Fonte: Os autores (2018)

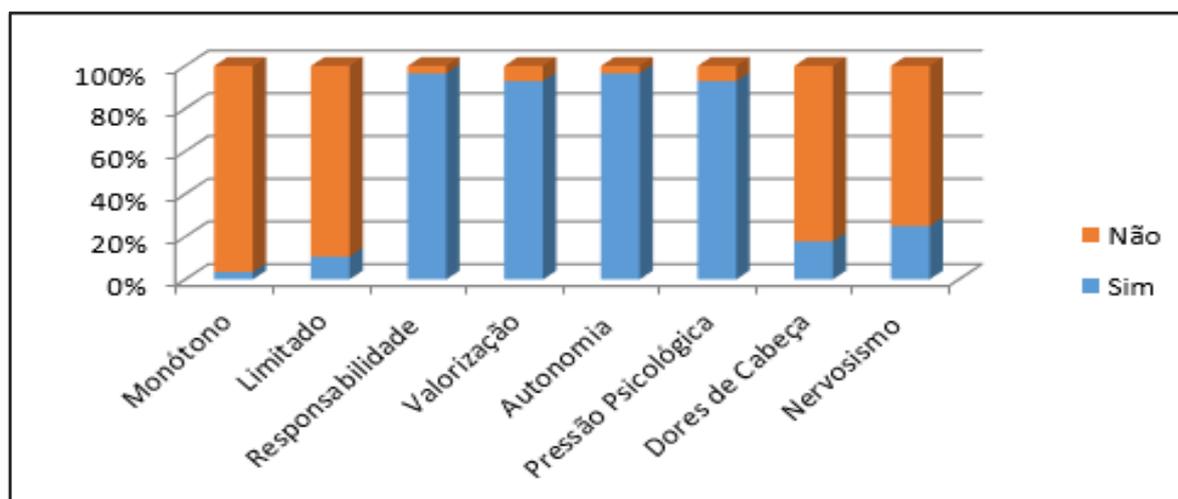
Os aspectos pessoais em relação ao trabalho se referem à forma como a execução do mesmo é realizada. São fatores de grande importância,

pois possibilitam a análise de sobrecarga do professor, bem como, esses fatores podem afetar a saúde mental do profissional, atingindo seus processos cognitivos. A atividade de lecionar, de um modo geral, tem sua carga de responsabilidade e conseqüentemente, provoca uma certa pressão psicológica, o que por muitas vezes, desencadeia uma série de complicações mentais, que podem prejudicar a saúde do professor, quando não diagnosticadas, tratadas e corrigidas.

Contudo, pelo que foi observado, bem como as respostas obtidas, apesar da grande responsabilidade envolvida e da pressão psicológica agregada, nas escolas A e B poucos apresentam dores de cabeça e nervosismo. O que significa que os aspectos observados, apesar de levarem a problemas cognitivos, não acometeu nenhum profissional das escolas estudadas. Enquanto na escola C, houve muitas queixas a cerca de problemas como dores de cabeça e estresses, decorrentes dos aspectos pessoais envolvidos no trabalho realizado. A seguir, constam as análises gráficas das escolas A, B e C, acerca dos aspectos pessoais em relação ao trabalho realizado nas escolas.

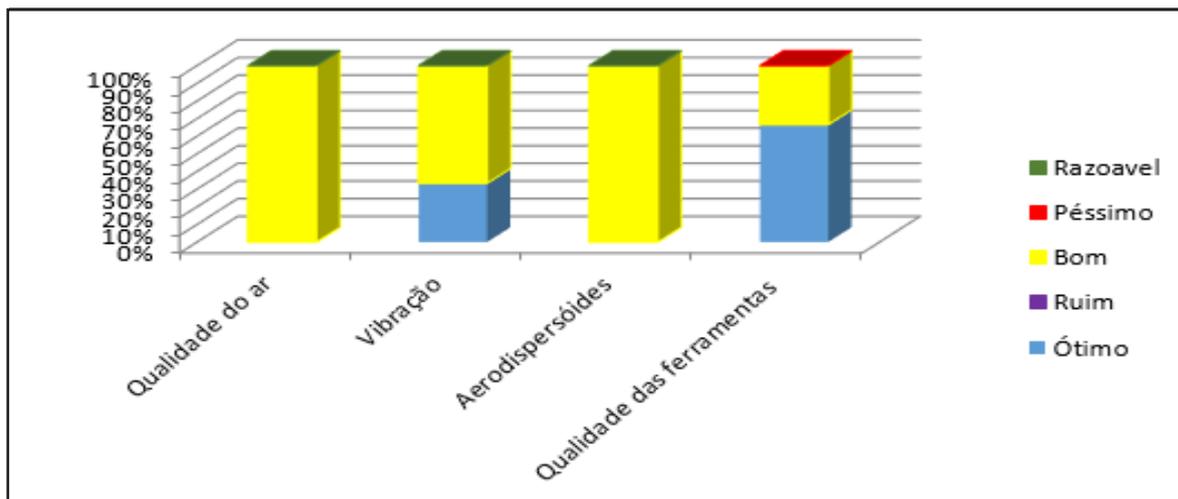
#### GRÁFICO 4- ASPECTOS PESSOAIS EM RELAÇÃO AO TRABALHO NA ESCOLA

A



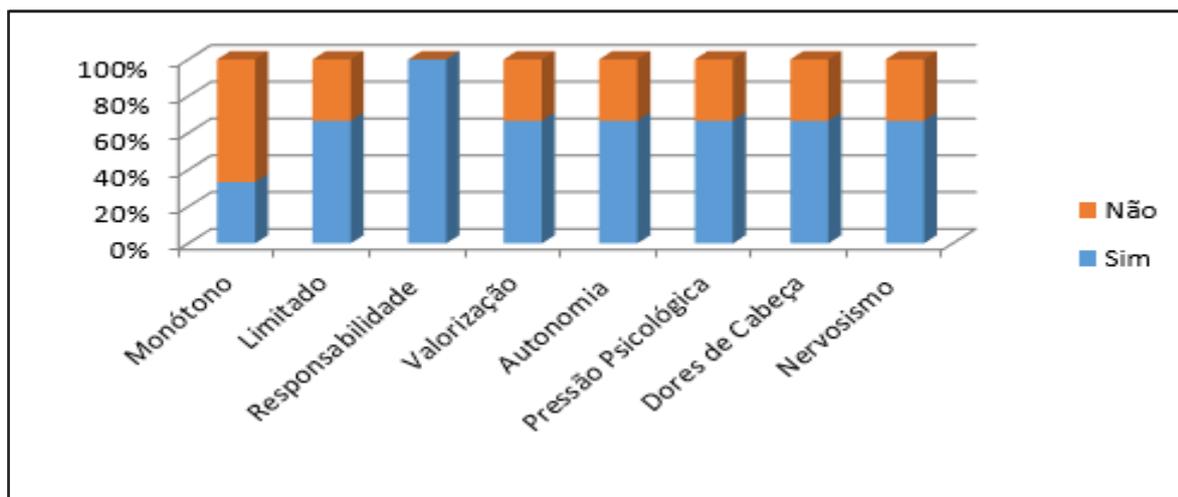
Fonte: Os autores (2018)

GRÁFICO 5 - ASPECTOS PESSOAIS EM RELAÇÃO AO TRABALHO



Fonte: Os autores (2018)

GRÁFICO 6 - ASPECTOS PESSOAIS EM RELAÇÃO AO TRABALHO

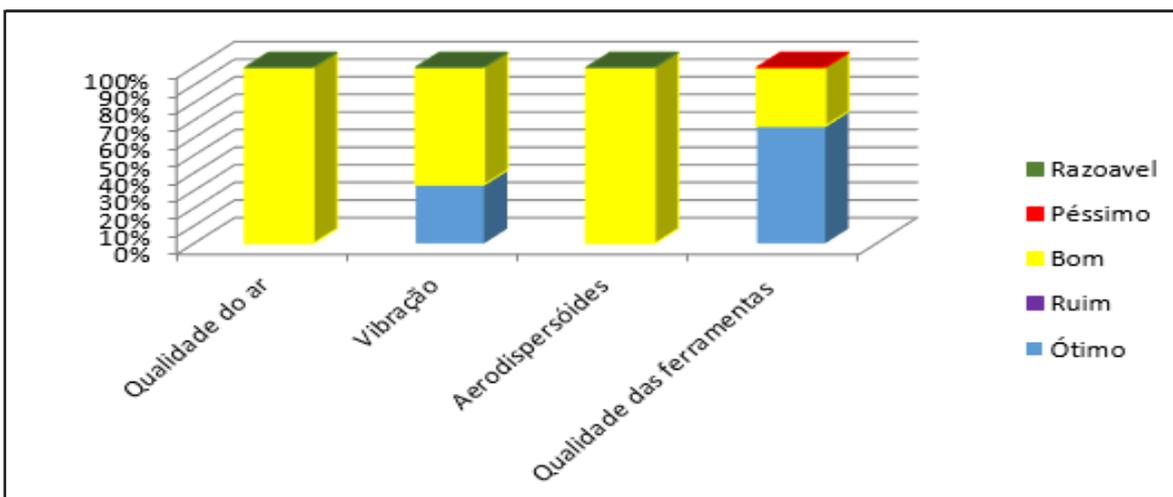


Fonte: Os autores (2018)

Dentre os fatores do meio que interferem na execução da atividade dos professores que foram analisados, os que mais se destacaram foram a qualidade do ar, vibração do ambiente, aerodispersóides e a qualidade das ferramentas de trabalho.

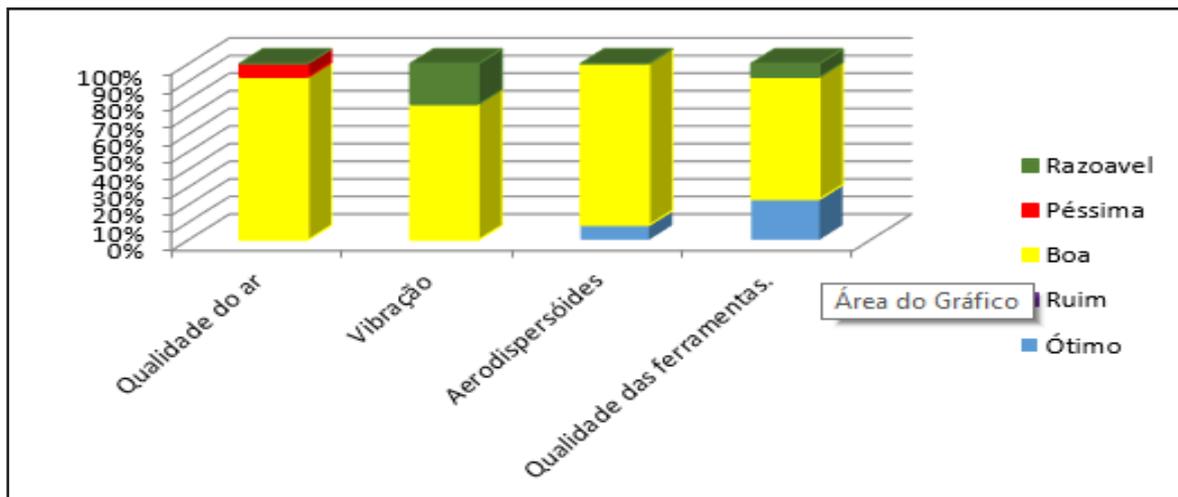
Na escola A, não houve reclamações acerca dos aspectos analisados. Os resultados ficaram entre bom e ótimo para todas as condições averiguadas. Assim como a escola B que apresentou uma baixa taxa de reclamações como péssima e a maior parte dos resultados circulam entre bom e ótimo. Já na escola C, o índice de reclamações foi maior, principalmente com relação a incidência de aerodispersóides, com uma taxa de aproximadamente 33% para razoável, o que é justificado pela presença do pó de giz em sala, causador de muitas doenças respiratórias. Segue abaixo a relação gráfica dos dados obtidos.

**GRÁFICO 7 – FATORES DO MEIO NA ESCOLA A**



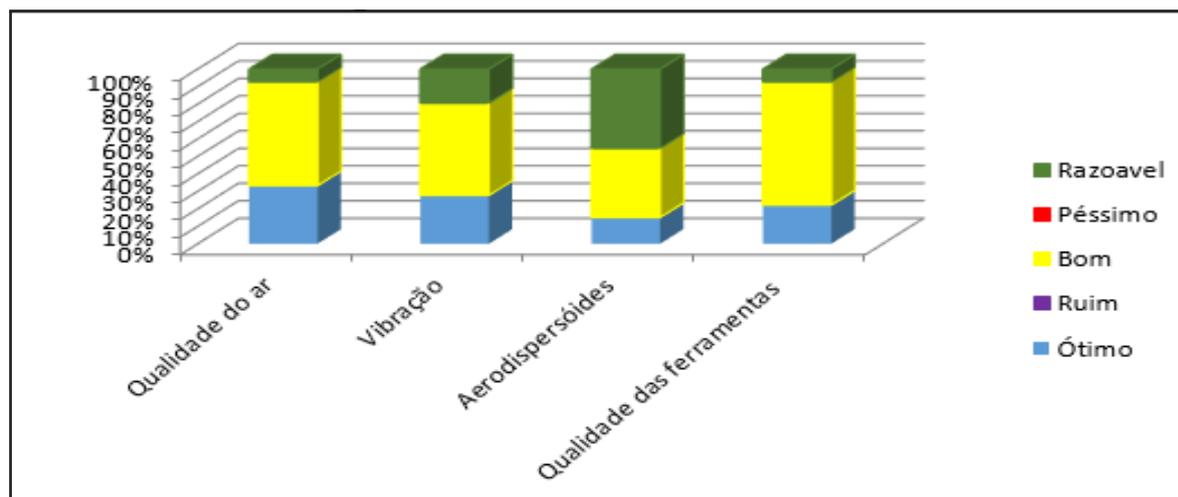
Fonte: Os autores (2018)

GRÁFICO 8 – FATORES DO MEIO NA ESCOLA B



Fonte: Os autores (2018)

GRÁFICO 9 – FATORES DO MEIO NA ESCOLA C



Fonte: Os autores (2018)

Com base nos dados coletados, não há professores que adoeceram em detrimento da função que exercem. O que provavelmente foi camuflado devido o medo de que as escolas percam sua imagem e sejam tidas como ruins e desumanas, visto que ausência de parâmetros ergonômicos afeta diretamente a saúde do profissional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o objetivo proposto foi atingido de forma a possibilitar a interpretação e análise de fatores que interferem na execução da atividade de lecionar. As escolas, A, B e C, apresentam perfis com grandes diferenças que diretamente interferiram nos resultados obtidos. Sendo que, a escola B é a única da rede privada, verificou-se uma melhor condição de ambiente, na mesma.

Tomando como base o sucesso na obtenção dos resultados, nota-se a grande importância de metodologias de análise ergonômica, partindo de parâmetros descritos de forma clara, coesa e seguindo critérios específicos.

Ressalta a necessidade na ampliação do estudo e, principalmente, da difusão sobre a importância de se manter e melhorar continuamente a qualidade de vida no ambiente de trabalho.

## REFERÊNCIAS

ABERGO, (2018). **O que é ergonomia?** Disponível em <[http://www.abergo.org.br/internas.php?pg=o\\_que\\_e\\_ergonomia](http://www.abergo.org.br/internas.php?pg=o_que_e_ergonomia)>, acesso em 27 de setembro de 2018.

CHAMMAS, Adriana Stella; MORAES, Anamaria de. **Ergonomia Informativa: Fundamentos e Aplicação**. Encontro Latinoamericano de Diseño, 2007.

CHAMMAS, Adriana Stella. **Ergonomia e Usabilidade de Interfaces para Crianças, o estudo de caso do game Spore®**. 2011. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

DA FONSECA GARCEZA, Joyce Lara Araújo; MACIELB, Francimar Rodrigues; CARDOSOC, Vânia Maria Batalha. **Considerações ergonômicas para aplicação de mídia em ambientes educacionais para crianças do ensino fundamental**. Production, v. 22, n. 2, p. 284-295, 2012.

DIEHL, Liciane; MARIN, Angela Helena. **Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura**. Est. Inter. Psicol. vol.7: n. 2 Londrina dez. 2016.

DOS SANTOS, Gideon Borges. **Os professores e seus mecanismos de fuga e enfrentamento**. Trabalho, educação e Saúde, v. 7, n. 2, p. 285-304, 2009.

FARIAS TRALDI, Maria Teodora; DEMO, Gisela. **Comprometimento, bem-estar e satisfação dos professores de administração de uma universidade federal**. READ-Revista Eletrônica/ de Administração, v. 18, n. 2, 2012.

FERREIRA, M. C. (2000). **Ambiente de Aprendizagem on-line e Aprendizagem on-line do Ambiente: Contribuições da Ergonomia na Gestão de Sistemas Educacionais a Distância**. Disponível em <<http://www.ergopublic.com.br/arquivos/1252860760.1-arquivo.pdf>>, acesso em 27 de setembro de 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

IEA, (2018). **What is Ergonomics?** Disponível em <https://www.iea.cc/whats/index.html>, acesso em 27 de setembro de 2018.

IIDA, Itiro; **Ergonomia**. Projeto e Produção. 3 ed. São Paulo: Edgar Blücher, 2016.

IIDA, Itiro; WIERZZBICKI, Henri AJ. **Ergonomia**. Projeto e produção. 2ª ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.

MEDIANO, Zélia Domingues. **A formação em serviço do professor a partir da pesquisa e da prática pedagógica**. Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, v. 21, n. 105/106, p. 31-36, mar. /jun. 1992.

MORO, Antônio **Ergonomia da sala de aula**: constrangimentos posturais impostos pelo mobiliário escolar. Disponível em <<http://www.ef-deportes.com/efd85/ergon.htm>>. Acesso em 28 de setembro de 2018.

VIDAL, Mario Cesar. **Introdução à Ergonomia**. Grupo de Ergonomia e Novas Tecnologias CESERGO – Curso de Especialização Superior em Ergonomia. Rio de Janeiro, 2010.

# REFLEXÕES SOBRE A PERSPECTIVA DA RELIGIÃO NA SOCIEDADE INDIVIDUALIZADA

*Franklin dos Santos Moura<sup>1</sup>*

## RESUMO

O presente estudo teve como motivação alcançar reflexões sobre a perspectiva da religião na sociedade individualizada. A delimitação do estudo procurou verificar quais as características da sociedade individualizada diante da religião e quais perspectivas podem ser dimensionadas a partir daí. Para o alcance desse objetivo foi realizado num primeiro momento uma revisão literária sobre o conceito de religião, seguido da abordagem sobre aspectos sociais em relação a religião, principalmente a sociedade individualizada num contexto de modernidade líquida. A análise realizada indicou como as condições da sociedade individualizada afetam os pilares da religião, quais sejam: crença, cerimônia, organização e experiência. Como resultado, de uma forma geral, foi possível identificar que a questão da religião perdeu espaço ao foco do homem individualizado que busca os resultados imediatos da transitoriedade. Daí foram dimensionadas perspectivas para que a religião retome esse espaço, resumidamente sendo uma religião de felicidade, ficando ainda o desafio de se preparar para um modelo de religião líquida, visando assim acompanhar esse caminho aparentemente irreversível da sociedade, que do contrário, está cada vez mais preparada para seguir sem religião.

**Palavras-chave:** Religião; Sociedade Individualizada; Modernidade Líquida; Zygmunt Bauman.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Empresariais e Sociais pela Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES - Argentina) e Gerente de Negócios e Regulação de Gás Natural da Petrobras Distribuidora S/A,

## RESUMEN

El presente estudio tuvo como motivación alcanzar reflexiones sobre la perspectiva de la religión en la sociedad individualizada. La delimitación del estudio buscó verificar qué características de la sociedad individualizada frente a la religión y qué perspectivas pueden ser dimensionadas a partir de ahí. Para el logro de ese objetivo se realizó en un primer momento una revisión literaria sobre el concepto de religión, seguido del abordaje sobre aspectos sociales en relación a la religión, principalmente la sociedad individualizada en un contexto de modernidad líquida. El análisis realizado indicó cómo las condiciones de la sociedad individualizada afectan a los pilares de la religión, que son: creencia, ceremonia, organización y experiencia. Como resultado, de una forma general, fue posible identificar que la cuestión de la religión perdió espacio al foco del hombre individualizado que busca los resultados inmediatos en razón de la transitoriedad en que vive. De ahí se han dimensionado perspectivas para que la religión retome ese espacio, resumidamente siendo una religión de felicidad, quedando aún el desafío de prepararse para un modelo de religión líquida, visando así acompañar ese camino aparentemente irreversible de la sociedad, que de lo contrario, está cada vez más preparada para seguir sin religión.

**Palabras clave:** La religión; Sociedad individualizada; Modernidad Líquida; Zygmunt Bauman.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema refletir sobre a perspectiva da religião diante do contexto de uma sociedade individualizada, compreendendo uma revisão literária abrangendo os conceitos relativos a religião, bem como seus principais agrupamentos, e uma abordagem da sociedade individualizada e como essa se relaciona com a questão da fé. A religião e a sociedade se entrelaçam na origem da história humana, sendo difícil afirmar que uma começou sem a outra, pois se as primeiras tribos poderiam ser consideradas as primeiras sociedades, casos essas mesmas tribos conservassem rituais ou atos devocionais para entidades espirituais (Deus ou Deuses), também ali se teriam as primeiras religiões.

Independentemente de como se deu o início, o fato é que o simples passar do tempo trouxe a evolução de ambas, a sociedade em passos largos com as invenções, comércio, escrita, expansões territoriais (etc.) e a religião no mesmo compasso, acrescentando que durante vários séculos foi a fonte indiscutível de sabedoria, orientação e formação intelectual. Afinal, Reis, Imperadores, Guerreiros, Nobres (e outros mais), antes de qualquer incursão em seus afazeres, eram primeiramente abençoados e toda conquista, graça e sacrifício era consequência e relação com a presença Divina em suas vidas.

Na medida que o homem foi se divinizando, que é uma forma de avaliar a revolução científica e o racionalismo, a religião e sociedade foram se distanciando. Estados laicos foram instituídos, ao mesmo tempo que cada vez mais proliferam novas instituições religiosas, em especial no ocidente, causando um emaranhado de ramificações cristãs, espíritas, esotéricas etc.

Enquanto novos olhares e convicções sobre a transcendência são instaurados, a sociedade acompanha uma evolução que demoliu as fronteiras entre gerações, permitindo que bisavós, avós, pais, filhos,

netos e bisnetos estejam conectados, embora não estejam juntos. Ao mesmo tempo percebe-se que os tradicionais costumes que outrora moldaram a religiosidade, atualmente perderam espaço para a necessidade imediata de respostas e também o rompimento das amarras com a relativização do comportamento humano. A paciência e a perseverança típicas de um comportamento religioso deu lugar a ansiedade de resultados imediatos, embora temporários.

Nesta perspectiva, construíram-se questões que nortearam este trabalho:

- Qual ou quais as características da sociedade individualizada diante da religião?
- Qual ou perspectivas podem ser dimensionadas a partir da relação entre o papel da religião numa sociedade individualizada?

Sobre a percepção de como era a relação entre o homem e religião, Alves (1999, p.9) identificou que:

Houve um tempo em que os descrentes, sem amor a Deus e sem religião, eram raros. Tão raros que eles mesmos se espantavam com sua descrença e a escondiam, como se ela fosse uma peste contagiosa. E de fato o era. Tanto assim que não foram poucos os que acabaram queimados na fogueira, para que sua desgraça não contaminasse os inocentes. Todos eram educados para ver e ouvir as coisas do mundo religioso, e a conversa cotidiana, este tênue fio que sustenta visões de mundo, confirmava – por meio de relatos de milagres, aparições, visões, experiências místicas, divinas e demoníacas – que este é um universo encantado e maravilhoso no qual, por detrás e através de cada coisa e cada evento, se esconde e se revela um poder espiritual.

Esse conceito é visto da seguinte forma por Ferry e Gauchet (2008, p.22):

A religião pertence, ao contrário, a um período passado e ultrapassado da história. Ela tem um começo e um fim. Pode-se imaginar uma organização social dos seres humanos definitivamente sem religião, sem que com isso as velhas ameaças da Igreja nos caiam sobre a cabeça e sem que, forçosamente, essas sociedades sem religião, puramente humanas, estejam fadadas ao totalitarismo ou, quem sabe, a alguma catástrofe qualquer, ao imoralismo, ao materialismo, etc.

A opinião de Ferry e Gauchet, são de certa forma corroboradas por Bauman (2008, p.9):

Do mesmo modo que o conhecimento do bem e do mal gera o indivíduo potente e estanca a necessidade de um guia moral, o conhecimento da mortalidade dispara o desejo pela transcendência, que assume uma de duas formas: a ânsia de forçar a vida, admitidamente transitória, a deixar traços mais duradouros do que aqueles que os deixam, ou o desejo de provar este lado do limite das experiências “mais fortes do que a morte” da vida transitória.

Neste contexto, o objetivo principal deste estudo é, pois, refletir sobre as perspectivas da religião numa sociedade individualizada, baseando-se principalmente na visão de Bauman sobre esse tema.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, realizada a partir da análise de materiais já publicados na literatura sobre o tema, escolhidos por relevância e aplicação ao presente estudo.

Nesse percurso a presente pesquisa fará inicialmente uma abordagem conceitual sobre o que vem a ser religião, seguido de reflexões sobre a percepção desse tema nos dias atuais, predominando as percepções que levam em consideração a sociedade individualizada, fruto da modernidade líquida, ambos na visão do sociólogo Zygmunt Bauman.

O texto final foi fundamentado nas ideias e concepções de autores como: Rubem Alves (1999), Zygmunt Bauman (2001 e 2008), Brito e Gorgulho (1998), Luc Ferry e Marcel Gauchet (2008), Gaarder, Hellern e Notaker (2005) e Ana Vasconcelos (2010).

## DESENVOLVIMENTO

Sobre o conceito e origem das religiões, Vasconcelos (2010, pp.28-29) conceitua:

Desde os tempos mais longínquos, em todas as épocas, em todos os povos, sempre existiu a crença em algo divino, a fé em um ser superior.

Já na Pré-história, período que antecede a invenção da escrita, as pessoas começaram a congregar-se em torno de um pensamento religioso, passando a adorar os deuses ou entidades.

Ao longo da história da humanidade, sempre houve diferentes e variadas manifestações de substratos religiosos, consideradas vitais para os seres humanos. O ser humano naturalmente busca Deus; busca respostas às suas dúvidas através do que é sagrado. Por natureza, os humanos são seres religiosos.

Nesse sentido, a mesma autora define religião como “é uma palavra derivada do latim *religare*, que significa religar, ou seja, religar o ser humano a Deus. É também um sistema de crenças e de práticas que se ligam às coisas sagradas” (VASCONCELOS, 2010, p.29).

A respeito da definição de religião, Gaarder et. al. opina (2005, p.18):

Alguns pesquisadores veem a religião como um produto de fatores sociais e psicológicos. Essa explicação é conhecida como um modelo reducionista, pois reduz a religião a apenas um elemento das condições sociais ou da vida espiritual do homem. Karl Marx, por exemplo, sustentava que a religião, assim como a arte, a filosofia, as ideias e a moral, não passava de um dossel por cima da base, que é econômica. O que dirige a história, de acordo com ele, é o modo como a produção se organiza e quem possui os meios de produção, as fábricas e as máquinas. A religião simplesmente refletiria essas condições básicas.

Nas modernas ciências da religião predomina a ideia de que a religião é um elemento independente, ligado ao elemento social e ao elemento psicológico, mas que tem sua própria estrutura. Os ramos mais importantes das ciências da religião são a sociologia da religião, a psicologia da religião, a filosofia da religião e a fenomenologia religiosa.

Permitindo uma visualização mais ampla, os autores desdobraram o conceito de religião em quatro partes: crença; cerimônia; organização; e experiência (GAARDER et. al., 2005). Tais conceitos são apresentados a seguir.

Sobre o conceito de crença, afirma Gaarder et. al. (2005:21):

A religião sempre teve um aspecto intelectual. O crente tem ideias bem definidas sobre como a humanidade e o mundo vieram a existir, sobre a divindade e o sentido da vida. Esse é o repertório de ideias da religião, que se expressam por cerimônias religiosas (ritos) e pela arte, mas em primeiro lugar pela linguagem. Tais expressões linguísticas podem ser escrituras sagradas, credos, doutrinas ou mitos.

E sobre o conceito de cerimônia, acrescenta Gaarder et. al. (2005, p.28):

A cerimônia religiosa desempenha um papel importante em todas as religiões. Nessas ocasiões, segundo certas regras predeterminadas, invoca-se ou louva-se um deus ou vários deuses, ou ainda manifesta-se gratidão a ele ou a eles. Tais cerimônias religiosas, ou ritos, tendem a seguir um padrão bem distinto, ou ritual.

Até aqui, percebe-se uma natural associação quando se pensa em religião, pois não há ‘religação’ com o Divino sem a crença, e tal ato não ocorre sem uma cerimônia, obedecendo um rito e/ou ocorrendo num espaço ou local determinado.

Prosseguindo com a construção do conceito de religião, sobre a organização, Gaarder et. al. (2005, p.35) relata que “Um aspecto importante em todas as religiões é a irmandade entre seus seguidores. Formam-se tipos específicos de comunidades regulamentadas e são nomeados representantes para dirigir o culto religioso”.

E por fim Gaardner et. al. (2005, p.37) relata sobre a experiência:

A religião nunca é vinculada apenas ao intelecto. Ele envolve igualmente as emoções, que são tão essenciais na vida humana quanto o intelecto e a capacidade de pensar. A música, o canto e a dança apelam para as emoções. Na maioria das religiões, as pessoas extravasam a tristeza ou a alegria pela música instrumental e pelo canto; em algumas, também pela dança, que é um meio bastante antigo de expressão religiosa. Nos rituais cristãos, os hinos cantados em coro e a música de órgão são parte importante da experiência geral. Muitas igrejas e templos contêm, ainda, obras de arte – pinturas, esculturas e peças de altar – que acendem a imaginação e as emoções.

Pode-se entender a partir desses quatro pilares conceituais que a crença permite acreditar, a cerimônia leva a praticar, a organização conduz a fortalecer e a experiência é o que permite prosseguir e realimentar a crença. A harmonia desse conjunto leva ao conceito de religião, que mais adiante será confrontado com as características da sociedade individualizada.

Ainda seguindo as definições de Gaardner a respeito do conceito de religião, o autor indica que as ciências da religião dividem as religiões em três categorias, coincidindo com três tipos distintos de sociedade, quais sejam as religiões primais, nacionais e mundiais (GAARDNER et. al., 2005).

São as religiões primais:

Aquelas que os estudiosos costumavam chamar de “religiões primitivas” e que se encontram, ou se encontravam, em culturas ágrafas, entre os povos tribais da África, Ásia, América do Norte e do Sul e Polinésia. A marca mais característica dessas religiões é a crença numa miríade de forças, deuses e espíritos que controlam a vida cotidiana (GAARDNER, et. al., 2005, p.40).

### Já as religiões nacionais:

Estas incluem grande número de religiões históricas que não são mais praticadas: germânica, grega, egípcia e assírio-babilônica. Hoje podemos encontrar vestígios delas, por exemplo, no xintoísmo japonês.

É típico de religiões nacionais adotar o politeísmo, uma série de deuses organizados num sistema de hierarquia e funções especializadas (GAARDNER, et. al., 2005, p.40).

### E por fim, sobre as religiões mundiais:

As religiões mundiais pretendem ter uma validade mundial, ou, em outras palavras, uma validade para todas as pessoas. São para todos. São conhecidas também como religiões universais.

A principal característica das religiões universais surgidas no Oriente Médio é o monoteísmo: elas têm um só Deus. Dá-se grande peso à relação do indivíduo com Deus e à sua salvação. (...) As religiões universais foram criadas por profetas fundadores cujos nomes são conhecidos: Moisés, Buda, Lao-Tse, Jesus, Maomé (GAARDNER, et. al., 2005, p.41).

Nesse momento, a partir dos conceitos até então apresentados, é possível refletir que em alguns casos se tem a evolução de uma religião e em outros o desaparecimento. Tais fatos podem ser relacionados ao enfraquecimento de um dos 4 pilares (crença, cerimônia, organização e experiência). Pode-se imaginar que as religiões primais, muitas vezes submetidas a sangrentos movimentos de colonização, tiveram sua organização (irmandade) reduzida a tal ponto de não conseguir resistir as perseguições.

Sobre as religiões que cresceram ao invés de sucumbirem, vale ressaltar que o Cristianismo, embora forte na crença, cerimônia e experiência foi duramente perseguido nos primeiros séculos atingindo sua organização que atuava em plena missão apostólica. Os rumos mudaram, passando de nacional para mundial quando o Império

Romano se tornou Cristão (entre os séculos IV e V) e dali por diante esses quatro pilares foram fortalecidos, resultando numa das entidades mais organizadas e atuantes em todo mundo. O contrário ocorreu com os seguidores de João Batista, que após sua decapitação, dispersaram-se, em grande maioria juntando-se aos discípulos de Jesus Cristo.

Nesse sentido, destaca Gaardner (2005, p.41):

Por último, devemos ressaltar que os limites entre esses três tipos de religião são fluidos. As religiões nacionais muitas vezes constituem evoluções que acompanharam o desenvolvimento geral da sociedade (ao passar de uma sociedade tribal para um Estado nacional). Assim também, certas religiões mundiais emergiram de religiões nacionais, como um protesto contra determinados aspectos de seu culto e de suas concepções religiosas.

No presente trabalho, foi possível até aqui percorrer os conceitos de religião e como se situaram em relação aos tipos de sociedades. Também foi sintetizado que uma religião para alcançar a transcendência (ou o *religare*) necessita da harmonia de quatro elementos, quais sejam a crença, cerimônia, organização e experiência. A partir de agora, os aspectos a serem abordados compreenderão reflexões e posicionamentos sobre o estado da religião na sociedade individualizada, o que em termos gerais acrescentaria mais um par de definições ao conceito cunhado por Gaardner, já que foram descritos três agrupamentos de religiões e três de sociedade, estes sem considerar os aspectos que serão discutidos a seguir.

Na visão de Brito e Gorgulho (1998, p.9) tem se que:

No atual processo de globalização econômica, o fenômeno religioso está manifestando-se com seus fatores ideológicos, ecológicos e axiológicos. Essa manifestação chama de novo a atenção para a crítica da religião no mundo moderno.

A religião foi apontada como fator de alienação e dominação. Sua origem e função social foram explicadas pelos impulsos de mecanismos psicológicos, sociais e ideológicos.

Foi vista como alienação anti-humana (Feuerbach) e acusada de legitimar estruturas sociais injustas e dominadoras (Marx). Foi explicada como fator desagregador e niilista da humilhação moral do ser humano (Nietzsche). Foi compreendida como ilusão transcendental e regressão infantil causada pelos impulsos e estruturas do inconsciente (Freud).

No meio e no auge dessa crítica, desde o século passado, os movimentos sociais de emancipação e de libertação ocuparam grande parte do cenário e do imaginário coletivo nas lutas contra as estruturas sociais injustas geradoras de pobreza – também esta em fase de globalização –, contra o racismo, o imperialismo, o colonialismo e o patriarcalismo machista.

E continuam os autores abordando as consequências dessas opiniões e da transformação econômica que abraçou o mundo, que um dia se tornou Cristão e de repente se tornou Capitalista e consumista.

Daí se torna fácil compreender como o capitalismo se manifesta como religião, e como o mercado é apresentado na perspectiva de formas religiosas: fora do mercado não há salvação, e o mercado é redentor. A atitude humana fundamental consiste em se inclinar humildemente diante dessa força suprema, pois não há alternativa para o futuro, até porque já estamos no fim da história. A escatologia está realizada na sociedade perfeita do mercado globalizado (BRITO e GORGULHO, 1998, p. 14).

Soma-se a esse contexto capitalista fatores sociais que compreendem os principais problemas mundiais enfrentados, os quais na opinião de Vasconcelos (2010, pp. 101-102) são:

Violência, discriminação e preconceito são alguns dos problemas enfrentados pela população de todo o mundo. No entanto, outros podem ser enumerados: o desemprego, a pobreza, o desequilíbrio ecológico, o aquecimento global, a corrupção, a fome, a falta de água potável, o esgotamento dos recursos naturais, a poluição, os fenômenos naturais (seca, enchentes, furacões, tsunamis etc.), os efeitos da globalização, o menor abandonado, entre outros.

Corroborar e ao mesmo tempo consolida os entendimentos apresentados a visão de Gaardner et. al. (2005:272):

Com o avanço da industrialização e da ciência no último século, surgiram novas explicações não religiosas para o curso dos eventos. Embora as religiões se mantenham vivas, áreas cada vez maiores da vida social e cultural têm saído de sua influência. E além de os princípios religiosos terem perdido influência na vida social, também os conceitos éticos ensinados pelas religiões não afetam mais as questões sociais. Esse processo é conhecido como secularização.

Tais fatos vêm tendo efeitos diversos sobre as pessoas. Alguns mantêm sua crença religiosa, mas traçam uma linha divisória entre a religião e a ciência. Outros rejeitam a religião e se tornam ateus ou agnósticos. Outros, ainda, incorporam a consciência científica a sua fé religiosa.

Será que somos menos religiosos hoje do que éramos cinquenta anos atrás? Não é fácil responder. Na Europa, durante muito tempo a religião pareceu desempenhar um papel menos influente na vida das pessoas. Porém, nas esteira da descristianização, apareceram novos movimentos religiosos.

Hoje as igrejas cristãs tem de lutar não só contra a descristianização, mas também contra uma série de diferentes tendências religiosas, entre elas algo que pode ser chamado de esoterismo.

Ratifica esse entendimento o pensamento de Ferry e Gauchet (2008, p.37):

Por um lado, parece-me exato que as morais laicas não conseguem se encarregar do conjunto da experiência dos indivíduos atuais. O discurso moral, tal como nossas sociedades o compreendem (isto é, a regulação da relação com os outros segundo a norma de reciprocidade), não responde a tudo. Uma vasta gama de questões relativas a si mesmo, à conduta de sua existência, à orientação de sua experiência, escapa ao discurso moral.

Diante das opiniões expostas é possível compreender que o desenvolvimento econômico e o efeito advindo da globalização contribuíram para a aparente divinização do homem, anteriormente submisso aos dogmas da fé professada. Esse mesmo homem adquiriu poder aqui-

sitivo, passou a desejar o consumo, que antes era uma sensação não experimentada já que a humildade e simplicidade tracejam a maioria das religiões. Esse mesmo homem adquiriu acesso a informação de forma ilimitada, conhecendo o que era distante, se comunicando com outras culturas e percebendo que existem outros horizontes além da sua comunidade. O poder aquisitivo aliado ao desejo, e a liberdade de acessar informações tornaram-se o novo conceito de transcendência para o homem dos dias atuais.

Tais percepções coadunam com o pensamento de Bauman (2001, p.8) que ao abordar a modernidade líquida ou o estado líquido da sociedade vem refletir:

(...) é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluídos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluídos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a muda-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhe toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento”. Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa. Ao descrever os sólidos, podemos ignorar inteiramente o tempo; ao descrever os fluidos, deixar o tempo de fora seria um grave erro. Descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas.

E complementa o autor:

Na verdade, nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro; as pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar, através de seus próprios esforços dedicados, contínuos e verdadeiramente infundáveis, no nichos pré-fabricados da nova ordem: nas classes, as molduras que (tão intransigentemente como os estamentos já dissolvidos) encapsulavam a totalidade das condições e perspectivas

de vida e determinavam o âmbito dos projetos e estratégias realistas de vida. A tarefa dos indivíduos livres era usar sua nova liberdade para encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar e adaptar: seguindo fielmente as regras e modos de conduta identificados como corretos e apropriados para aquele lugar (BAUMAN, 2001, p.13).

Percebe-se que a principal mensagem fixada pelo autor compreende o estado atual de comportamento do ser humano, não mais preso as formas (encapsulados), mas detido ao aproveitamento imediato do tempo, que é líquido e as circunstâncias e situações podem alterar. O estado líquido requer o ser humano mais leve, individualizado, pronto para a mudança, desapegado, e ao mesmo tempo continuamente motivado em buscar o novo.

No entanto, quando se pensa na relação entre esse estado permanentemente transitório e a religião, considerando os efeitos econômicos e sociais apresentados anteriormente, opina Bauman (2008, p.10) sob o contexto da sociedade individualizada:

O objeto de todas economias é a gerência de recursos escassos, mas o destino da economia da transcendência da morte é gerenciar – fornecer e distribuir – substitutos para recursos notoriamente ausentes: os sub-rogados que devem lutar pela “coisa real” e tornar a vida vivível sem ela. A principal aplicação deles é prevenir (ou, se não prevenir, ao menos adiar) descobertas similares à triste conclusão de Leonardo da Vinci: “ Quando pensava estar aprendendo a viver, eu estava aprendendo a morrer” – uma sabedoria que algumas vezes pode proporcionar o florescimento de gênios, mas que com maior frequência resulta em uma paralisia da vontade. É por essa razão que os significados da vida que estão em oferta e em circulação não podem ser separados em “corretos” e “incorretos”, “verdadeiros” ou “fraudulentos”. Eles trazem satisfações que diferem em completude, profundidade e duração emocional, mas todos ficam aquém da genuína e necessária satisfação.

### E complementa o autor:

Duas consequências resultam disso. Uma é a assombrosa inventividade das culturas, cujo “negócio principal” é fornecer variantes de estratégias de transcendência sempre novas, não testadas e não desacreditadas, além de ressuscitar, mais uma vez, a confiança na busca em andamento, apesar da forma com que os exploradores seguem de um desapontamento para uma frustração.

O comércio de significados de vida é o mais competitivo dos mercados, mas como não parece provável que a “utilidade marginal” das mercadorias em oferta um dia diminua, a demanda que impulsionou o fornecimento competitivo não parece que um dia irá secar.

A segunda é a espantosa oportunidade de tirar partido dos volumes de energia destampados e para sempre inexauríveis, gerados pela contínua e nunca totalmente saciada sede pelo significado da vida. Essa energia, se aproveitada e canalizada da maneira adequada, pode ter vários tipos de uso: graças à sua onipresença e versatilidade, constitui o “metacapital” da cultura – o material com o qual diversos corpos do “capital cultural” podem ser, e são, moldados.

(...)

A energia da transcendência é o que mantém a formidável atividade chamada “ordem social” em movimento; ela a torna necessária e possível (BAUMAN, 2008, p.11).

E ainda ao abordar o “como pensar” no contexto da sociedade individualizada, Bauman (2008, p;198) traz a seguinte reflexão:

Assim, homens e mulheres são treinados (aprender pelo modo difícil) a perceber o mundo como um contêiner cheio de objetos descartáveis; o mundo inteiro, inclusive outros seres humanos. Todo item é substituível, e é melhor que o seja. E se uma grama mais verde aparecer, e se alegrias mais intensas e até agora não experimentadas acenarem de longe? Num mundo em que o futuro é cheio de perigos, qualquer chance não aproveitada aqui e agora é uma chance perdida; não aproveitá-la é imperdoável e não tem justificativa. Os compromissos de hoje estão no caminho das oportunidades de amanhã, quanto mais leves e superficiais forem, menor será o dano. “Agora” é a palavra-chave da estratégia de vida, e não importa a que essa estratégia possa se referir. Nesse mundo inseguro e imprevisível, nômades espertos e inteligentes viajam leves e não derramarão lágrimas por qualquer coisa que impeça seus movimentos.

Adicionalmente o autor complementa o raciocínio enfocando os efeitos da transitoriedade diante da individualidade:

Nesses tempos de incerteza e precariedade, a transitoriedade adquire uma “vantagem estratégica” sobre a durabilidade. Já não é tão claro qual é a causa e qual é o efeito. Será que a fragilidade e a vulnerabilidade da condição humana são o resultado sumário das políticas de vida comuns, que não reconhecem os objetivos e valores de longo prazo que são difíceis de ganhar e preservar? Ou, para ser mais exato, será que as pessoas tendem a preferir satisfações breves porque pouca coisa no mundo é de fato durável e por isso podemos esperar que poucos objetivos durem mais do que o esforço necessário para atingi-los? Ambas as suposições são parcialmente verdadeiras e cada uma delas transmite uma parte da verdade. Um mundo saturado de incerteza e a vida fatiada em episódios efêmeros, requeridos para proporcionar satisfação instantânea, ajudam-se de maneira mútua (BAUMAN, 2008, p. 200).

Resumidamente, pelo exposto até aqui, é possível identificar que a religião, como processo de transcendência e relação com a divindade, recebeu fortes críticas por diversos pensadores no século passado, emergindo gerações com a convicção de que ora Deus não existe ou não é necessário ter uma relação com Ele. Isso se reforça quando o desenvolvimento econômico e tecnológico presenteia o homem com poderes até então não conhecidos, seja o poder de comprar (acompanhado do desejo de continuar comprando) e o poder de se comunicar (mesmo sozinho, solitário, individualizado). As apostas em satisfações breves, felicidades instantâneas estão ocupando um espaço antes reservado a uma vida semeada para a colheita da eternidade. Esse é o contexto da sociedade individualizada dentro de uma modernidade (ou pós modernidade para alguns) líquida, ou seja, sem forma.

### Diante disso, Bauman opina sobre a fé:

Ter fé significa ter confiança no significado da vida e esperar que aquilo que fazemos ou desistimos de fazer terá uma importância duradoura. A fé vem fácil quando a experiência de vida confirma que esta confiança é bem fundamentada. Só num mundo relativamente estável, em que as coisas e os atos retêm seu valor por um longo período de tempo, um período mensurado com a duração da vida humana, tal confirmação poderá ser oferecida. Num mundo lógico e consistente, as ações dos homens também adquirem lógica e consistência. Vivendo num mundo assim, como disse o grande filósofo Hans Jonas, contamos os dias e os dias contam. Nossos tempos são difíceis para a fé – qualquer fé, sagrada ou secular; para acreditar na Providência, em uma Cadeia Divina de Seres, assim como numa utopia mundana, numa sociedade perfeita que está por vir. Por causa da evidente transitoriedade e vulnerabilidade de tudo (ou quase tudo) que conta na vida terrena, nossos tempos não são hospitaleiros para a confiança nem, em termos mais gerais para objetivos e esforços de longo prazo (BAUMAN, 2008, p.196).

### E complementa:

Se a dedicação aos valores duradouros está em crise hoje, é porque a própria ideia de duração, de imortalidade, também está em crise. Mas a imortalidade está em crise porque a confiança básica, cotidiana, na durabilidade das coisas em direção às quais e pelas quais a vida humana pode ser orientada é solapada pela experiência humana diária. Essa erosão da confiança é, por sua vez, perpetrada pela endêmica precariedade, fragilidade, insegurança e incerteza do lugar humano na sociedade humana (BAUMAN, 2008, p. 202).

### Por fim, conclui:

Não sugiro que o que enfrentamos hoje é uma “crise cultural”. A crise – a perpétua transgressão e o esquecimento das formas já criadas e a experimentação com formas novas e não tentadas – é a condição natural de toda cultura humana. O que proponho é que nesse estágio de contínua transgressão chegamos a um território que os humanos jamais habitaram, um território que a cultura humana no passado considerou inabitável. A longa história da transcendência, esse salto em

direção à eternidade que levou a um estabelecimento permanente, não é cobiçada nem parece necessária para tolerar a vida. Pela primeira vez, os humanos mortais conseguem viver sem a imortalidade, e não parecem se importar (BAUMAN, 2008, p. 313).

Diante do exposto, convergindo ao tema da presente pesquisa, quais reflexões podem ser extraídas sobre as perspectivas da religião numa sociedade individualizada? Para ordenar tais reflexões, serão utilizados os quatro ângulos conceituais da religião “crença, cerimônia, organização e experiência” (GAARDNER, 2005), conforme Quadro 1, abaixo.

#### QUADRO 1- REFLEXÕES SOBRE A RELIGIÃO NA SOCIEDADE INDIVIDUALIZADA

Itens conceituais	Situação na sociedade individualizada (Questões, reflexões e perspectivas)
<p style="text-align: center;"><b>Crença</b> (permite acreditar)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer o sentido da vida não passa mais pela imortalidade.</li> <li>• O sentido da vida é palpado em momentos vividos, transitoriedade.</li> <li>• Consumismo, vida digital ocuparam o espaço da fé.</li> <li>• As doutrinas, escritos sacros não são mais a única referência.</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>Cerimônia</b> (leva a praticar)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A individualidade afasta o religioso dos templos e cerimônias.</li> <li>• Enfraquecida a questão relativa a crença, a prática dos ritos deixa de ser desejada pelos fiéis, exceto se a forma de realizar trazer algum resultado imediato.</li> <li>• Relativização entre cerimônia presencial ou virtual.</li> <li>• Não é preciso uma cerimônia para se comunicar com Deus.</li> </ul>

<p style="text-align: center;"><b>Organização</b> (conduz a fortalecer)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Proliferação de religiões com alcance local, quase que moldadas para atender aos interesses, necessidades e costumes de um pequeno grupo ou comunidade.</li> <li>• Outro fator é como os meios de comunicação interagem nesse ângulo, pois os canais de TV, além de redes sociais, consubstanciam-se comunidades virtuais, que acabam esvaziando comunidades e organizações locais.</li> <li>• A autorrealização mesmo que transitória refuta a vida em comunidade.</li> <li>• Relativização entre templo físico e virtual, comunidades em rede.</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>Experiência</b> (prosseguir e realimentar a fé)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É o ponto crítico para sobrevivência da religião, e com a relativização da crença, a distorção da cerimônia e o esvaziamento das organizações em comunidade, a prática da experiência do Sagrado fica seriamente ameaçada.</li> <li>• O ser humano 'individual', dada a ansiedade do ritmo em que é ditada a sua vida, não encontra espaço para a experiência de fé.</li> <li>• Constante duelo da experiência de fé com os prazeres do consumismo e das satisfações transitórias.</li> <li>• A questão da imortalidade em debate.</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A partir do quadro acima, onde se destacaram alguns pontos de reflexões e questões a serem debatidas, as perspectivas sobre o papel da religião numa sociedade individualizada, compreende principalmente:

- Quanto a Crença: evangelizar pelo exemplo do estilo de vida. A felicidade pode ser (ou vem sendo) a melhor propaganda do religioso;
- Quanto a Cerimônia: flexibilizar sem perder ou prejudicar a essência do rito. A alegria e a emoção não afasta a seriedade de uma cerimônia. Considerando o primeiro passo concluído (crença), a cerimônia deve representar um momento *religare*;
- Quanto a Organização: presencial ou virtual, em rede social ou canal de TV, deve prevalecer que é importante estar sempre em comunidade.

Numa sequência, se a fé leva a felicidade e as cerimônias promovem o encontro com Deus, será sempre bom estar em comunidade, uma rede que não pode romper;

- Quanto a Experiência: uma consequência dos três elementos anteriores, que se atendidos, levarão ao fortalecimento da religião, mesmo numa sociedade individualizada, pois na medida que a experiência progride, a fé cresce e um depende do outro.

Uma perspectiva geral e desafiadora é que dificilmente uma religião se dá de forma individualizada. Experiências pessoais podem ser individualizadas, mas uma religião não sobrevive se cada um desejar a seu tempo e a seu jeito seguir os dogmas, ritos e tradições.

Por um lado, os autores abordados no presente trabalho apontam categoricamente que a certeza da mortalidade e a satisfação presente na transitoriedade são marcas de uma sociedade com sementes plantadas no século passado e que agora os frutos revelam um rumo sem religião.

Por outro lado, ao invés de sucumbir, outra perspectiva, e talvez a principal é que da mesma forma que a sociedade individualizada se mostra “líquida”, assim talvez deverá ser a nova religião desses tempos vindouros, o que não quer dizer que as religiões mundiais deverão desaparecer. Pelo contrário, eis o desafio, como manter a essência, ou seja, uma forma, de maneira ágil e flexível para acompanhar as constantes mudanças da sociedade? Certamente, essa é uma pergunta a ser abordada em outra pesquisa.

De certo que, do contrário, ou seja, não havendo ação semelhante das religiões (mundiais, nacionais, etc), essa sociedade líquida, mutante, individualizada, não terá dificuldades para abraçar um rumo que não tenha a experiência do *religare*. Isso não é uma sentença, mas aparentemente o mundo, ao menos a sociedade ocidental, não se mostra ainda preparado para lidar com as patologias sociais e demais efeitos colaterais de uma sociedade sem forma, líquida, porém extremamente desigual em diversos pontos do planeta.

## CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo principal refletir sobre as perspectivas da religião numa sociedade individualizada. Para tanto, abordou-se inicialmente o conceito de religião, destacando que em termos mais amplos uma religião compreende o conjunto de crença, cerimônia, organização e experiência. Em seguida, foram apresentados observações e posicionamentos dos autores pesquisados a respeito dos reflexos da evolução social e econômica sobre a religião.

Os conceitos de sociedade individualizada e a percepção da modernidade líquida foram cunhados a partir das obras de Zygmunt Bauman, que ao tratar da fé, indicou que o homem ao assumir a transitoriedade das coisas, começou a se dedicar a brevidade do tempo, não havendo a priori espaço para a religião nesse contexto.

A partir daí, diante das opiniões colhidas e da avaliação de Bauman, foi feita uma breve análise sobre as questões a serem refletidas pela religião na sociedade individualizada, vide Quadro 1. Essa análise possibilitou cogitar algumas perspectivas, dentre elas a necessidade de haver uma religião de felicidade pelo exemplo (crença, cerimônia, organização e experiência), onde o desafio que bate a porta é se preparar para ser uma religião líquida, o que certamente caberá o aprofundamento numa próxima pesquisa.

Embora não se tenha esgotado o tema, e também essa não foi a pretensão, pelos conceitos apresentados, foi possível identificar questões relevantes acerca da relação entre a religião e as condições de uma sociedade em constante mudança, atualmente individualizada, porém sem fronteiras. Dessa forma, acredita-se ter atingido os objetivos propostos e contribuído para o desenvolvimento do presente tema.



## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. **O que é religião?** – São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_ **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRITO, Ênio José da Costa; GORGULHO, Gilberto da S. **Religião ano 2000.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Programa de Estudos Pós graduados em Ciências da Religião. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

FERRY, Luc; GAUCHET, Marcel. **Depois da religião: o que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei?.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Vicotr; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VASCONCELOS, Ana. **Manual compacto de ensino religioso.** 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Rideel, 2010.



# ABAYOMI: MOMENTO PRECIOSO

*Maria José dos Santos Vertuan<sup>1</sup>*

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo descrever de maneira breve a experiência dos negros, na trajetória África/ Brasil, onde tiveram a oportunidade de vivenciar, por meio da criatividade e com o desejo de entreter seus filhos, os momentos considerados preciosos, de conhecer o real significado das bonecas Abayomi. Podendo relacionar com as novas sensibilidades históricas e como esses simples e afetuosos gestos foram capazes de contribuir para formação do ser humano, no sentido de fazer um viés que conduz à efetivação da Lei 10.639/2003. As bonecas de pano, faz entender melhor a história e também faz refletir sobre a importância do povo negro e sua significativa contribuição em todos os segmentos onde inseridos. Para acalantar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros, navios de pequeno porte, que realizavam o transporte de escravos entre África e Brasil, as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. As bonecas, consideradas símbolo de resistência, ficaram conhecidas como Abayomi, termo que significa: Encontro Precioso, em Iorubá, uma das maiores etnias do continente africano cuja população habita parte da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim. As bonecas Abayomi, não possuem demarcação de olho, boca e nariz, isso acontece para favorecer o reconhecimento das múltiplas etnias africanas.

**Palavras-chave:** Bonecas Abayomi; Resistência; Cultura Afro-brasileira; História; Etnias.

---

<sup>1</sup> Professora, mestra, graduada em Letras pela Unoeste (Universidade do Oeste Paulista; 1994), pós-graduada em Didática e Metodologia de Ensino pela Unopar (Universidade do Norte do Paraná; 1997), Mestra em Educação pela Unoeste (Universidade do Oeste Paulista; 2004). Musicista responsável pelo Conservatório Musical Carlos Gomes (Rancharia- SP; 1989), Educadora na Escola Estadual Anastácio Cerezine (Alvorada do Sul – PR), Escritora de livros infantis com os títulos: A flor azul (2004), A escola feliz ( 2005), De coração pra coração (2007), A vaca Mimosa ( 2007), Rita do laço de fita ( 2013), Acrósticos de A a Z ( 2015). Email: jovertuan@bol.com.br

## RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo describir de manera breve la experiencia de los negros, en la trayectoria África / Brasil, donde tuvieron la oportunidad de vivenciar, por medio de la creatividad y con el deseo de entretener a sus hijos, los momentos considerados preciosos, de conocer el real significado de las muñecas Abayomi. Puede relacionarse con las nuevas sensibilidades históricas y cómo estos simples y afectuosos gestos fueron capaces de contribuir a la formación del ser humano, en el sentido de hacer un sesgo que conduce a la efectivación de la Ley 10.639 / 2003. Las muñecas de tela, hacen entender mejor la historia y también hace reflexionar sobre la importancia del pueblo negro y su significativa contribución en todos los segmentos donde insertados. Para acalantar a sus hijos durante los terribles viajes a bordo de los tumultos, buques pequeños, que realizaban el transporte de esclavos entre África y Brasil, las madres africanas rasgaban retazos de sus faldas y de ellos creaban pequeñas muñecas, hechas de trenzas o nudos que servían como amuleto de protección. Las muñecas, consideradas símbolo de resistencia, se conocieron como Abayomi, término que significa: Encuentro Precioso, en Yorubá, una de las mayores etnias del continente africano cuya población habita parte de Nigeria, Benin, Togo y Costa de Marfil. Las muñecas Abayomi, no tienen demarcación de ojo, boca y nariz, eso sucede para favorecer el reconocimiento de las múltiples etnias africanas.

**Palabras clave:** Muñecas Abayomi; resistencia; la cultura afrobrasileña, la historia, las etnias

## INTRODUÇÃO

É fato que vivemos numa sociedade predominantemente racista e conservadora, na qual as minorias estão na base da pirâmide social e com isso o reflexo da discriminação afeta de forma cruel negros e indígenas. Tal fato se dá historicamente com o evento da colonização, que por sua vez, deixou uma herança discriminatória e etnocêntrica no âmbito das mentalidades, com isso, o legado racista se perpetuou Munanga (2005); Santos (2014) e Schwarcz (2013). Nesse sentido, para Munanga (2005, p. 15):

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação delas resultadas colocam cotidianamente na nossa vida profissional.

Muitas vezes não temos conhecimento de nossa própria história. Não paramos para entender certas coisas, que quando esclarecidas, passamos a entender melhor a nossa existência.

As bonecas de pano que receberam o nome de Abayomi, são capazes de nos fazer entender melhor a nossa história e também toda a simbologia que carrega consigo, no simples gesto de confecciona-la sem utilizar linhas, agulhas ou qualquer outro recurso considerado necessário para confeccionar. Elas foram e continuam sendo feitas apenas e tão somente por meio do carinho e amor que a sua simbologia representa. As bonecas Abayomi representam resistência, poder e tradição feminina.

Além do mais, é importante destacar que as bonecas Abayomi contribuem significativamente para a construção de uma aprendizagem prazerosa, onde o lúdico constitui-se como uma ferramenta eficaz para a participação interativa, ultrapassando as atividades rotineiras de aprendizagem realizadas na maioria das escolas, quando se trata de abordar a temática cultura africana.

É por este motivo que, trabalhar as relações étnicas raciais por meio da construção das bonecas Abayomi, abre possibilidades para novas situações pedagógicas em que o aluno possa construir valores, transformar pensamentos discriminatórios, sem imposições. Construir seus conhecimentos e acima de tudo exercer seus atos de cidadania, compreendendo que somente pelo respeito ao próximo criará novos significados para transpor barreiras que ainda persistem nos espaços escolares acerca das relações étnicas raciais (CRUZ; SILVA, 2012).

A palavra Abayomi, tem origem iorubá e é uma boneca negra, cujo significado quer dizer aquele que traz felicidade ou alegria. Abay= encontro e omi= precioso. O nome pode ser referido a meninos e meninas. O nome é comum na África, principalmente na África do Sul, embora também seja encontrado com frequência até o norte da África, e mais raramente no Brasil (LUNETAS, 2015).

No Brasil, além de nome próprio, as referidas bonecas são de pano artesanais, muito simples, a partir de sobras de pano reaproveitadas, feitas apenas com nós, sem o uso de cola ou costura, de tamanho que pode variar de 2cm a 1,50m, sempre confeccionadas com tecidos de cores escuras, onde possam representar a figura negra.

## ENTENDENDO MELHOR

No Brasil, o século XIX foi marcado por profundas alterações sociais, políticas e econômicas. A questão racial apresentou-se como elementos determinantes para as configurações da sociedade e do Estado brasileiro.

O Estado brasileiro se caracterizou, por muito tempo, pelo colonialismo/escravismo. Suas regras foram ditadas por Portugal e tudo o que se produzia era para o sustento da metrópole. Dessa maneira, os negros, foram escravizados e definidos como objetos, sendo excluídos do acesso à riqueza produzida no país. A discriminação desde então passou

a ser marcante. Durante muito tempo, foi se propagando o vestígio de um passado sombrio, repleto de inferioridade e preconceito. A visão que algumas pessoas tinham era que ambos: negros, seriam “úteis” apenas como mão de obra, barata e necessária para o crescimento do país mas, é claro que o branco não estava nesse meio, já que o trabalho braçal era considerado pejorativo ao nível social e econômico. Antigamente, principalmente nos livros de história, trazia a figura do negro e índio desempenhando situações de pouco ou nenhum prestígio social. Esse preconceito foi crescendo com o tempo e fazendo parte da nossa história como fator de inferioridade, onde as pessoas descendentes de negro ou índio, como se sentem até hoje, o reflexo da desigualdade e do preconceito.

A Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003), a qual atribui ao negro e afrodescendente, alguns direitos, com o objetivo de resgatar culturas e valorizá-la como parte necessária a nossa cultura, fez com que as pessoas repensassem suas atitudes e também suas práticas pedagógicas.

Sob a ótica da Nova História, é possível observarmos a fins de uma didática que vai além dos textos convencionais, como a História poder ser trabalhada em sala de aula de uma forma lúdica, pois, “[...] o lúdico influencia no desenvolvimento do indivíduo e na sua vida social” (BERGAMO, 2010 p. 4), de modo que sejam possíveis diferentes metodologias usadas na construção do conhecimento histórico para além da linguagem tradicional. Para Zamboni (1998, p. 5):

[...] quero enfatizar a existência de inúmeras outras linguagens que produzem também outras representações utilizadas em sala de aula e que são diretamente voltadas para a produção e compreensão do conhecimento histórico, principalmente em uma sociedade imagética como a nossa, caracterizada pela comunicação de massa, pela força das imagens produzidas para e pela televisão.

Para entendermos melhor, a situação do negro na atual sociedade, faz-se necessário fazermos uma retrospectiva na história do povo

negro quando foram trazidos para o Brasil. Eles não foram trazidos primeiramente como seres humanos. Eram vistos como animais sem passado, presente e muito menos futuro. Trazidos nos navios tumbeiros, ficavam todos juntos: homens, mulheres e crianças sem nenhum cuidado higiênico e muito menos digno do convívio de seres humanos.

Diante desse trajeto melancólico e deprimente, as mães, buscavam no seu interior, forças para enfrentar a cruel realidade. A aproximação com seus filhos, onde muitos choravam por fome e frio, faziam com que elas procurassem algo que pudessem entreter seus filhos e de certa maneira, proporcionar momentos de alegria, aconchego e envolvimento entre ambos. Foi assim que surgiu as bonecas de pano, chamadas Abayomi, feitas com retalhos rasgados das grandes saias de suas mães, com tamanhos variados e sem demarcação de olhos, nariz e boca. As bonecas também não tinham distinção de sexo, ou seja, meninos e meninas podiam brincar e mesmo diante do ambiente e situação que estavam passando, podiam criar sonhos e fantasias.

A boneca Abayomi, cujo significado é momento precioso, em língua iorubá, quer dizer tudo. Quando falamos em momento precioso, quer dizer que aquele momento enquanto as mães estavam confeccionando as bonecas, seus filhos ficavam em seus colos, sentindo as batidas de seu coração e podendo ver a alegria daquele momento estampadas no brilho de seus olhos de crianças inocentes e sonhadoras.

Tanto tempo se passou e mesmo assim, percebemos na atualidade, resquícios de um passado preconceituoso e sombrio. A trajetória do povo negro e a discriminação existentes em pleno século XXI, muito nos entristece (SILVA, 2014).

Na tentativa de reparar erros do passado, como a falta de humanidade, respeito e igualdade, independentemente da cor da pele, surgiu anos mais tarde, a importância de trabalhar a cultura africana e abordar de uma maneira ampla a importância do povo negro e afrodescendentes, suas valiosas contribuições em todos os segmentos.

Ou seja, na culinária, música, esporte, literatura e outros. Onde pudessem fazer com que as pessoas parassem para refletir e entender melhor a sua história.

Sendo assim, surgiu a Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003), a qual atribui ao negro e afrodescendente alguns direitos, os quais até então haviam sido negados. Por isso a importância de saber desde o início da existência do negro, a maneira como foi trazido e principalmente, sua valiosa contribuição na nossa cultura, os quais estão inseridos e fazendo parte da mesma história.

As bonecas Abayomi, como diz a história, surgiram com o objetivo de fazer com que seus filhos se aproximassem, sentissem acolhidos e principalmente que pudessem perceber que eram seres humanos, com deveres mas também com direitos. A partir desse simples mas, significativo gesto, passamos a compreender melhor a existência do povo negro, e mais tarde, afrodescendente. Sua força e também fragilidade, caminham juntos e muitas vezes refletem o sentimento que foram passados a eles como, o desrespeito e a discriminação marcados simplesmente pela cor da pele, esquecendo que são seres humanos merecedores de respeito, dignidade e igualdade.

Multiplicaram-se diferentes versões das Abayomi , o que pode ser justificado pelo fato delas terem sido criadas há três décadas, o que não dificulta em nada a produção de memórias das origens, porque enquanto são criadas elas produzem sempre muito mais de um mito de origem, elas remetem a um tempo distante, marcado pela violência da escravidão e da diáspora africana, o que acaba por fortalecer os princípios que levaram à sua criação (GONÇALVES, 2007).

Importante também inferir a respeito de seu caráter de objeto sagrado, haja vista que a boneca funciona como uma expressão simbólica identitária, pois organiza, enquanto são construídas, a percepção do que cada um tem de si, sendo que sua presença também é encontrada no Candomblé, carregada de simbologia e sensibilidade, tanto que

surgiram as Abayomi Orixás, que mesmo tendo os mesmos princípios do modelo original, acabam construindo, no espaço do Candomblé, a adesão ao movimento das mulheres negras e ao próprio candomblé, porque essas bonecas integram um conjunto de símbolos que marcam a memória do movimento negro (GONCALVES, 2007).

As Abayomi podem ser vistas com símbolo de resistência, mas, também da tradição e poder feminino, pois além de serem graciosas, elas também se apresentam como afirmação das raízes da cultura africana à cultura brasileira, demonstrando todo poder e determinação das mulheres negras. Sendo assim uma proposta de emponderamento das mulheres negras contra o racismo e preconceito (SILVA, 2008).

Silva (2008, p. 1) esclarece que é preciso

Trabalhar academicamente com a história da Abayomi, a exemplo de sua própria forma de atuação é, de certo modo, recuperar narrativas e também criá-las, na medida em que, refletir sobre espaço/tempo, dessa iniciativa vai além da ‘sistematização’ de uma narrativa, mas, é, sobretudo, socializar um processo alicerçado por ações feministas, poética e afetivas

Considerando essas palavras, lembramos que com a alteração do artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/1996), pela Lei nº 10.639/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira, objetivou-se a construção política de combate ao racismo, ao preconceito e às mais diferentes formas de discriminação, visando a construção da cultura da paz (BERTOZA; REIS; CEZAR, 2017).

Sendo assim, no viés da história das Abayomi, comprometidos com os estudos do final do século XX, a construção e produção dessas bonecas permite a inserção e visibilidade sobre a diáspora e a História da África, pondo em prática a temática que aborda a implementação da Lei Federal 10.639/03 (BRASIL, 2003), em especial quando se confecciona as bonecas.

Tudo porque quando se desconhece as histórias e memórias das Áfricas e das diásporas africanas naturaliza-se uma superioridade branca, europeia, que coloca as populações de origem africana como marginais e secundárias, fazendo prevalecer o racismo, ou seja, a “doutrina que defende a superioridade de certos grupos sociais e étnicos. É um modo hierárquico de classificação dos seres humanos que os distingue com base nas propriedades físicas e nos marcos culturais” (SOUZA; CROSO, 2007, p. 19).

Portanto, ao desenvolver a história e a construção da boneca Abayomi, é o mesmo que compreender a riqueza da tradição africana e de seus bens culturais, bem como, a importância de da diversidade cultural em todos os aspectos da história e cultura negra, assim como, sua influência na cultura brasileira. Motivos esses que leva-nos a observar que Abayomi não é brinquedo, mas, sim um instrumento de ensino da educação que cruza o tema da consciência negra e africanidade contribuindo com o fortalecimento da cultura negra, tema obrigatório na grade curricular do ensino fundamental e médio (VIEIRA, 1987).

Segue-se também uma reflexão a respeito de gênero e etnia, onde a prática fortalece a igualdade e a autoestima, visto que com as Abayomi se trabalha a questão étnica, gênero e machismo simultaneamente, pois, a linha principal dessas bonecas é o lugar social das mulheres negras, de forma que o processo criativo de sua confecção reelabora o contexto da escravização, e enfatiza a resistência.

Com o trabalho da construção das bonecas, constrói-se também generosidade e respeito, enquanto discute-se a força e as contribuições dos povos negros e suas africanidades. Valendo recordar o que Pirini e Bellé (2011) destacam como sendo necessidade, ou seja, a transmissão e a valorização das diversas culturas incluídas no currículo escolar, neste caso da cultura afro, de forma a ir desenvolvendo, uma consciência crítica sobre nossa sociedade. Ressaltam que é preciso “buscar, com o apoio da escola, caminhos que nos conduzam a uma situação social mais justa, que contemplem as muitas culturas de nosso país, dando atenção às “minorias”, às diferenças de gênero, de classe, de raça e de etnia”.

## CONCLUSÃO

Sabemos o quanto se faz importante entendermos a nossa existência e principalmente a nossa história. As bonecas Abayomi, representam um pouco de tudo isso. Ou seja, passamos a compreender melhor nossas origens, ancestralidades, etnias e também a importância significativa da cultura africana na atual sociedade e a valiosa contribuição para todos. Quando procuramos entender a nossa história, mergulhamos e nos abastecemos de fundamentações que possam nos esclarecer melhor as origens e etnias.

Estamos acostumados a um modelo de boneca como a Barbie, considerada linda e com corpo perfeito, pelo menos é essa a visão transmitida as crianças desde muito tempo atrás. Visão essa que atualmente está sendo repensada. Sendo assim, quando a gente vê uma boneca de pano e negra, a gente logo liga a bonequinha de voodoo, (considerada feia, assustadora e do mal). Quando é exposto à criança, as bonecas Abayomi, permite fazer a “quebra” desse paradigma, o qual é passado pra gente desde o princípio que o bonito é ser loira, que o bonito é ser magra, que o bonito é ser branca. Somos seres humanos e pertencentes a uma história marcada por preconceitos e discriminações, onde por meio das bonecas Abayomi, pudemos fazer uma reflexão de toda uma vida. O que elas representam, qual a simbologia inserida e o significado dela na cultura atual. Por meio de pesquisas e estudos, foi possível resgatar e perceber que as bonecas Abayomi são bem mais que uma boneca. Elas representam a cultura afro-brasileira e africana e fazem o resgate dessa cultura étnica.

Percebe-se com as referidas reflexões realizadas, a respeito da temática, deixar claro, a valiosa contribuição do negro na atual sociedade, demonstrando essa contribuição em todos os segmentos e situações do cotidiano. As bonecas de pano Abayomi, nos faz entender melhor a nossa existência e nossa história.

O momento de entretenimento e aconchego existente no simples gesto de confeccionar as bonecas com pequenos retalhos e amarradas com nós firmes, reforçam a certeza de seu significado: momento precioso.

O preconceito racial presente no cotidiano, as culturas que recebemos e como a educação trabalha o assunto, nos faz perceber que a história das bonecas Abayomi, foram capazes de trazer toda magia e encantamento que elas são capazes de nos proporcionar.

As bonecas Abayomi, foram capazes de resgatar nossa história trazendo aconchego e compreensão de toda uma vida, marcada por preconceito, discriminação, desrespeito, profundo sentimento de inferioridade e rejeição, simplesmente provocados pela resistência a não aceitação da cor da pele. É preciso que as pessoas negras e afrodescendentes possam gostar da cor da sua pele, percebendo que sua cor não é obstáculo para realização dos seus sonhos e conquistas. Independentemente da cor da pele, deve-se entender que fazemos parte de uma mesma história.

## REFERÊNCIAS

BERGAMO, Mayza. O uso de metodologias diferenciadas em sala de aula: uma experiência no ensino superior. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**. V.2, n. 4 (2010). Disponível em:<<http://revista.univar.edu.br/index.php/interdisciplinar/article/view/185>>. Acesso em 13 jun 2019.

BERTOZA Tarianne da Silva Pinto; REIS, Maria Clareth Gonçalves; CEZAR, Lilian Sagio. A confecção das bonecas Abayomi e a abordagem interdisciplinar das relações étnico-raciais: relato de experiência. **IX Congresso Fluminense de Iniciação Científica e Tecnológica**. 03 a 07 de julho de 2017.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº10. 639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo

oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. D.O.U. de 10.1.2003. Disponível em:< [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)> Acesso em 13 jun. 2019.

CRUZ, C. da S.; SILVA, D. S. **Bonecas Abayomi**: Uma Proposta Lúdica Para Trabalhar as Relações Étnicas Raciais Na Escola. 2012. Disponível em: [http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos\\_template/upload\\_arquivos/acer\\_vo/docs/2587p.pdf](http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acer_vo/docs/2587p.pdf)> Acesso em 15 jun. 2019.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007

LUNETAS. **Aprenda a fazer uma Abayomi, boneca que é símbolo de resistência**. 2015. Disponível em:< <https://lunetas.com.br/aprenda-a-fazer-uma-abayomi-a-boneca-negra-de-nos-que-e-simbolo-de-resistencia/>> Acesso em 20 jun. 2019.

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: MUNANGA, Kabengele . **Superando o Racismo na escola** (Org.) Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. PIRINI, Janini Alessandra; BELLÉ, Larissa Antonia. **Bonecas Abayomi e Duchamp**: Reflexões Multiculturais A Partir De Um Currículo Inclusivo. 2011. Disponível em: <[http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/janine\\_alessandra\\_perini.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/janine_alessandra_perini.pdf)> Acesso em 16 jun 2019.

SANTOS, Marcio André de Oliveira dos. Por uma pedagogia antirracista na Educação. In: COELHO, Wilma de Nazaré Baía ... [et.al.] (Org.). **A Lei 10.639/2003**: pesquisas e debates. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014.

SILVA, Helder Kuiawinski da. A cultura afro como norteadora da cultura brasileira, **Perspectiva**. Erechin. v.38, n.144, p.25 a 35, dezembro 2013.

SOUZA, Ana Lúcia Silva; CROSO, Camila. **Igualdade das relações étnicoraciais na escola:** possibilidades e desafios para a implementação da Lei 10639/03. São Paulo, Peirópolis: Ação Educativa, Ceafro e Ceert, 2007.

MARTINS, Lena. **Boneca Abayomi:** histórico da boneca Abayomi. Rio de Janeiro: 1987. Disponível em;< <http://www.bonecasabayomi.com.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

ZAMBONI, Ernesta. Representações e Linguagens no Ensino de História. Rev. bras. Hist. Vol. 18 n.36. São Paulo, 1998. In.: COSTA, F. L.; RODRIGUES, R. P. A.; SABINO, R.; SANTOS, P. S. **As Bonecas Abayomi e as Novas Sensibilidades Históricas: Possibilidades para uma Educação Anti-Racista.** 2015.



# O ATO DE SER PSICÓLOGO: EXPERIÊNCIA HOSPITALAR

*Karina Emanuely Mascarenhas Romano<sup>1</sup>  
João Auricelio Souza Silva<sup>2</sup>*

## RESUMO

Esse artigo tem como objetivo mostrar o crescimento da psicologia, associada a vivência de estágio no percurso da academia de graduação em um âmbito em desenvolvimento da psicologia: A Psicologia Hospitalar. Com embasamento de colaboradores do crescimento deste tema vasto, atrativo e envolvente. O artigo se trata da comprovação dos resultados positivos e dinâmicos, que a psicologia faz em uma área temida onde se lida com o adoecimento. O alvo é promover ao leitor, uma perspectiva gestáltica das questões advindas dessa área da saúde. A metodologia tornou-se ferramenta fundamental para a continuidade de conclusão do curso de Psicologia e serviu como engajamento para as posteriores vivências e realizações independentes do campo.

**Palavras-chave:** Psicologia hospitalar; Gestalt; Adoecimento.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo mostrar el crecimiento de la psicología, asociado a la experiencia del internado en el curso de la academia de pregrado en un contexto en el desarrollo de la psicología: Psicología Hospitalaria. Basado en colaboradores del crecimiento de este vasto,

---

1 Aluna graduanda do 5 ano do curso de psicologia na Faculdade da Amazônia Ocidental - FAAO Rio Branco AC.

2 Doutorando em Psicologia Social-Universidade Kennedy-Buenos Aires, professor dos cursos de graduação em Administração, Ciências Contábeis e Psicologia da Faculdade da Amazônia Ocidental (FAAO). Coordenador adjunto do curso de Psicologia, coordenador do Núcleo de Apoio Psicológico, Pedagógico e Ouvidoria- NAPPO da FAAO. Funcionário público da Saúde do Estado do Acre (SESACRE). Especialista em Mudanças no Processo de Educação do Ensino Superior (FIOCRUZ). Bacharel em Psicologia (FAAO) e licenciado em Filosofia (UECE). E-mail: joaoauricelio21@gmail.com

atractivo y envolvente tema. El artículo trata de comprobar los resultados positivos y dinámicos que hace la psicología en un ámbito temido en el que lidiar con la enfermedad. El objetivo es promover en el lector, una perspectiva gestáltica de los problemas que surgen en esta área de la salud. La metodología se convirtió en una herramienta fundamental para la continuación de la conclusión del curso de Psicología y sirvió de compromiso para experiencias posteriores y logros independientes en el campo.

**Palabras clave:** Psicología hospitalaria; Gestalt; Enfermedad.

## INTRODUÇÃO

O que fazem os Psicólogos Hospitalares? Visto que não se podem clinicar. Como ela surgiu? Existem desafios? Essas são perguntas que norteiam todo o artigo e que serão respondidas e desenvolvidas em uma abordagem de contato chamada Gestalt, a mesma ajudara a dirigirem um viés humanizado que é o que o presente artigo propõe.

A Psicologia Hospitalar é um conjunto de contribuições que as várias correntes da psicologia oferecem para prestar uma assistência de maior qualidade aos pacientes hospitalizados. O psicólogo hospitalar é um profissional que estuda para possuir saber e técnicas para poder aplicar de forma positiva e correta.

O trabalho do psicólogo hospitalar veio para servir de colaborador ativo do desenvolvimento da saúde mais eficaz. Mesmo com passos lentos, hoje esta ocupação representa grande prestígio devido as suas inúmeras contribuições.

O psicólogo hospitalar tem sua colocação voltada ao âmbito secundário e terciário de atenção à saúde, operando em instituições de saúde em atividades como: atendimento psicoterapêutico, grupos psicoterapêuticos, grupos, atendimentos em ambulatórios e unidade de terapia intensiva, em pronto atendimento, enfermarias em geral, psicomotricidade no contexto hospitalar, avaliação diagnostica, psicodiagnóstico, Inter consultas e, ainda atuam também por meio de consultoria nesses contextos.

Mesmo que agora com suas funções demarcadas, os desafios desde o pre-conceito da visão psicológica até a exacerbante exaltação do modelo biomédico, ainda sobressaem em algumas unidades. A humanização será o poder preponderante que destrincha essas questões. É a humanização que mostra a eficácia de respostas que melhoram a qualidades de vida dos pacientes e do próprio ambiente de trabalho.

O atual artigo mostrara a trajetória do campo da psicologia hospitalar, as reais tarefas em que o psicólogo desse campo atua e o quanto a perspectiva Gestáltica é essencial nesse olhar humanizador.

## **A PSICOLOGIA NO DIÁLOGO DO APROFUNDAMENTO DE QUESTÕES ÉTICAS E MORAIS: CONTEXTO HISTÓRICO**

A Psicologia hospitalar é uma área da psicologia voltada para promoção de qualidade de vida dentro das unidades de saúde. Esse contexto é existente devido a necessidade de uma visão diferenciada dentro de centros de cuidados. O psicólogo da saúde não está inserido somente em hospitais, a promoção de saúde mental é um uso que pode ser propiciado para todas as áreas onde os seres humanos de encontram nas organizações, na educação, nos esportes, etc.

Sua inserção no mundo se deu de forma difusa, devido ao padrão tradicional da psicologia, que como muitos conhecem tem influências de vários pesquisadores, o mais conhecido talvez seja Sigmund Freud, o médico psicanalítico que desafiou paradigmas e tabus. Assim podemos comparar o nascimento da psicologia hospitalar.

É percebido, que na atuação do psicólogo no campo hospitalar, o psicólogo encontra desafios que fazem-se necessário uma constante atualização, seja ela literaria ou de suas próprias ideias construídas, visto que, seu modelo tradicional já preconiza uma barreira por se tratar de um modelo clínico, com destaque individual e de atendimento em locais privados, sem intercorências e demais estímulos escarpantes.

Antes até mesmo do psicólogo adentrar na zona hospitalar, o fato do psicólogo ter como base a clínica, subsidio menor, sem tantas interferências e de total descrição, se tornava barreira para ser inserido nesse contexto diferente. Uma revisão de um modelo com uma visão mais integrada passou a ser exigido na área, tornando assim acessível ao psicólogo. A psicologia entrou se engrenou nos hospitais como

colaborador das demais profissões existentes na saúde, fazendo parte de um grupo interdisciplinar que age muitas vezes também como um facilitador das informações de paciente e sua família.

A Psicologia hospitalar tem por objetivo fazer com que o sofrimento passado pelo paciente no ambiente hospitalar, enquanto se está hospitalizado seja minimizado. O campo de atuação psicológica neste lugar é extenso e de inúmeras possibilidades. É necessário não só a prestação de serviços do psicólogo, mas sim de um conjunto de profissionais da saúde. Profissionais estes que devem estar preparados para exercer de forma ética e humanista sua profissão, afinal estão lidando com pessoas, estas que merecem dignidade, empatia e respeito.

Os hospitais gerais constituem um novo campo de trabalho para o psicólogo, não só em função da proposta de atenção integral à saúde, como também em função da crise enfrentada pela clínica privada. A abertura de concursos e de possibilidades de atuação do psicólogo nestas instituições faz com que o profissional se volte para este campo, muitas vezes sem uma reflexão mais cuidadosa sobre a especificidade desse trabalho. (ALMEIDA, 2000).

Trabalhar como psicólogo no contexto hospitalar desrespeito a cuidar do outro, cuidar do paciente e cuidar de quem cuida do paciente. Uma visão distorcida disto, poderá gerar uma atividade totalmente errônea do que o trabalho hospitalar propõe. A ética é alicerce indispensável a todos os profissionais, e mais ainda, me permitam dizer, nas unidades onde o contato com o outro é direto e muitas vezes o único que poderá ajuda-lo naquele momento.

Ser parte integrada de uma equipe hospitalar, quer dizer, não somente está incluído na tabela de funcionários, é uma ação humanizada, uma visualização da pessoa em adoecimento de forma total e justa. Tem mais haver com acolhimento do que com o autoconhecimento de instrumentos psicológicos que nada servira se seu olhar não estiver voltado para mudança positiva do sujeito que naquele momento, esperançoso ou não, busca ajuda.

Segundo Martins (2001), a humanização é um processo amplo, demorado e complexo, ao qual se oferecem resiliências, pois envolve mudanças de comportamento, que sempre despertam insegurança.

Compreendemos então que a humanização é mais que uma palavra de conceito bonito e inspirador, ela traz consigo um importante significado que servem para os atuantes de quaisquer áreas. Humanizar é ser e estar, é mostrar e demonstrar. Processo esse como Martins bem fala, difícil, demorado e até considerado não relevantes, contudo, são projetos voltados a humanização que fazem com que haja mudanças nas políticas de saúde e serve como influencia a profissionais que não possuem essa sensibilidade de perceber que saúde também é um valor.

Ao ser hospitalizado, o paciente sofre um processo de total despersonalização deixando praticamente de ter um nome, gostos, prazeres, vontades e passa a ser somente um número de leito portador da sua doença. O movimento de humanização nos hospitais é voltado tanto para educação e treinamento dos profissionais de saúde como para as intervenções propostas no hospital para a melhoria e qualidade do paciente.

Pesquisas realizadas em hospitais mostram que quando se trabalha com humanização a melhora do ambiente hospitalar traz consigo benefícios como a redução do tempo de internação, aumento do bem-estar geral dos pacientes e funcionários e diminuição das faltas de trabalho entre a equipe de saúde e, como consequência, o hospital também reduz seus gastos, trazendo benefícios para todos (Martins, 2001; Mazzetti, 2005).

Partindo dessa afirmação percebemos que a humanização é algo que deve ser incorporado não somente na aérea hospitalar, mas sim em qualquer contexto onde o psicólogo está inserido, não que isso seja obrigação dele ou que só ele possa praticar a humanização, pelo contrário humanizar é ser humano e tratar o outro como você gostaria de ser tratado, é em suma, tratar o outro como igual.

Dentre tantas outras questões que envolvem a psicologia x hospital, está o óbvio e claro modelo biomédico. O médico é visto sempre como o símbolo principal da saúde, símbolo este que não deve ser menosprezado, contudo, é trazido aqui, uma visão como já bem foi mencionada, integrativa. A postura do médico tem total influência sobre o paciente desde sua abordagem. Essa visão ainda predomina, todavia, as inúmeras doenças sem explicativa orgânica, exigiu desses profissionais o olhar mais adiante de seus grandes livros. O psicólogo começou a ser tornar indispensável quando se começou a aceitar o fato de que existiam doenças psíquicas que eram manifestadas fisicamente, as quais chamaram de doenças psicossomáticas. Esta descoberta fortaleceu o vínculo dos profissionais de saúde em geral, e claro para a expansão das áreas da psicologia como um todo.

As funções, do psicólogo atuando especificamente nesse campo, são diversas e estão ainda em expansão. Ele é mediador nos processos intra e interpessoal, utilizando um enfoque preventivo ou curativo, isoladamente ou em equipe multifuncional em instituições formais e informais. Realiza pesquisa, diagnóstico assim como o médico, faz intervenções psicológicas, acompanha o paciente, verifica o melhor tratamento em diferentes teorias e métodos.

O enfoque principal do psicólogo deve ser o de cuidar, preservar e promover a saúde mental, com técnicas específicas realizando avaliação e diagnóstico psicológicos, atendimentos psicoterápicos, atendimento familiar e de casal. Atendimento também com crianças com problemas emocionais, psicomotores e psicopedagógicos, acompanhamento de gestantes durante a gravidez, parto e puerpério, prepara o paciente para a entrada, permanência e alta hospitalar, trabalha em situações de agravamento físico e emocional, entre outros.

O trabalho do psicólogo no hospital está ligado ao ser e sua complexidade, seus sentimentos, suas preocupações, percebendo o fato de que quando uma pessoa se encontra internada esse serviço

é de extremista, nesse momento o indivíduo se encontra frágil, e a doença traz consigo reações psicológicas que podem agravar de forma significativa o quadro em que o paciente se encontra, dentre elas estão a ansiedade, depressão medo e preocupação.

Pessini e Bertachini (2004) dizem que o ambiente hospitalar gera insegurança e uma particular ansiedade. Ele é quase sempre um lugar de sofrimento e de dor, de espera e angústia, quando não de desolação e desesperança.

Então, além do processo de enfermidade, os pacientes também vivenciam um processo individual que são como cordas que ferrolhos que ajudam a segurar uma porta, eles são agentes intrínsecos das pessoas, que são invisíveis, mas que afetam positiva e negativamente ao seu próprio adoecimento. Nesse contexto, o psicólogo que vai ajudá-lo propondo mudanças de comportamentos, resgate ao positivo e estratégias voltadas para a motivação e a importância de cuidar de si mesmo.

Sebastiani e Chiatone (1991) afirmam que o psicólogo não está apenas atrás de um diagnóstico no sentido formal e acadêmico do termo, mas sim à busca da visão ampla possível de quem é e como está o paciente frente ao seu processo de doença, internação hospitalar e tratamento, tendo como principal objetivo resgatar a visão do indivíduo como um todo, como um ser biopsicossocial espiritual, que tem como princípio básico da própria existência o direito inalienável à dignidade e ao respeito.

Ou seja, o psicólogo está à frente de situações de crises e de todas as mani-festações diárias que se oscilam no âmbito hospitalar, a sua impotência, negação de realidade, regressões emocionais enfim, o psicólogo tem a função de tentar compreender por completo as queixas dos pacientes levando em consideração sua subjetividade e não somente a patologia, ter uma escuta correta e não deixar de dar a família um amparo para que ele possa lida junto com o enfermo nos

momentos de crise. A família é parte do sujeito, também sofre, passa por toda a fragilidade do processo e está sujeita ao adoecimento. Na área hospitalar, as políticas de cuidado não são somente para a atenção ao paciente, se cuida também de quem cuida.

De acordo com RODRIGUEZ e MARÍN (2003), existem seis tarefas básicas do psicólogo hospitalar.

- A função de coordenação, relacionada às atividades com os funcionários da instituição;
- A função de auxílio a adaptação, intervindo na qualidade do processo e recuperação do paciente internado;
- A função de inter consulta: auxiliando outros profissionais a lidarem com o paciente;
- A função de enlace, de intervenção, por meio de delineamento e execução de programas com os demais profissionais, para modificar ou instalar comportamentos adequados dos pacientes;
- Assistência direta: atua diretamente com o paciente;
- A função de gestão de recursos humanos: aprimora os serviços do profissional da instituição o que contribui de forma significativa para a promoção de saúde.

O psicólogo tem um leque de tarefas a ser feita, essas tarefas podem ser feitas individual, porem o contexto que o permeia, exige a coparticipação de outros profissionais, acolhimento, escuta qualificada por exemplo não é tarefa nem especialidade única aos psicólogos, esses simples gestos, podem ser feitos por qualquer um, não é ser profissional e sim ser humano. Porem há empecilhos nessa visualização de cooperação que trago aqui, assim como ressalta CHIATTONE, 2006, p.33:

[. . .] a delimitação do papel profissional acompanha as expectativas dos outros membros da equipe quanto ao papel que o profissional e questão deve exercer, acrescidas das próprias expectativas do profissional sobre sua capacidade de realização e de interpretação das expectativas dos outros. Em geral, no hospital geral é muito comum ocorrerem conflitos por profissionais com distintos graus de

instrução e conhecimento sobre as outras especialidades, sendo que o potencial conflitivo torna-se aumentado se não houver compreensão das capacidades dos membros, se o profissional visualizar a tarefa como invasão de terreno dos outros profissionais, se assumirem um comportamento defensivo em prol das prerrogativas profissionais e se acreditar na falha de utilização plena das qualificações dos outros membros.

O trabalho em equipe é essencial para um resultado positivo, além de ser uma estratégia de melhor diagnóstico e prognóstico. Com várias análises, olhar de profissionais da saúde diferente, enfim em um trabalho multidisciplinar prol do bem-estar e saúde em geral. Temos a oportunidade de perceber se há algo com o paciente, caso se confirme falha nas funções cognitivas pode solicitar uma avaliação (Inter consulta) com médicos, psiquiatras e\ou neurologista.

## **O PAPEL DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE NA POLÍTICA DE HUMANIZAÇÃO HOSPITALAR**

Com o tempo alguns profissionais da área da saúde acabam se tornando frios e sistemáticos, principalmente quando se trata de contato direto e\ou aproximação física. Alguns projetos voltados a essa aproximação foram implantados, como a humanização do parto e na saúde da criança, e o projeto mãe-canguru para recém-nascidos de baixo peso.

A humanização é importante em qualquer relação, seja ela recepção-paciente, ou profissional-equipe. Pode-se dizer que o desenvolvimento científica e tecnológico é empasse para promover a humanização, tornando esse processo, um caminho extenso e demorado. A tecnologia é um desses exemplos, ampliou a visão de saúde no sentido de máquinas modernas e procedimentos diferenciados, mas não inventou nenhum aparato que torne a visão do homem mais sensível. O ato técnico elimina a dignidade ética.

Em contrapartida, em locais que não existam nenhum tipo de técnica, esse lugar se torna desumano, ou seja, a humanização e técnica precisam caminhar juntas. Assim funcionários e pacientes se beneficiam, pois existe compromisso e coletividade. Se o ambiente inclui humanização como fator de relevância, a progressão acontece não somente com os enfermos, mais também há uma modificação de motivação para toda a equipe, claro se administradores, enfermeiros, diretores estejam de forma harmônica e disposta. Humaniza SUS, o “Cuidando dos cuidadores”, “Doutores da alegria”, são provas concretas disso.

## OLHAR GESTALTICO

A Gestalt na arena hospitalar é uma abordagem de complexidade para lidar nesse campo, proporciona por vias e técnicas humanistas um aparato. Ela se enfoca na capacidade de contato, vínculo e dialogo como modificação e melhoria de sintomas. A Gestalt é uma abordagem integrativa, orientada para insight, visão Humanista, onde o homem deve ser o centro, seu potencial humano existencial e fenomenológica, com total suspensão apriorística

A Gestalt-terapia é uma abordagem com foco na relação dialógica. O diálogo é por nós entendido como fundamental para a existência humana e característica essencial da relação terapêutica (FREITAS, 2209<sup>a</sup>). Até porque é através dele que o vínculo poderá ser estabelecido e assim conseguir ajudar o paciente ou o cuidador a ter um olhar diferente sobre algo ou si mesmo. Considerando o paciente enfermo, a Gestalt trabalha com a ressignificação, resgate ao positivo, essas, são formas não de cura de doença, mas sim da melhoria intrínseca que consequentemente vai ajudar significativamente no seu quadro.

É sabido que com o Renascimento Cultural, especialmente com Descartes, foi permitido um retorno mais intenso á separação entre res cogitans e res extensa. O sagrado abre espaço para o material intenso

à separação entre o sublime - alma - e o denso e impuro - corpo. Com esta separação nasce o avanço dos manuais de anatomia, da ciência, e da medicina, que vão permitir o médico tratar a doença e não o doente (FOUCAULT, 2001). Esse estereótipo se reflete até hoje, trata-se a doença, como fundo e não a figura. Muitos profissionais da saúde sejam eles médicos, enfermeiros ou fisioterapeutas, focam-se tanto no seu trabalho em diagnosticar, inserir medicamentos, avaliar que esquecem muitas vezes de perguntar o nome do paciente, se algum acontecimento recente fez com que ele estivesse ali, não dão o trabalho nem de tocar no paciente, mostrando que não existe um diálogo igual, é preferido dizer nomes técnicos do que explicar ao paciente o que isso quer dizer. Essa não é uma ação do psicólogo, SER HUMANO é papel de todos. A Gestalt vê essas questões como forma de exclusão, a falta de escuta qualificada, a priorização em saber se o paciente terá um prognóstico ou não. Todas essas questões que acontecem no âmbito hospitalar o psicólogo frisa como já foi dito o Eu-tu não o Tu-Doença.

Apesar de todos os avanços e propostas de humanização de uma compreensão do homem desde a sua totalidade - encontrada na Organização Mundial de Saúde (OMS) e no Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro - no contexto de atuação em saúde é ainda o paradigma cartesiano de reparabilidade corpo-mente que tem prioritariamente motivado a atuação profissional, posicionando a existência humana como revelada apenas pela racionalidade lançando-a para fora das relações humanas (CASTRO, 2002).

E é exatamente isso que faz com que a visão do campo hospitalar seja vista erroneamente ou de forma distorcida. Como muitos filósofos afirmam e existem comprovações científicas o ser humano não é só corpo nem só mente, o ser humano é uma complexidade que não pode ser sistematizada. É aí que voltamos para o intuito maior da Gestalt independente de campo, o diálogo.

Inspirados na filosofia existencial de Martin Buber (1974; 1982), autores como Hycner e Jacobs (1997) vão refletir sobre a importância da relação dialógica para a constituição do humano e conseqüentemente, para todas as relações de cuidado Gestalt-terapia. O diálogo em uma relação psicoterápica se refere ao “contexto relacio-nal total em que a singularidade de cada pessoa é valorizada; relações diretas, mútuas e abertas entre as pessoas são enfatizadas” (HYCNER e JACOBS, 1997, p.30). Usar esse método como ferramenta de uso, não é tão simples, existem muitas dificuldades, dentre eles a rotatividade dos pacientes, a falta de privacidade para poder ter uma escuta qualificada, a entrada e saída de familiares, técnicos, enfermeiros e médicos, dentre demais empecilhos que dificultam esse processo que necessita de um vínculo para se estabelecer.

Segundo FREITAS (2009, pag. 87)

(. . .) dentro de uma perspectiva da Gestalt-terapia, todos estes elementos devem ser compreendidos como mundo, condição existencial do contexto relacional. Assim sendo, todas estas diferenças, interrupções, vínculos, podem ser trabalhados como abertura para novas significações, mediante a problematização de tais conflitos dentro do como o paciente se apresenta.

Deve lembrar que o dialogo seja em Gestalt ou não, não é uma opção do psicólogo, o Eu-Tu só aconteces se os dois permitirem. Não é porque a forma dialógica é a mais concreta e disposta a ajudar que deve forçar o paciente a querer isso. Assim como afirma Hycner e Jacobs ao dizer:

Ao abordarmos o outro em uma atitude Eu-Tu, não temos a garantia de que um encontro mútuo Eu-Tu irás se desenrolar. Posso me aproximar da outra pessoa com uma atitude genuinamente aberta à possibilidade de que tal movimento ocorra. No entanto, ele só poderá ocorrer se o outro disser “sim” a minha aproximação (Hycner e Jacobs, 1997, p. 104).

Por mais que seja função do psicólogo dar um aparato e auxiliá-lo em seu caminhar, a intervenção direta as vezes não é possível e está ligada a aceitação do sujeito como já foi citado. Deve-se estar atento e preparado para essas situações. O psicólogo deve se mostrar disponível e orientá-lo segundo o grau de urgência que aquela pessoa precisa. Vivenciar essa abordagem como psicólogo hospitalar não é diferente de estar nessa experiência com posicionamento em outras abordagens, mas ser Gestalt terapeuta é levá-la como filosofia de vida, o constato existe até no silêncio do outro. Este não estar para observar o corpo biológico e sim o corpo vivido, integrado e subjetivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicologia em geral é uma área em constante expansão, busca novos horizontes e qualifica a vida humana, foi com essa percepção que a esfera psicológica chegou aos hospitais, lugar visto de forma depreciativa por muitos que o percebem como um recinto de bactérias, medo, ansiedade, estresse e angústias.

A reflexão proposta no artigo nos mostra a total importância do profissional de psicologia nesta área que ainda foi pouco debravada. Além disso, a ciência psicológica traz consigo esse olhar sensível que chamamos de humanização que pode servir de referência para todos os colaboradores da saúde que ainda se mostram resistentes.

Por essas e outras, são inúmeros os desafios no ambiente hospitalar, faz-se necessário um posicionamento do psicólogo de forma mais rigorosa e otimista, para continuar estudando a cerca dessa área, impulsionando táticas criativas, manejos e intervenções para o benefício do próprio profissional, da equipe em geral, pacientes e também dos futuros profissionais da área da saúde, pois não importa o local que o fenômeno psicológico aconteça, a saúde mental e física do ser humano é o principal foco.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eliane Carnot. O psicólogo no hospital geral. **A psicologia Ciência e profissão**. 2000, v20, n3, pag. 24-27.

BATISTA, Makilim Nunes, DIAS, Rosana Righetto. **PSICOLOGIA**. BLEGER, José. **Temas de Psicologia, Entrevista e Grupos**. 42<sup>a</sup> ed. José Bleger WMF 2011.

BLOCK, A. M. B., Furtado, O E Teixeira, M de L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13 ED. Barra Funda – SP: Saraiva 2011.

BOCCALANDRO, Marina Pereira Rojas. Artigo, **O Amor na Relação Terapêutica e no Processo de Cura**. PSIC – Revista de Psicologia da Vetor Editora. Vol. 4. N<sup>a</sup> 1, 2003, São Paulo. pag 72-81.

BRASIL. Ministério da saúde. **Secretaria de Atenção à saúde. Departamento de Atenção Básica. Acolhimento à demanda espontânea / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2011. (Cadernos de Atenção Básica n<sup>o</sup> 28, volume I)

Cardella Paranhos Helena Beatriz. **O Amor na Relação Terapêutica, Uma visão gestáltica**. Por Editora Summus. São Paulo. 1994.

CARDOSO, C.; SEMINOTTI, N. **O grupo psicoterapêutico no Caps. Cienc. Saude** Colet., v.11, n.3, p.775-83, 2006. Conselho Regional de Serviço Social & Conselho Federal de Psicologia.(2007).

FEIST, J., & FEIST, G. J., (2008). **Teorias da Personalidade**. Sexta edição. USA: McGraw Hills Interamericana.

FERNANDES, Sheyla C. S. / Pimentel, Carlos Eduardo / Gouveia, Valdiney V. / Álvaro, José Luiz. **Psicologia Social: Perspectivas Atuais e Evidências Empíricas** – Casa do Psicólogo.

FIORINI, Héctor Juan. **Teoria e Técnica de Psicoterapias**. Ed: ampl. São Paulo: Martin Fontes, 2004 (Coleção Psicologia e Pedagogia).

JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia da transferência**. Petrópolis: Vozes, 2008. (Obras Completas de C.G. Jung; v. 16).

MOREIRA, Jaqueline de Oliveira; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho e NEVES, Edwiges de Oliveira. **O Surgimento da clínica Psicológica: Da prática Curativa aos Dispositivos de Promoção da Saúde**. Psicol. cienc.prof. [online]. 2007, vol.27, n.4.pp 608-621. ISSN 1414-9893.

MÜLLER-GRANZOTTO, Marcos José & Rosane Lorena. **Clínicas Gestálticas**. São Paulo: Summus, 2013.

NEIVA, Kathia Maria Costa. **Intervenção psicossocial: aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas** \ Káthia Maria Costa Neiva, - São Paulo: Vetor, 2010.

PINHO, M.C. **Trabalho em equipe de saúde: limites e possibilidades de atuação eficaz**. Cienc. Cognição, v.8, p.68-87, 2006.

# CONFLITOS E RESOLUÇÕES DE CONFLITOS EM AMBIENTES ADMINISTRATIVOS HOSPITALARES

*Paula Moreira Tavares<sup>1</sup>*

*Oséias da Silva Iapechino<sup>2</sup>*

## RESUMO

O presente artigo trata de contextualizar o significado de negociação abordando como ramificação principal deste termo a Negociação Hospitalar. Em sua complexidade por tratar de vários conflitos referentes a ideias, objetivos e “jogos de egos” dentro de um mesmo ambiente administrativo hospitalar. O posicionamento e a formação de frentes de liderança são pontos essenciais para trabalhar uma negociação efetiva nesta gestão. A sensibilidade destes e inteligência emocional para trabalhar estes conflitos são de suma relevância e indispensáveis para o êxito empresarial tratado. Foi realizado um levantamento de bibliografias temáticas e estudos de caso para o desenvolvimento deste artigo.

**Palavras-Chave:** Conflito; resolução de conflito; negociação; administração hospitalar; liderança.

---

1 Mestranda em Dirección y Administración, pela Universidade De La Empresa (UDE), Montevideo – Uruguay. MBA em Administração Hoteleira e Alimentos e Bebidas pelo UFJF/SENAC (2004). Email: paulap.tavares78@gmail.com

2 Doutorando em Administração pela Universidad Columbia, Asunción – Paraguay; Mestrando em Marketing e Direção Comercial, pela Universidade De La Empresa (UDE), Montevideo – Uruguay. MBA em Marketing Político e Comunicação Eleitoral pela FAIARA (2018); MBA em Gestão Administrativa e Marketing pela ESAB (2009); Especialista em Marketing pelo Mackenzie (2008) e Publicitário pela UFES (2007). Email: oseiasiapechino@gmail.com

## RESUMEN

El presente artículo contextualiza el significado de negociación abordando como ramificación principal de esse termo, la Negociación Hospitalaria. Em su complejidad por tratar de varios conflictos referentes a las ideas, objetivos y “juegos de egos” dentro de un mismo ambiente administrativo hospitalario. El posicionamiento y la formación de los frentes de liderazgo sun puntos esenciales para trabajar una negociación efectiva en esta gestión. La sensibilidad de esto liderazgo y inteligencia emocional para trabajar estos conflictos sun de suma relevancia y indispensables para el éxito empresarial tratado. Se ha realizado un levantamiento de bibliografías temáticas y estudios de caso para el desarrollo de este artículo.

**Palabras clave:** Conflicto; resolución de conflictos; negociación; administración hospitalaria; liderazgo.

## INTRODUÇÃO

Negociação é um acordo de mesmo interesse ou não, que tem como finalidade alcançar objetivos mediando conflitos gerados por pensamentos, ideias, posições e interesses distintos.

Para CUNHA (2013, p. 133)

Definir negociação significa ter-se presente que se capitalizam os meios de resolução de um problema através do diálogo e de forma civilizada. A negociação procura solucionar o conflito de forma que a solução encontrada se revele satisfatória para todos os implicados; consiste num processo de resolução de um conflito entre duas ou mais partes opostas, mediante o qual todas as partes alteram as suas exigências, com vista a alcançarem um compromisso sentido como aceitável por todas. Apesar de tudo o que se disse, nem sempre se torna possível resolver um conflito mediante a negociação, uma vez que existem conflitos que não podem e nem devem resolver-se mediante a via negocial.

De acordo com SHELL (2001, p.09 apud Ferraz 2015, p.09), “Negociação é o processo de comunicação que ocorre quando queremos algo de outra pessoa ou quando outra pessoa quer algo de nós”.

É muito comum e quase inevitável que ocorram vários tipos de negociação no dia a dia de cada pessoa, tanto no trabalho, em casa ou mesmo no meio social.

Na Gestão Hospitalar a negociação é extremamente complexa por existir diferentes frentes de liderança, o que gera incertezas sobre qual ou quais as decisões certas a serem tomadas e de que maneira e momento serão mais assertivas às necessidades de todas as equipes dentro da organização. Além de que, em geral, há uma preocupação e cuidado em negociar evitando conflitos.

Dominar técnicas de negociação pode ser extremamente eficaz para qualquer tipo de pessoa em situações distintas do cotidiano. Negociar, mesmo que seja o básico, é uma questão de sobrevivência na vida do indivíduo.

Ao se tomar uma decisão importante que envolva qualquer área: trabalho, relações afetivas, amizades, filhos, etc; é provável que não dependa somente de você, mesmo que esteja no comando. O fato é que havendo mais pessoas envolvidas, naturalmente haverá questionamentos, pesquisas, decisões e objeções que envolvam “casos” de distintas naturezas que está sendo tratado e que leva aos mais diferentes resultados.

No caso dos hospitais não se trata somente do número de pessoas envolvidas, como também dos interesses que não são os mesmos, embora o objetivo seja comum. Será mesmo que a equipe médica e a equipe de enfermagem juntamente com o corpo administrativo trabalham em busca de um mesmo objetivo?

Existe, comprovadamente, uma dificuldade muito grande em negociar, mesmo que esta seja executada diariamente. Esta dificuldade encontra-se pela falta de objetividade e domínio das emoções vivenciadas pelos indivíduos que quase sempre não se encontram preparados com as técnicas de negociação e que acabam por se sentir incompetentes e frustrados pela falta de êxito.

Para MILLS (1993, p.149 apud MARTINELLI & ALMEIDA 1998, p.29):

Para se tornar um mestre em negociação é importante planejar o processo de negociação, focalizando os objetivos a serem alcançados e ignorando eventuais posições que possam emperrar a conciliação dos interesses envolvidos. A partir disso, procura-se conhecer as prioridades, interesses e necessidades próprias e da outra parte, o que pode ser conseguido por meios de várias conversas ao longo da negociação. Vale lembrar que, neste processo, ouvir atentamente ajuda a refletir sobre todas as informações obtidas e analisar as estratégias e comportamentos que devem ser adotados.

As técnicas para uma boa negociação envolvem várias etapas como: O que você perde ao não saber negociar, estilos estruturais de negociador, tipo de negociação, motivadores de negócio, triunfos ao se negociar, criação de outras alternativas ou planos, autoanálise, análise do oponente, metas e estratégias, gestão de conflitos, criação de vínculos, perguntas e atenção às respostas, propostas, ajustes e encerramento do acordado.

A melhor alternativa para negociar é ser flexível e criativo para buscar o melhor acordo, utilizar o tempo a favor do processo, não permitindo que soluções sejam firmadas pela simples necessidade de se concluir uma negociação. Além disso, testar ações como propostas condicionais, curtas, fazendo contrapropostas instantâneas, explorando várias opções, aumentando o número de variáveis que criam mais opções de ganhos mútuos e permitem melhores chances de acordo nos quais todos ganhem. (MILLS, 1993, p.149 apud MARTINELLI & ALMEIDA 1998, p.29).

Nas unidades de saúde, a administração das negociações são muito complexas como vistas anteriormente, o que exige das frentes de liderança uma imparcialidade e inteligência emocional ao lidar com as diferenças, além de ser necessário aplicar todas as ações ditas por Mills na citação acima.

O objetivo de se alcançar uma negociação exitosa não é só alcançar uma meta específica em que se limita a um caso em particular, como também evitar conflitos neste meandro, que nada mais é que a falta de entendimento das partes envolvidas no processo que podem levar a insatisfação, frustração, discórdia, arrependimentos, enfim, vários sentimentos negativos que destroem a relação de negociação.

## AS ETAPAS DA NEGOCIAÇÃO, SEGUNDO FERRAZ (2015)

### *Onde leva não saber Negociar*

Não saber negociar pode levar a vários agravantes na vida do indivíduo que necessita praticar este exercício diariamente. Pontuamos os problemas de não saber negociar como:

- **Redução da produtividade** (a capacidade de produzir de antes, reduz visivelmente);
- **Perda da autoestima** (a falta de capacidade de se auto valorizar e a perda da vaidade);
- **Conflitos e afastamento afetivo** (os momentos de lazer com esposo, filhos e / ou amigos perdem a qualidade);
- **Perda de controle** (não consegue administrar a vida pessoal e o dia a dia);
- **Estresse, cansaço físico e mental** (a sensação de estar sempre cansado);
- **Frustração** (causada pela falta de eficiência no ambiente de trabalho);
- **Falta de comprometimento e / ou produtividade profissional** (a ineficiência no trabalho leva a perda do respeito e conseqüentemente a perda da credibilidade e da capacidade de impor limites);
- **Perda do controle** (causa a impulsividade e descontrole na execução das ações do cotidiano da empresa);

Muitos destes problemas são cometidos pela falta de prática para negociar, ter aversão a conflitos, vergonha de se defender e falta de informação; características também, bem brasileiras arraigadas a uma cultura em que ser muito impositivo pode ser deselegante e antissocial.

### *Tipos de Negociador*

- **Competitivo:** que gosta de competir a todo tempo, inclusive fora do ambiente de trabalho. São pessoas determinadas e que não gostam de perder em hipótese alguma;
- **Pontos negativos:** são egoístas, pode gerar conflitos e ignorar os interesses do oponente;
- **Cooperativo:** sempre coloca os outros em primeiro lugar e evita conflitos. São pessoas gentis, flexíveis e que gostam sempre de agradar e manter um espírito de cooperação;
- **Pontos negativos:** pode ser visto como submisso, não é respeitado por não impor respeito e normalmente não defende seus interesses;
- **Impaciente:** ansiosas, apressadas e sem tempo para nada, muitas vezes perdem o foco por ter muitas atividades ao mesmo tempo. São pessoas que não gostam de esperar e que geralmente resolvem rapidamente os entraves;
- **Pontos negativos:** precipitado, não sabe ouvir e não pensa antes de agir;
- **Perfeccionistas:** detalhistas e lentos nas tomadas de decisão são extremamente críticos e ligados às regras, geralmente desconfiados e formais;
- **Pontos negativos:** são inflexíveis e pela lentidão muitas vezes travam o sistema de trabalho;
- **Sedutor:** sociável, negocia emocionalmente, extrovertido e muito afetivo;
- **Pontos negativos:** muitas vezes manipulador, pode falar de boca para fora e parece sempre ser uma pessoa superficial.

### *Tipos de Negociação*

Segundo FERRAZ (2015), “negociação é uma troca! Quanto mais atrativa for a minha oferta, mais fácil será alcançar meus objetivos”.

Existem as Negociações:

- **Acidental** (pouca relevância já que não há relação entre as partes);
- **Cooperativa** (pouca relevância, mas existe ganho entre uma das partes);
- **Equilibrada** (alta relevância em que todas as partes saem ganhando);
- **Utilitária** (alta relevância, mas sem haver relação entre as partes).

As pessoas necessitam de estímulos para negociar. Estes estímulos geralmente estão mais ligados às emoções do que a razão. São eles:

- **Ganhar dinheiro:** o principal objetivo é ganhar dinheiro. Aceita riscos e desafios e possuem alta tolerância às frustrações;
- **Evitar perdas:** possuem medo de perder em qualquer área da vida. Geralmente investem com baixo risco de erros e tomam decisões conservadoras;
- **Comodidade:** evitam aborrecimentos e qualquer tipo de burocracia, tendem a ter praticidade e tolerância, priorizando sempre o que causa mais conforto;
- **Prazer:** a motivação é o mais forte, conhece profundamente o seu trabalho, gosta de debater e falar com detalhes sobre ele;
- **Reconhecimento:** é motivado quando é reconhecido, vaidoso e otimista, gosta de trabalhar com pessoas bem sucedidas;
- **Altruísmo:** geralmente religioso, gosta de ajudar os outros com trabalhos voluntários, preocupa-se com a necessidade das outras pessoas e não esta somente preocupada com o lucro quando trabalha com o que realmente gosta.

### *Vantagens ao negociar melhor*

Quanto mais vantagens, maior a possibilidade de atingir melhores objetivos. É necessário possuir pelo menos uma destas vantagens, mas quantas mais vantagens o indivíduo possuir, maior a chance de se obter uma negociação de sucesso.

Temos como vantagens:

- **Expertise** (capacidade técnica ou habilidade para uma área específica). É ser especialista em um determinado assunto e aumentar a credibilidade das pessoas em relação aos seus posicionamentos, opiniões;
- **Credibilidade** (conquistada com tempo de trabalho). É ser uma referência facilmente acessível em que qualquer pessoa tenha acesso ao que você já fez e já conclui com o tempo sendo exemplo de total credibilidade;
- **Poder** (pode ser tanto social como material). A credibilidade do indivíduo encontra-se no ter, ascensão social, bons relacionamentos, dinheiro;

- **Talento natural** (naturalmente talentoso). É possuir habilidades artísticas, habilidades sociais, habilidades esportivas, habilidades intelectuais, habilidades profissionais;
- **Padrões** (referências numéricas do mercado), que são quesitos importantes e vantajosos para garantir maior sucesso na negociação. Um exemplo, ao comprar uma casa no bairro X, como saber se o valor é justo? Através de pesquisas que indicarão a média de valores do imóvel no bairro “um padrão de valor”.

Contudo, a falta de empatia, incoerência, arrogância, despreparo, falta de comprometimento, impulsividade e desequilíbrio das emoções podem prejudicar a negociação, mesmo que o indivíduo tenha as vantagens necessárias para se obter o sucesso do negócio.

### MELHOR ALTERNATIVA À NEGOCIAÇÃO DE UM ACORDO – BATNA

A BATNA é indispensável para se obter melhores resultados em uma negociação, pois estuda e busca outras alternativas para assegurar e fortalecer sua posição e poder de negociação. Nos termos populares, Batna nada mais é, que o plano B já predefinido e estudado caso seja necessário colocar em prática.

Exemplificando BATNA: O que fazer se não fechar o acordo e der tudo errado? É sempre importante ter em mãos o Plano B, que seria avaliar no planejamento todas as possibilidades antecipadamente para não aceitar propostas que não sejam vantajosas. O estudo prévio é importante para analisar as melhores alternativas a serem colocadas em prática tendo a segurança que esta pegando o melhor caminho sem se sentir ameaçado e fraco no momento em que são tomadas as decisões.

#### *Elaboração*

Quanto maior for o tempo gasto com a elaboração, maior será a segurança em negociar e ter êxito.

É necessário para uma boa elaboração 5 pontos, são eles:

- **Autoanálise:** alto conhecimento dos seus pontos fortes e fracos para saber trabalhá-los a seu favor. Usando sempre suas potencialidades e controlando os pontos negativos;
- **Análise dos seus oponentes:** observa-se que no momento da negociação quando as partes demonstram empatia e se preocupam com o êxito do oponente também, é facilitado o fechamento dos negócios de maneira positiva;
- **Definindo Metas:** as metas são tarefas específicas utilizadas para alcançar objetivos. Estas metas devem ser estudadas e predefinidas com clareza antes de serem colocadas em prática.

Para atingir uma meta desejável é necessário avaliar:

- Tipo de negociador;
  - Motivos da negociação;
  - Quais as vantagens para a negociação;
  - Quais são as fraquezas;
  - Plano B (BATNA);
  - Com quem irá negociar.
- **Habilidades para Concessões:** Toda negociação requer trocas – concessões, mas quanto mais fortes forem suas BATNAS, menores serão as concessões a se negociar. A cada concessão peça algo em troca para obter maior sucesso ao negociar.
- **Administrando Conflitos:** Quanto maior a complexidade de uma negociação, maior será o número de dificuldades a serem administradas com a finalidade de evitar conflitos.
- Existem muitas pessoas que acreditam que a omissão é a melhor solução para evitar conflitos, mas acabam por não solucionar os impasses e aumentam ainda mais os problemas futuros. Esta dificuldade geralmente ocorre quando o oponente é uma pessoa difícil.

São características comuns de pessoas difíceis: não saber escutar, não ter empatia, não fazer concessões, agressividade, intolerância, egoísmo, críticos e intimistas.

Quando seu oponente é uma pessoa difícil, a negociação deve sofrer uma elaboração antecipada de como vai agir no sentido de aplicar algumas metodologias como: manter-se frio, calmo, não ceder a pressão, não desanimar, ser persistente, saber o momento de atacar e contra atacar, neutralizar a agressividade dos colegas, entre outros. Buscar de maneira inteligente formas de atingir o objetivo esperado, reduzindo o conflito e tentando manter a melhor relação possível com o oponente.

## **Ação**

A Ação é colocar em prática todos os processos estudados para atingir o sucesso nas negociações, através do:

- Vínculo, forma de se aproximar do oponente na tentativa de criar um clima de maior confiabilidade;
- Saber ouvir e fazer perguntas;
- Apresentação da proposta e apontamento de todos os benefícios;
- Ajustes e adequações necessárias;
- Encerramento – fechamento do acordo.

Após abordarmos todas as etapas da Negociação na busca de melhor entendimento e funcionamento para se obter um acordo mais exitoso, o presente artigo tratará da negociação e as relações conflituosas existentes na gestão hospitalar envolvendo Administrador X Corpo Médico nas unidades de saúde.

## **NEGOCIAÇÃO X CONFLITOS NOS AMBIENTES HOSPITALARES**

As organizações hospitalares sofrem uma mudança forte em sua estrutura e passam a trabalhar como verdadeiras empresas em busca

de lucratividade, buscando oferecer serviços cada vez mais eficientes e profissionais para enfrentar a concorrência de mercado. As empresas – Hospitais assumem moldes capitalistas exigidos pelo novo mercado para sobreviverem.

Nos espaços Hospitalares como em outras organizações, o ambiente de trabalho é bombardeado por conflitos diários que devem ser negociados na direção de se alcançar o mesmo objetivo – sucesso da empresa. O que ocorre é que a gestão hospitalar é muito complexa porque envolve duas áreas distintas e predominantes que se fundem e se divergem com ideias diferentes. São elas: os gerentes que trabalham a lucratividade da empresa, voltados à qualidade de serviços, colaboradores e hotelaria; e o corpo médico e enfermeiros que estão voltados totalmente ao operacional e aos pacientes – clientes.

São duas vertentes que trabalham juntas, mas que lidam com coisas antagônicas. De um lado a missão de preservar a vida a qualquer preço e o outro, a racionalização do processo de gestão.

Neste caso, para alcançar o sucesso da organização, a medição dos conflitos é o maior exercício que deve ser exercido durante a negociação entre estas vertentes antagônicas. Delimitando a liderança entre ambas e colocando o respeito entre elas como fator essencial para o funcionamento da instituição.

A verdadeira questão é que muitas vezes o “jogo de egos”, de quem tem mais poder e quem pode mais, deixam de lado o real objetivo que seria o sucesso da empresa, para questões de quem vence em um determinado lado da premissa.

## GESTÃO DE CONFLITOS

Os conflitos são inevitáveis para impulsionar o desenvolvimento, como também são fatores naturais em toda relação humana, ou seja, não existe relacionar-se sem que ocorram divergências, já que um indivíduo pensar diferente de outro indivíduo é perfeitamente natural e comum.

Conflitos são frutos de uma diversidade de interesses que divergem entre si e quando tratados de maneira saudável são benéficos para estimular a criatividade e as ações de uma organização impulsionando o trabalho e participação tanto das equipes, como das suas lideranças.

A participação cooperativa é vista como uma forma eficaz para solução dos conflitos, equilibrando os interesses divergentes da negociação.

A capacidade de enfrentar e resolver os conflitos estão diretamente ligados à habilidade de gerir a negociação, negociando os posicionamentos junto aos interesses de grupos e indivíduos.

As organizações hospitalares são uma complexa teia de conflitos gerada pela interligação de interesses distintos que se unem com o intuito de alcançarem um objetivo comum. Estes conflitos na área da saúde geralmente são gerados pela discordância entre: as autoridades formais (duas frentes de liderança distintas), regras e regulamentos que nem sempre acompanham as necessidades urgentes do corpo clínico, delimitação de limites de cada liderança dentro da mesma organização (administrativo X corpo médico), controle de recursos (prestação de contas aos investidores e busca da lucratividade X incompreensão médica diante das necessidades e dos fatos), controle das tomadas de decisão com visões muitas vezes opostas e muitos outros apontamentos.

Trataremos aqui a forma de administrar os conflitos dentro da organização Hospitalar. Neste caso, são tão complexos e sensíveis os conflitos enfrentados, que muitas vezes parece que não estamos tratando de uma mesma empresa. Como vimos anteriormente, trata-se de vertentes distintas, que muitas vezes querem seguir caminhos distintos e acabam gerando muitos atritos.

A gestão hospitalar nos moldes antigos desta organização eram geridos pelo corpo médico que geralmente não são preparados para atuar na área administrativa. Com a alteração do perfil do negócio – Hospital como empresa, uma nova visão de gestão obrigou o sistema a adotar especialistas na arte de gerenciar. Em todo caso, o corpo médico não pôde desvincular totalmente da administração como visto anteriormente, criando uma linha tênue que envolve resolução de conflitos de maneira integrativa.

A solução integrativa, segundo MARTINELLI & ALMEIDA (1998, p.55) é mais favorável, pois oferece a esperança de satisfazer completamente ambas as partes.

Este método não oferece barganha de posições, em que um cede para conseguir algo do outro, nem possui tentativas de imposição de algo de uma pessoa sobre a outra, nem comprometimentos indesejados, mas que não possam ser evitados. Em vez disso, a solução integrativa de problemas busca encontrar a solução que serve completamente aos interesses de cada uma das partes envolvidas.

Para HODGSON (1996, p. 216 apud MARTINELLI & ALMEIDA 1998, p.70) negociar em situação de conflito exige:

- Buscar focar na solução dos problemas (na Gestão Hospitalar pode haver uma dificuldade neste sentido derivada da disputa de egos entre as lideranças, o objetivo real de solucionar o problema é deixado de lado no intuito de provar quem tem o poder);

- Saber ouvir (que não deixa de ser, respeitar o outro. Geralmente as partes estão tão focadas em expor suas ideias que esquecem de escutar seus oponentes);
- Fazer perguntas (no intuito de compreender a outra parte, além de escutá-la e buscar mais informações para poder usar a seu favor. Uma forma também de se aproximar mais do adversário);
- Manter a mente aberta de ambos os lados (buscar flexibilidade e lembrar das diferenças e prioridades do outro, buscando a melhor solução e o respeito entre as partes – política do bom relacionamento);
- Movimentar-se para obter progresso (compreendendo que trata-se de áreas distintas e que ambas devem entrar em um acordo e mover-se para uma mesma direção, não ficar na inércia e buscar sempre a pro atividade);
- Concentrar-se em negociar uma solução, esquecendo-se da distinção das áreas envolvidas na negociação, focando no objetivo maior, o sucesso da empresa no mercado diante ao capitalismo.

Os autores, MENDES; MAYOR; FRANCISCO; SILVA & CAPELI (2000, p. 451), escrevem que quando são aplicados programas de treinamento e de desenvolvimento pessoal, com foco na área técnica, dentro das unidades de saúde, se deparam com a questão da comunicação como fator importante para resoluções de conflitos. Eles ressaltam que os seres humanos compreendem e lidam com a comunicação de maneiras diferentes.

“Vivenciamos formas diferentes de comunicação, que expressam múltiplas situações pessoais, interpessoais, grupais e sociais de conhecer, sentir e viver, que são dinâmicas, que vão evoluindo, modificando-se, modificando-nos e modificando os outros.” MENDES & (...) (2000, p.451)

E essa relação perpassa de maneira a complementar o trabalho dos agentes de saúde.

“Na área de saúde, a comunicação é fundamental para saber lidar com gente, pois os profissionais desta área constantemente deparam com situações de conflitos originados de uma atitude não compreendida ou mesmo de uma reação inesperada; isto porque tem-se como base do trabalho as relações humanas com o paciente ou equipe multidisciplinar” (SILVA, (1996) apud MENDES e (...), 2000, p. 451).

Por isso os autores MENDES & (...) (2000, p.451) compreendem que

“Nesse clima de muitas incertezas e conflitos, tornaram-se necessárias mudanças administrativas, tendo sido, então, viabilizado um programa de sensibilização do grupo para enfermeiros, com proposta de resgate do seu valor individual, potencializando seu papel institucional e auxiliando na adequação desse profissional à equipe de trabalho.”

Podemos, então, acrescentar essas novas possibilidades e potenciais cenários de conflitos dentro dos ambientes hospitalares, que o administrador precisa ver e buscar meios para resolver, talvez, por treinamentos específicos, visar o atendimento do corpo médico e da enfermagem com os seus pacientes, salientando a comunicação entre as partes.

Neste contexto conflituoso é necessário valer-se de um espírito de liderança forte, flexível, inteligente e respeitoso para ter o poder de mediar esta teia de interesses e conflitos diferentes dentro de mesma organização.

## CONFLITO: ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR X CORPO MÉDICO (ESTUDO DE CASO)

Os conflitos são muito comuns e naturais dentro das organizações como foi tratado anteriormente. No entanto, na área de saúde, mais precisamente nas organizações – Hospitais, estes conflitos tendem a terem uma maior complexidade por envolver distintas lideranças que se ocupam da gestão hospitalar. São elas: líder administrativo X líder corpo médico.

Exemplificando na prática este fato é, quando um médico executa um procedimento através de uma má conduta, o setor administrativo tenta solucionar o fato de duas maneiras, ou resolvendo diretamente como o médico ou buscando os supervisores da área, estes procedimentos adotados pelo administrativo serão solucionados de acordo com a relação de afinidade com os profissionais do corpo médico ou de acordo com cada indivíduo em particular, variando também o grau de rigidez aplicado na tentativa de correção do erro.

Já o setor técnico de enfermagem, por exemplo, quando presencia um erro médico, geralmente obedece à hierarquia da posição profissional, “o médico” e somente depois irá reportar o acontecido ao seu supervisor. Se o problema persistir será encaminhado à diretoria clínica e depois ao setor administrativo.

Os conflitos que envolvem médicos, enfermeiros e administrativo; a solução para resolução de conflitos é tomada de acordo com a hierarquia de cada área. Caso estas atitudes para solucionar conflitos não prejudiquem o campo da outra, são independentes para proceder como quiserem. Liberdade de atuação.

Exemplificando, um médico pode atuar livremente desde que não prejudique o setor administrativo, como também o setor de enfermagem. E assim, funciona tanto para a administração como para a enfermagem.

Desta forma é como se não existissem conflitos entre estas áreas que possuem uma relativa “independência”. Uma divergência entre interesses velada e quase superficial, visto que o médico é um trabalhador autônomo, sem vínculo empregatício com a unidade, limitando os poderes do hospital em exigir maior participação e responsabilidade do médico.

Esta falta de comunicação e muitas vezes um apontamento de conflito claro, impede a busca de soluções precisas e eficazes para por fim aos problemas e fraquezas da organização, levando prejuízos operacionais aos outros setores e afetando diretamente o rendimento da empresa, muitas vezes refletindo na qualidade de serviços, satisfação dos pacientes – clientes e lucratividade.

Somente com lideranças imparciais e efetivas tanto no setor administrativo como no corpo médico, trabalhando em sintonia e com responsabilidade, respeitando as diferenças na busca de alcançar um mesmo objetivo, alcançaria uma gestão hospitalar concisa e capaz de enfrentar a competitividade do mercado capitalista.

## A LIDERANÇA

O processo de liderança quando representado por um “bom líder” na gestão Hospital é que possibilitará a harmonia e sucesso da empresa.

O líder deve construir como base uma relação de confiança entre os envolvidos, não podendo esquecer que na gestão hospitalar haverá líderes de áreas bem distintas; líder administrativo e líder do corpo médico, que deverão trabalhar em equipe e perfeito equilíbrio.

Para DAVEL & MACHADO apud VENDEMIATTI & (...), o centro da relação entre líderes e liderados é movido pelo poder, cognição e emoção. O equilíbrio desses fatores é desenvolvido pela liderança através do ordenamento de significados das demandas da organização e dos

anseios dos envolvidos, que devem gerar processos de identificação. Nesse sentido, o processo não é orientado pela autoridade, mas primordialmente pela negociação dos limites possíveis entre os desejos individuais e os objetivos organizacionais, que geram consentimento e legitimam a atuação do líder.

A função do líder é saber mediar para solucionar os problemas que terá como facilitador o nível de confiança da equipe envolvida. Para ZAND apud VENDEMIATTI & (...), “A confiança e a credibilidade modulam o acesso do líder ao conhecimento e à cooperação”.

Cativar e conquistar a confiança dos seguidores apresenta-se também como um desafio, uma vez que esta se apoia na idoneidade da relação. Nesse sentido, a transparência e a ética constituem-se em fatores importantes, uma vez que indivíduos desonestos que buscam somente a satisfação de interesses individuais não sustentam tal perspectiva. (ZAND apud VENDEMIATTI & (...), 2010, p. 1305)

No âmbito hospitalar, o líder e o papel do líder são bastante complexos. A liderança exercida pelo médico, por exemplo, envolve tanto à execução dos procedimentos médicos como ações administrativas voltadas a sua função em que não são possíveis consultas e autorizações (geralmente fator gerador de conflitos).

Surgindo desta divergência de gestão, a necessidade de mediar às relações de interesses através da liderança administrativa que antes só tratava dos interesses dos colaboradores e das funções administrativas. Agora o líder administrativo que buscava somente a lucratividade e produtividade, além da qualidade por meio da padronização dos serviços, assume um papel bem mais político e que exige muito mais controle e inteligência emocional para trabalhar esta adversidade de papéis.

Para a autora URIBE RIVERA apud VENDEMIATTI (...) (2010, p. 1305), “afirma que a comunicação e a negociação são instrumentos decisivos na gestão contemporânea em busca da governabilidade de uma organização de alto grau de complexidade, como a hospitalar”.

Conclui-se assim que a negociação na gestão hospitalar é Cooperativa. Segundo FREUND (1992, p. 26), quando os oponentes se concentram nos verdadeiros interesses sem se preocuparem com a posição, sendo objetivos e criativos, chegando a acordos inteligentes, sem prejudicar nenhuma das partes.

A relação saudável e inteligente entre as lideranças administrativa e corpo médico são fundamentais, mesmo que os interesses de negociação sejam distintos e os conflitos surjam naturalmente é essencial concentrarem-se em que o objetivo é sempre igual, o bem e a produtividade da organização.

## CONCLUSÃO

A nova visão de Gestão Hospitalar no mundo capitalista pós 2º. Guerra Mundial, passou de empresa filantrópica para empresa privada em que busca a lucratividade e garantir uma posição e sobrevivência no mercado competitivo.

Diante desta nova posição “Hospital Empresa” e das dificuldades enfrentadas no mercado cada vez mais estreito, as unidades de saúde passaram a buscar maior profissionalização dos seus serviços em todos os setores, desde o corpo médico (médicos e enfermeiros), como também na área de hotelaria e gestão. Foram realizados investimentos em tecnologia avançada e inovação de equipamentos e serviços para assegurar uma maior fatia de mercado.

Sendo assim, a gestão hospitalar passa a ser representada por especialistas que buscam a lucratividade da organização e dos investidores, como também na execução técnica das atividades regulares das unidades.

No entanto, existe outra frente de liderança nas unidades de saúde, o corpo médico (médicos e enfermeiros). Estes nem sempre conseguem responder aos protocolos da administração da organização, além de terem o juramento e os fatores éticos naturais da sua profissão que devem ser seguidos. Inicia-se assim, conflitos muitas vezes velados e

muitas vezes explícitos que também são envolvidas pelo jogo de egos, de quem pode ou tem mais poder.

A complexidade da Gestão Hospital é tamanha que gera conflitos ininterruptamente que somente um líder imparcial e com muita destreza na área administrativa consegue ter êxito com a liderança do corpo médico. Relação esta, necessária para que a empresa tenha sucesso e consiga ter um papel representativo no mercado atual.

## REFERÊNCIAS

ALBRECHT, Karl. **Agregando valor à negociação**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1995.

FREUND, James C.; GONÇALVES, Luiz Roberto Mendes; MORIYA, Ieda. **A arte da negociação**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

LONG, Brian G.; RECK, Ross R. **A negociação ganha-ganha: como negociar acordos favoráveis e duradouros**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

MARTINELLI, Dante P.; ALMEIDA, Ana Paula de. **Negociação e solução de conflitos: do impasse ao ganha-ganha através do melhor estilo**. São Paulo: Atlas, 1998.

PINTO, Eder P. **Negociação orientada para resultados : a conquista do entendimento através de critérios....** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

TRUMP, Donald J.; SCHWARTZ, Tony; CARVALHO, Norma Pinto de. et al. **Trump : a arte da negociação**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

\_\_\_\_\_. CUNHA, Pedro; MENESES, Rute e OLIVEIRA, Manuel Cardoso de. **Gestão de conflitos na área da saúde: uma proposta de reflexão**. *Arq Med* [online]. 2013, vol.27, n.3, pp.132-134. ISSN 2183-2447.

\_\_\_\_\_. BINOTTO, E.; FILARDI, F.; SIMONI, F.; SIQUEIRA, E.; VENDEMIATTI, M. **Conflito na gestão hospitalar: o papel da liderança**. Scilo Saúde Publica: 2004.





Esta obra foi composta em papel avena 80g e fonte Bookman Old  
Stlye, em novembro de 2020, para a Editora Edições Superiores.  
Impressa pela gráfica Laser Plus.





Para fomentar a pesquisa, impulsionar o intercâmbio com instituições de ponta e ter acesso a experiências exitosas no campo do ensino, o IESLA-ESJUS saiu na vanguarda neste segmento, iniciando, há 14 anos, o Projeto de Internacionalização – uma parceria importante com universidades europeias, americanas, latino-americanas e asiáticas, mediada pelos fundadores do grupo, Dra. Sara M. A. Gouveia Bernardes, Dr. Joaquim Miranda e colaboração direta pelo diretor, Dr. Sear-Jasube Gouveia Alves e pelo vice-presidente, Dr. Cilas Bernardes Rosa. O IESLA-ESJUS é referência nacional e internacional da graduação ao pós-doutorado, oferecendo pesquisa e ensino de excelência.

